FON FON
ANNO XXIII — Nº 13
Rio, 30 de Março de 1929.
Preço: 1$000

A fonte da eterna belleza

e da alegria de viver, é o somno são e reparador. Um pezar é mais facil de ser removido quando nos refugiamos sob o manto protector do somno que nos faz esquecer mais depressa as dôres e miserias da vida. Não vacillae! Não temei a noite! Dois comprimidos Bayer de Adalina proporcionarão tranquillidade aos vossos nervos e um somno são e profundo.

DESANIMO CONTAGIOSO

O desanimo é contagioso. Deve-se, por isso, distanciar-se sempre, das caras desalentadas, dos individuos que, molengos e sem vontade, vivem se encostando até na sombra dos outros. Levantam-se da cama como se não tivessem dormido e da mesa como se não tivessem comido. Nem mesmo um bello dia de sol os faz encarar a vida com um pouco mais de energia. Sempre ennublados, vivem abatidos e desalentados, com o aspecto de "cafeteiras" amassadas. Trata-se, geralmente, de individuos victimas de perturbações digestivas e desfalcados em saes de calcio. Basta regularisarem a alimentação e fazerem uso da deliciosa Candiolina Bayer, (dois tabletes por dia), para se sentirem revigorados, livrando-se, completamente, do desanimo que os acabrunha e contamina os outros... até por acção de presença!

ESMERILHANDO VALVULAS

Os motoristas preoccupam-se com toda razão de mandar esmerilhar, de vez em quando, as valvulas do automovel. Alguns aproveitam o dia de folga para fazer o mesmo com o seu proprio motor, tomando um laxativo que lhes refresca os intestinos. Identico cuidado periodico deviam merecer as vias urinarias, por onde são eliminados muitos residuos do organismo. Com o uso dos comprimidos Bayer de Helmitol que, dissolvidos em agua com assucar, se transformam em deliciosa limonada, lavam-se os rins e bexiga, eliminando os uratos nelles contidos. Deste modo estes orgãos ficam em melhores condições de trabalho, como acontece com as valvulas depois de esmerilhadas.

O Helmitol é um insuperavel medicamento contra cystites, pyelites, inflammações da urethra e como prophylactico contra varias doenças infecciosas.

O conto brasileiro

AMOR....

— Bom dia.

— ??? Ah! Bom dia!

— Ha que seculos, heim?

— Realmente! 15 annos!

— Custei a reconhecel-a. Não fossem os olhos...

— Achou-me differente? Muito mudada talvez.

— Sim, não, isto é...

— Muito mudada, confesse; tambem não admira; o tempo, os filhos, a vida...

— Tem filhos?

— Tenho; duas meninas gemeas; Heleida e Heloísa. Quer vêl-as?

E, abrindo a bolsa, tirou uma photographia, onde duas crianças sérias e robustas, absolutamente

iguaes, sorriam numa pose estudada. Fingindo olhal-as, o rapaz observava a moça. Maria Evangelina fôra a sua grande paixão, o maior amor de sua vida. E, nessa [illegible] manhã de principio de primavera, 15 annos volvidos sobre um passado de sonho e loucura, era com um mixto de saudade e prazer que elle via estampados na mulher os mesmos traços de adolescente, porém mais firmes, mais accentuados, sem a indecisão que os caracterizava outr'ora. A bocca polpuda, de labios rubros e sensuaes, ganhára em voluntariedade; o nariz, traçado numa linha severa, tinha sempre as azas frementes e palpitantes. Os olhos longos, em fórma de amendoa, velados de sombra e de mysterio, duas magnificas aguas marinhas fulgindo numa tez de porcelana, brilhavam agora tranquillamente, serenamente, sem aquella expressão vaga, inquieta e encantadora, que fazia lembrar a quem olhasse essa physionomia de amorosa, as grandes passionaes votadas á tragedia.

Sentindo-se analysada, Maria Evangelina poz-se a falar com

volubilidade, contando as graças das suas pequenas, dois amores, pois não era? que lhe davam tanta alegria e tanto pensar.

— Inda havia bem pouco tiveram grippe pneumonica; um horror! Nem imagina... E logo após a molestia de Léo.

Léo. Augusto ignorava o nome do marido. Mas esse "Léo" ci-

O COMMENTARIO

INFORMAÇÕES de Fortaleza dão-nos desoladoras noticias do estado sanitario nessa capital nordestina, que até bem pouco tempo foi tida e havida como uma das mais salubres do Brasil. Imagine-se que alli, na primeira quinzena de Março ultimo, falleceram 250 pessoas, o que representa uma media de mais de oito obitos por dia, cifra elevada em relação á população local. 150 desses mortos eram crianças, o que eleva de modo assustador o coefficiente da mortalidade infantil.

A imprensa fortaleziense está chamando a attenção das autoridades sanitarias para o caso. E' o chefe da prophylaxia do Estado, o illustre Dr. Demosthenes de Carvalho, declarou aos jornaes que o phenomeno do crescimento da mortalidade está sendo verificado em muitas outras cidades do Nordeste, sem que a sciencia possa ainda esclarecêl-o de modo convincente, apontando suas causas. Deriva, sem duvida, na sua abalizada opinião, de causas complexas, dentre as quaes, quanto ás crianças, a falsificação do leite é a principal.

O problema sanitario de Fortaleza está sendo posto em fóco pela imprensa local e é de crêr que o bem intencionado governo do sr. Mattos Peixoto procure resolvêl-o definitivamente.

ciado assim, com os labios apinhados como para um beijo, não deixava a menor duvida. E o olhar inquisidor continuou a perseguil-a: abraçou-lhe os hombros sobre os quaes o "smocking" do vestido "tailleur" cahia impeccavelmente, sem uma ruga; cingiu-lhe o busto alto e firme aprisionado na sêda fosca do collete e veio tombar nas mãos, que elle não podia vêr, envoltas como estavam em pellica "beige", mas adivinhava finas, brancas, heraldicas, espirituaes, de gestos lentos e preguiçosos, maravilhosas flôres de cinco petalas, tão macias, tão suaves ao contacto. A esquerda tinha, bem acima do pulso, no ponto onde se cruzavam veiazinhas azues, um signalzinho preto. Ai! esse signalzinho... Que saudade!... Existiria ainda? Augusto não se conteve: uma curiosidade invencivel, imperiosa, picou-o. Perguntou-lhe. Ainda.

E um silencio pesado e embaraçoso cahiu por instantes entre os dois.

— Venho muitas vezes a São Paulo, quasi sempre só. Minha mulher raramente deixa a fazenda, onde cria em larga escala patos e gallinhas. Como se explica que eu tenha passado todos esses annos sem vêl-a?

— Muito facilmente. Ha oito mezes apenas residimos aqui. Casando, fomos para Pernambuco, onde Léo possuia uma empresa assucareira. Heloisa e Helena nasceram em Jaboatão. E o senhor tem filhos?

— Não. E afinal para que? Uma criancinha nossa veria sempre as nossas desintelligencias, os nossos attritos, o nosso erro mu-

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

* * *

tuo. E' melhor assim. Maria Evangelina, eu naufraguei na vida. Por que não soube guardal-a?

— Augusto, o quiz.

— Bem sei e por isso mesmo sou o unico arrependido, o unico castigado; pois a senhora me dá

a impressão duma creatura plenamente feliz.

— Oh! sim! plenamente feliz!

O auto-omnibus, enorme e barulhento, entrava na Avenida Angelica. Nos jardins aristocraticos, o sol, esse bom sol fresco, risonho e atrevido de manhã de outubro, que passeava alegre pelos muros cobertos de hera, occultava-se nas moitas de murta para apparecer nos frageis ramos da acacia, mandou um dos seus raios buliçosos esconder-se no decote da moça.

— Olhe, é alli que residimos. A São Vicente de Paulo; não, não é aquelle "bungalow". O outro, cujo minusculo torreão estamos vendo. Desço.

Ella se foi e elle se sentiu acabrunhado, triste, matuto, dentro de seu jaquetão talhado pelo primeiro alfaiate de Botucatú. Ficou a envolvel-o uma onda de perfume e elegancia. Caron? Guerlain? Bichara? Que lhe importava? Sabia apenas que era um cheiro activo de carne moça e sadia que lhe causava mal, muito mal...

Léo não estava em casa; inda não voltára do escriptorio. As crianças tinham ido com a pagem á praça Buenos Aires. Reinava em tudo socego, paz e conforto. No "hall" uma photo esmalte em ponto grande de Helena e Heloisa punha uma nota alegre na severidade quasi vetusta dos moveis jacobinos. Maria Evangelina foi directamente ao quarto. Fechou a porta, atirou o chapéo sobre a "psiché", abriu uma vidraça coberta por emaranhada cortina de glycinias e inclinou-se, respirando lentamente, com delicia, o seu aroma forte e penetrante. Quando se voltou, seus olhos, sua bocca, todo o seu rosto tinham mais do que nunca a expressão vaga, inquieta e assustadora das grandes passionaes votadas á tragedia. E jogou-se para o "divan", sacudida por soluços roucos, surdos, despedaçadores...

MARCO ANTONIO MARTINS

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre ... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil 1$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso
THESOUREIRO: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas: 62, Rua Republica do Perú, 62 (Antiga Assembléa)
TELEPHONES: DIRECTOR: C. 0377 ADMINISTRAÇÃO: C. 4136
CAIXA POSTAL 97
RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa do correio 1431
Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

A Neve Assassina

(de Pierre Buffiere)

O "Hampelsfort", um dos mais importantes sanatorios do Engadine, elevava sua alta e clara fachada sobre uma grandiosa extensão de neve immaculada.

O delicado tapete formado pela nevada, as arestas de gelo que limitavam o horizonte, formavam uma grande area de crystal deslumbrante.

Todo o interior daquelle vasto estabelecimento apresentava a mesma côr branca, pura e fria; as paredes caiadas, as salas de consulta, os quartos dos doentes... Corria alli a existencia em meio da maior monotonia; as pessoas que alli se encontravam em busca de saude ou de alguma melhora, não conheciam trabalhos nem prazeres, submettidos por completo á rigorosa execução do tratamento ordenado.

Cada um dos seres que fôra pedir á pureza daquella atmosphera montanhosa o prolongamento de sua vida exangue, não vivia senão mettido comsigo mesmo, preoccupado unicamente com a confirmação dos symptomas de melhora ou de peiora do mal.

Para muitos delles, a angustia moral unia-se á physica. Era este o caso da infortunada mocinha May Ferguson, uma escosseza cujos pulmões se encontravam perigosamente affectados pelas neblinas de seu paiz. E apenas começara a sua permanencia alli, foram rareando as cartas do promettido e tornando-se menos ternas: privada de noticias do homem que adorava, a infeliz creatura peiorava de maneira alarmante, se chegava uma carta do noivo, a progressão do mal cessava subitamente, pois é certo ser preciso cuidar sempre tanto da alma como do corpo.

A senhora Lipowska, joven polaca, gravemente atacada do mal traiçoeiro, foi obrigada a separar-se do unico filhinho que creava para não lhe transmittir os germens morbidos. A dôr lacerante da separação renovava-se todos os dias para a joven mãe; o pequeno estava longe della, cuidado por outras mãos... via-se privada das doces effusões maternaes com que se acalentam os seres delicados, pequeninos, antes mesmo que o possam comprehender. Para desafogar-se daquella cousa de todas aquellas palavras carinhosas que lhe queimavam os labios no seu exilio, a senhora Lipowska escrevia longas paginas que não enviava nunca, e que constituiam pouco a pouco um volumoso caderno ardente de ternura e de desespero...

Quando a debilidade a abatia em certas horas, chorava amargamente, pensando que, sem duvida, o filho adorado leria um dia aquellas linhas... quando já tivesse ella morrido, e estas paginas seriam as unicas que revelariam ao orphão quanto o havia amado a mãe que elle não pudera conhecer...

* * *

Entre os mais jovens dos enfermos de "Hampelsfort", estavam Daniel Hautmont e Jacquelina Fortier — ambos recem-atacados em primeiro gráo — que se aproximaram pela semelhança do mal.

Jacquelina era filha e discipula de um esculptor das Ardennas, e que trabalhava sem descanso para que ella pudesse fazer aquella cura. Daniel pertencia a uma familia abastada de Paris; seus paes, cumulados de bens, viram-se de repente feridos pelo perigo da enfermidade que adejava sobre este filho como sobre uma presa predestinada. O bem estar que proporciona a fortuna, os cuidados assiduos, as permanencias prolongadas em climas beneficos e saudaveis, nada pudera triumphar daquella constituição debil e enfermiça. O joven, habituado desde a infancia a vêr dependendo delle, de sua saude e de seus menores desejos, os que o rodeavam, creara-se egoista, sempre mal humorado diante de pessoas sadias, invejoso dos annos de força e de alegria que podiam disfructar os outros adolescentes seus conhecidos.

O mesmo tratamento se impunha para os dois jovens; a vida ao ar livre e respirar profusamente o oxygenio das alturas; por isso uma franca camaradagem se estabeleceu logo entre ambos, camaradagem em que não entrava, em absoluto, o amor, pois Jacquelina desde o começo confessara ao companheiro seu compromisso com um joven esculptor, alumno do pae. Ella vivia tambem na esperança dos dias felizes em que sua vida voltaria a tomar o curso ordinario naquella pequena cidade de Ardenas, entre o progenitor e o noivo, todos os dias, a toda a hora, descrevia ella os seus projectos, contando-os infantilmente ao companheiro de infortunio, sem notar — na innocencia do seu coração — que elle a escutava com semblante annuviado e sobrecenho carregado.

Daniel, ao contrario, não formava nenhum projecto, vivia unicamente para o presente, não pensando senão em manter sua chamma vital que vacillava como uma vela que se vae apagar...

Sentia-se, ás vezes, cheio de zelos pela joven. Durante mais de um mez representara ella sob seus olhos exacta reproducção do seu proprio soffrimento; havia-lhe visto empallidecer presa de subitas oppressões, e, pelo esforço de alguns passos, cahir prostrada sobre a cadeira preguiçosa como por uma debilidade invencivel. Mas de todas aquellas emboscadas da enfermidade, ella triumphara... Sua juventude tornava a abrir-lhe as portas da vida e da saude...

No dia seguinte a uma geada mais abundante que de costume, sentiu Jacquelina renascer, diante da camada branca e lisa que formara a neve, o seu gosto pela esculptura. Escolheu um sitio pouco frequentado, encontrando uma alegria ineffavel, nunca experimentada, ao fazer sahir de entre suas mãos, modeladas naquella massa ductil, formas e figuras, e não pôde deixar de rir ao gesto repulsivo, aos arrepios de frio de Daniel, que, sendo demasiado anemico para não ser friorento, revoltava-se até a idéa de um contacto com a massa gelada.

Jacquelina, ao contrario, reanimada pela divertimento, amassou a neve fazendo com ella um monticulo, e sobre esta base, comprimida e endurecida, ergueu uma especie de columna, que, entre seus dedos ageis, tomou rapidamente a forma de uma silhueta humana.

Daniel, interessado por um trabalho inteiramente novo para elle, observava-a com attenção, e ao ouvir soar a sineta que os chamava para o almoço, notou que, pela primeira vez, olvidara todos os medicamentos. Jacquelina sentia prazer em modelar aquella substancia branca como marmore e ductil como a argilla, e empregou todo o seu talento na creação de uma figura juvenil, graciosa e impressionante, com os braços cruzados sobre o peito e o rosto erguido para o céo como num movimento de adoração emocionada. Ao terminar a obra, aquellas feições apresentaram uma semelhança surprehendente com as proprias feições da joven. Voluntariamente ou não, dera á estatua seus traços, e ainda mais: sua propria expressão. Daniel ficou admirado:

"Dir-se-ia que é você mesma que surge da neve, e que seus labios se entreabrem em busca do ar que passa como uma fonte de vida..."

Jacquelina recuou um pouco para melhor julgar da obra, mostrando-se ingenuamente satisfeita. Ajuntou ainda alguns ligeiros retoques e, em seguida, esfregando

HYGIENISE
A SUA
BOCCA
COM
PASTA
Oriental
O DENTIFRICIO
IDEAL
PEÇAM AMOSTRAS GRATIS
Á Perfumaria Lopes
RIO
R. TIRADENTES, 34-36-38
RUA URUGUAYANA, 44
AVENIDA RIO BRANCO, 154
S. PAULO - R. STO ANDRÉ, 20

para aquecer as mãos avermelhadas e endurecidas pela neve, exclamou a rir:

— E' na verdade meu social!

Naquelle paiz de frio intenso, a neve se solidifica, conservando-se dura como pedra; uma noite de geada bastou para endurecer a estatua branca, assegurando-lhe a existencia até o proximo degelo.

— Quando eu não estiver mais aqui, — dizia Jacquelina ao companheiro, — esta pallida imagem lhes falará de mim...

— E' certo que você partirá dentro em breve — murmurou o rapaz; e sob estas palavras e na inflexão de amargura com que as pronunciou, lia-se claramente: — "e eu, devo permanecer aqui... nesta casa onde todos aquelles que chegam pertencem ao mundo dos vivos ou ao mundo dos mortos. Ficarei aqui para defender esta miseravel existencia, longe de toda alegria humana, emquanto você olvidando as poucas semanas de soffrimento communs, dirigir-se-á para esse ser vigoroso e forte, inconsciente de sua felicidade, para o homem que detesto sem conhecer, pois possue a saude, unico bem que anhelo e invejo...

* * *

Ao cahir da tarde daquelle mesmo dia, encontravam-se ambos os jovens estendidos em suas respectivas espreguiçadeiras no corredor do estabelecimento.

Jacquelina desenhava em seu album; Daniel lia um autor russo; emquanto se embebia na prosa ardente, transbordante de vida, punha-se a imaginar sua existencia sem aquella fraqueza que o assaltara...

Um ligeiro ruido fel-o voltar a cabeça: Jacquelina, adormecida, deixara cahir o album, e outro movimento inconsciente atirara ao chão a manta de lã que a envolvia, pondo a descoberto a brancura do collo da moça. Era a hora em que o ar refresca perigosamente e Daniel dispoz-se a tornar a cobril-a com o agasalho.

Mas no momento de fazel-o, um pensamento subito paralyzou-o: "Se Jacquelina se resfriasse, seria, certamente, adiada sua partida... permaneceria ainda algum tempo perto delle... delle que ficaria tão só... Sómente mais alguns dias de espera... não era justo que se curasse antes delle..."

Seu egoismo habituara-se acostumado á amavel companhia da moça, e queria conserval-a, como uma creança caprichosa que teima em não se desfazer de alguma cousa que lhe agrada. E, na realidade, aquelle momento, não era mais do que uma creança, como são todos os enfermos.

O sol desapparecia, avermelhando os cimos das montanhas, e um violento golpe de vento fel-o es-

A NEVE ASSASSINA — (Conclusão)

tremecer como se despertasse de um sonho... Quanto tempo tiritara?... Com um movimento brusco lançou a manta sobre o corpo da joven, cobrindo-a até o peito. Este movimento despertou Jacquelina, que abriu os olhos, sorrindo a Daniel, a Daniel que numa especie de pressa colerica resguardava-a com o agasalho...

— Obrigada, meu bom amigo... — murmurou ella com o mais encantador dos seus sorrisos, dispondo-se a proseguir o somno interrompido.

* * *

No dia seguinte, Jacquelina fez saber a Daniel, por intermedio da enfermeira, que despertara com alguma febre, — algum resfriamento, sem duvida, — e que, por isso, o medico aconselhava-a a não partir ainda.

A' noite, elle pediu noticias á enfermeira; a temperatura subira, havendo-se declarado uma pequena congestão pulmonar.

Ao ouvir taes palavras, o desgraçado Daniel apertou a cabeça entre as mãos e teve a intuição nitida da desgraça imminente; parecia-lhe ter sido trahido pelo destino como por um cumplice torpe e malvado que ultrapassa a vontade do outro, e que o sacrificio de Jacquelina só se consummaria para castigal-o...

— Mas não, não; não é possivel... — repetia a si proprio para tranquillizar-se e convencer-se de sua inculpabilidade; — não póde ser isto a consequencia de minha demora em agasalhal-a...

Ao terceiro dia, declarou-se uma pneumonia que não deixou esperanças de cura.

Daniel vagava desamparado e em completo desespero pelos longos corredores e pelas salas onde, estendidos nas espreguiçadeiras, descansavam em meia somnolencia, os enfermos. Preferiu, então, sahir, caminhou por muito tempo por entre os pinheiros dos bosques, inconsciente da fadiga, do cansaso, pr[illegible] a apenas de sua obsessão dolo[illegible]... Ao regressar ao sanatorio, pe[illegible] eu no caminho, diante de seus olhos, o perfil da estatua diaphana; estremeceu dos pés á cabeça, e deu uma grande volta para evitar passar em frente della... daquelle rosto congelado cujo olhar se elevava para o céo, e tão parecido com o rosto vivo... tão parecido... Oh! Deus tão parecido!...

Chegando ao estabelecimento, soube que tudo terminara...

Encerrou-se no quarto, sacudido pelas mais violentas emoções que conhecera; passou alli horas de soffrimentos crueis, procurando persuadir-se a si mesmo que no seu máo pensamento de um momento nunca suppuzera tal desenlace... e os mais agudos remorsos o atenazavam sem cessar. Ao cahir da noite, um impulso irresistivel levou-o até a estatua fragil e branca, a força que o arrastara para longe della, levava-o agora a querer vêr de novo aquelle rosto insensivel, não menos frio então nem menos pallido do que a propria Jacquelina...

Caminhava sem dar conta de seus actos, e surprehendeu-se que si ao vêr surgir diante de si, entre as sombras do crepusculo, a silhueta familiar; aproximou-se, inclinando-se sobre aquella bocca entreaberta como para pedir-lhe perdão... e a partir daquelle momento acreditou-se joguete de um pesadello muito mais terrivel do que todos os provocados pelos peores delirios: os dois braços da estatua pareciam mover-se... abandonando sua immobilidade, sentiu que lhe apertavam o peito, envolvendo-o em um abraço duro e frio como se um laço de marmore o prendesse. Pareceu-lhe que o rosto de neve se voltava como para occultar-lhe a expressão mysteriosa...

Os véos da noite envolveram o grupo tragico. Com a fronte apoiada sobre aquelle peito alvo, onde coração nenhum palpitava, sentia Daniel que a estatua pouco a pouco se desmanchava entre seus braços, ao calor do seu corpo, introduzindo-lhe em todo o organismo um frio mortal... Os braços que lhe cingiam o peito se liquefaziam numa corrente gelada, correndo-lhe ao longo da espinha dorsal...

Encontraram-no alli as enfermeiras do sanatorio, cahido sobre um monticulo de neve, ao qual se abraçava como numa lucta encarniçada. Transportado para o estabelecimento e uma vez recolhido ao leito, tudo fizeram os medicos para que se reanimasse; o que conseguiram depois de muitos esforços; os cuidados e as mais energicas medidas foram impotentes para livral-o de uma sensação persistente: um fio de agua gelada que lhe corria sem interrupção pela nuca abaixo. Ardia de febre, os cabellos se lhe empastavam sobre a fronte empapada de suor, mas sempre, sempre, os mesmos calafrios...

Não se póde obter nenhum esclarecimento sobre as circumstancias que precederam o seu desmaio. Não obstante, ao querer o medico experimentar uma ultima intervenção para salval-o da morte certa, balbuciou fracamente:

— Deixe estar... deixe estar... E' melhor assim!...

E foram as suas ultimas palavras.

MASSAS ALIMENTICIAS AYMORÉ Lda
FABRICA
RUA MORAES E SILVA Nº 42
TELEPHONE VILLA 2339
Unico Agente
Moinho Inglez
RUA DA QUITANDA 108-110
RIO DE JANEIRO
Orthof
Cabello de anjo
Esse typo de massas é
um alimento insupe-
ravel para doentes e
convalescentes.
Peça ao seu armazem:
Cabello de anjo AYMORÉ
MASSAS ALIMENTICIAS
AYMORÉ
SECC PROP
MOINHO INGLEZ
J.P

ESPIRITO ALHEIO

ERRO GRAMMATICAL

Esposa — Não está bom o pastel? Fil-o segundo um livro de arte culinaria.

Marido — Então eu engulí um ponto e virgula, pelo menos...

— Tens certeza de que Alberto te ama ?

— Absoluta. Não vês que elle só me dá de presente cousas uteis para casa ?

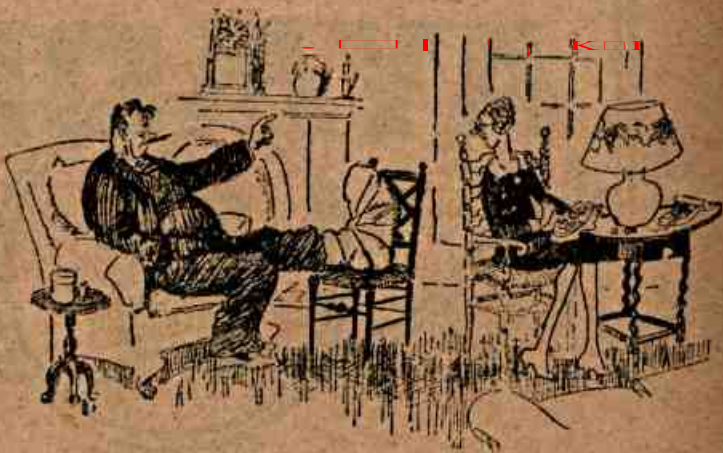
Mulher — Deixa de falar emquanto eu te interrompo !

— *A victima* — Não se preoccupe; não estou ferido.

— *O do auto* — Oh ! é um prazer atropelar-se uma pessoa tão bem-educada.

NO AÇOUGUE

— A carne de hoje está muito cara.

— Então me dê meio kilo da de hontem.

Marido — Não pódes dizer que te deixo só. Ha tres semanas que sou um verdadeiro homem caseiro....

A cura do
pinheiro maritimo
em nossa casa
Certamente que as afecções das vias respiratorias são demasiado graves para que as tratemos com desdem, mesmo quando se reduzam a simples constipações. Tornar-se-hão temiveis dentro em pouco se não nos apressassemos a entraval-as. Mas podem ser encaradas sem inquietação se nos armarmos poderosamente contra ellas com o verdadeiro
GOUDRON-GUYOT
Que, extrahido dos pinheiros maritimos, é d'uma eficacia atestada de dia para dia por milhares de curas. Aniquila a ofensiva dos microbios que invadem o aparelho respiratorio, de tal maneira que a constipação e a bronchite, por mais tenazes que sejam, desaparecem assim que elle se apresenta nos pulmões e nos bronchios. A sua acção antiseptica é eficaz em todos os casos de infecção pulmonar.
Exigir o verdadeiro Alcatrão-Guyot (licôr, capsulas, pasta peitoral). Todos estes productos trazem a etiqueta em tres cores : roxo, verde, encarnado e o endereço da Maison FRERE, 19, Rue Jacob, Paris (6e). Não fazer confusão com certos productos similares.
A venda em todas as boas Pharmacias

MARIZA (Pará) — Não posso dizer o resultado do seu exame graphologico. Isso porque não é agradavel para V. Ex. . E tratando-se de uma paraense linda, o meu desejo era dizer-lhe palavras de gentileza e até alguns usados galanteios, — como: "V. Ex. é um anjo". Ou então: "E' encantadora". Ou ainda: "E' uma gracinha." Ou mais cariocamente falando: "E' do outro mundo!" Quer dizer: incomparavel...

Mas, infelizmente, a sua letra me diz: "Não sejas insincero! Não enganes *D. Mariza!* Ella vae acreditar em todas essas phrases fingidas... e, mais tarde, a decepção será grande...

CARMENCITA (Capital) — Muito grato pelos dois volumes do "Doloras e Poemas", de Campoamor. Obrigado. E' uma carinhosa lembrança que guardo de V. Ex.

E' tão agradavel abrir-se um livro, e lêr na sua primeira pagina numa dedicatoria gentil, assignada por um punho de mulher. De resto, os livros que me offerece trazem o seu perfume.

Tanto melhor para mim...

GILBERTO CARVALHO (Bahia) — Ahi, está, caro Gilberto, o sr. me veio distrair um pouco, neste frio dia de céo ennevoado. Todo o Rio, de ordinario tão cheio de luz, está hoje embuçado nessa nevoa triste e que tanto eriça os nossos nervos.

O sr. me veio divertir. A sua carta é dessas que nos dão vontade de rir. E a sua literatura ainda é mais hilariante do que a carta.

Aqui vae uma das suas composições:

"A VIDA"

Caro amigo B...

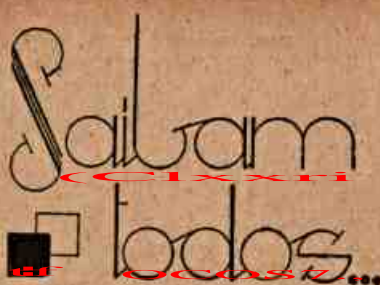
A vida é, caro amigo, um enorme palacio, onde reina todas ás miserias e martyrios.

Eu comparo-a com a mulher: por fóra ella é bella, amorosa, sincera, feliz, bôa; já por dentro é ao contrario: feia, infiel, falsa, enfeliz pessima!

Perguntaste-me se podias amar? — Para que queres amar, se na vida não encontras quem corresponda o teu amor?

E's demais innocente, caro amigo...

Sê enganoso; finge amar, praticando a falsidade; demonstrar o bem, praticando o mal; apresentar sentimento pela miseria de teu adversario, rindo occultamente d'elle; corresponder o bem com o mal.

E' este o teu papel na vida... Para praticares o bem, quando esta vida pessima e miseravel te ensinão a praticar o mal?

Ainda perguntas o que é vida?

A vida é um portentoso "Inferno", cheio de demonios. Nós somos demonios, que estamos sob as sujeições e as miserias; bons demonios que soffremos pelos maus.

Porventura não sabes que a gyra usual diz que "os justos pagam pelos pecadores?"

Pois bem: praticar o mal, para que possas merecer honras, dignidades, valores, e considerações.

São Felix, Janeiro de 1929.

GILBERTO CARVALHO.

Agora lá vae:

"O MUNDO"

Caro amigo B...

O mundo é um pôdre ninho, cheio de passaros, os quaes desde a nascença recebem dotações más.

São duas as suas principaes virtudes: a "illusão" e a "phantasia".

A illusão — é o encaminhamento das miserias aos imbecis, aos nescios, aos exaltados, aos não hesitantes, aos não precaucionsos!

A phantasia — é a base da illusão! Serve, todavia, para incobrir a miseria, a desgraça, o peccado, e o peste!

Poderes, dignidades, esperanças justiça, direito, lei? — tudo isto é illusão!

Honra, honestidade, criterio, sinceridades, gratidão, amor? — tudo isto é phantasia!

Nada disto existe no nosso mundo. Ha muitos racionaes que se illudem em não dar credito no que citei. Coitados! Vivem nas brenhas!

A minha exposição só poderia ser desfeita, se não existisse o "dinheiro" — que até então supera o mundo. Tudo reunido é o dinheiro. Elle é o mundo, o céu, o gozo, o Deus!

O "Dinheiro" — manda, a "Illusão" — engana, a "Phantasia" — encobre.

São Felix, Janeiro de 1929.

GILBERTO CARVALHO.

Uff! Caro amigo! Nunca vi se dizer tanta tolice junta, a um só tempo.

A tolice não é o privilegio de Calino, nem do Conselheiro Acacio, nem de Pacheco, nem de Bertholdo, o bôbo; nem de Joseph Prudhomme — aquelle delicioso pascacio que dizia, convencido: "Otez l'homme de la société, vous l'isolez". Todos nós temos o direito de dizer as nossas tolices. Mas o sr. abusa desse direito.

De vagar!

Francamente: o sr. superou o magnifico Joseph Prudhomme, quando disse: "O carro do Estado navega sobre um vulcão!..." Ganhou o 1o. premio com esta tirada magistral: "O mundo é um podre ninho, (isto já não é ninho, é arca de Noé!) cheio de passaros, os quaes desde a nascença recebem dotações más."

Parabens, Joseph Prudhomme II! O sr. é maravilhoso!

Depois de apresental-o ás leitoras ironicas do *Saibam todos...* desejo tambem publicar a sua missiva.

Ah! Ella vale um tesouro de tolices...

Eis a *maravilha:*

"Caro *Yves*: Saudações — Dá licença? Tenho lido constantemente o Fon-Fon e principalmente as de "Saibam todos..."; e hoje deu-me um ensejo de escrever-lhe esta e juntando umas cartinhas de minha lavra, que alem destas cartas ainda tenho alguns novellas e sonetos, que só mandarei depois que forem publicadas as que juntas seguem. Peço que não precisa praticar o mal commigo.

Favor lêr a minha biographia: sou moreno, cabellos anellados, olhos pretos, nascido na cidade de Maragogipe, e a lettra e esta.

Ainda não li o *fallado* Suave Enlevo, onde poderei encontral-o?

Sem mais

Do amigo e collega — *Gilberto Carvalho.*"

Por favor, meu caro escriptor, não diga que sou seu collega. Diga que sou commendador, coronel, intelligente, etc. Diga tudo quanto é de ridiculo, mas não escreva mais: "Do amigo e collega", etc.

MARIA CLAUDIA (São Paulo) — Começa a intrigar-me essa preoccupação que tem tido commigo. A minha bibliotheca está cheia de livros, onde ha o sympathico nome de *Maria Claudia.*

Haverá nisso uma admiração pela minha pessoa? Ou será apenas um capricho de paulista rica, que se compraz em offerecer livros a jornalistas sem eira nem beira.

Confesso que essa distincção me envaidece. Mas eu não sou dos que só conhecem do Padre Nosso o "venha a nós". Por isso gosta-

...de retribuir tanta gentileza. Gentileza em que vejo tambem um pouco de attenção pela minha pobre arte, arte de sonho e de belleza.

Pois não é que em todas as obras que a fidalguia do seu espirito me offerece, vem sempre a versão — e optima versão — de um trecho meu, de um fragmento d'*O Suave Caleiro*?

Ainda agora V. Ex. me envia dois volumes preciosos — que eu ainda não conhecia: "Novelle per un anno", de Pirandello e "Madame Pompadour et la politique" de Pierre Nolhac.

Na primeira pagina da primeira obra, V. Ex. inscreve, á guisa de dedicatoria, os meus proprios versos, vertidos para a doce lingua de Paolo e Francesca".

Il cuore mio è originale:
ha torri d'oro... campanelli d'oro
[a sonare...
E una pomposa catedrale
dorata spirituale — ti chiuse in
[un altare...
E da quel momento, nel mio silen-
zio [illegible] [to pensativo,
ingenuamente vivo,
per te incensare!

....

Ora, tudo isso é muito lisonjeiro para mim. Mas, ao mesmo tempo, fica na minha alma um certo desconsolo de não poder corresponder com a mesma gentileza, a tanta prova de sympathia... intellectual...

Permitta as reticencias, e até breve.

CIRCE (São Paulo) — Hum! Que moça mais interessante que é V. Ex... Diz as coisas com a franqueza das pessôas que não usam os meios termos. Dá-me a impressão de uma Alceste de saias... curtas e labios rubros de rouge...

A sua missiva tem ares de vir das mãos de uma foliã carnavalesca (pelo espirito) e de uma humorista (pela literatura risonha...)

Prefiro que seja apenas uma carnavalesca. As foliãs de Momo são creaturas perfeitamente inoffensivas. Quando muito, o que poderá acontecer é lhes faltar o espirito. Mas si isso se dér, é até uma vantagem para a carnavalesca [illegible] espirituosa. Lá está nas paginas santas dos *Evangelhos*: "Beati pauperes spiritu".

Uma literata é sempre uma creatura terrivel. Perigosa. Porque basta não lhe reconhecermos merito para que ella arremetta contra nós, de unhas em riste. E a maior inimiga nossa é a mulher letrada, a escriptora, a sabichona.

E o peor de tudo é que o odio da literata *versus* literato é o mais terrivel, porque se vinga de nós com a calumnia e o mexerico. Já no tempo de Virgilio a mulher de letras era um perigo, creio eu, pois o poeta se queixava dellas...

Assim, permitta Deus que V. Ex. não seja escriptora, nem poetisa, nem coisa alguma que revele intellectualismo... — Em nome do Padre, do Filho, do Espirito Santo — Amen!

Mas vamos á sua carta, "malgré tout"...

Lá vem sabedoria feminina:

"Yves — Si você soubesse o frio que vae pela minh'alma, hoje...

No emtanto, lá fóra o sol causticante queima desoladamente as folhas tenras, machucando-as sem dó.

Ha pouco, acabei de lêr "La demencia de Job" — de Vargas Villa, esse escriptor que nos faz bem e nos faz mal. Sou moça, Yves, mas felizmente não leio apenas os livros de Delly e Ardel. Elles nos escondem a realidade do mundo e dão á nossa imaginação uma vida ficticia, onde tudo é phantazia. Vargas Villa é forte, violento... Mas eu penso, Yves, que a Vida se resume nisso tudo que elle escreve, fazendo com que muita gente taxe seus livros de indignos dos olhos das "jeunes filles".

E' a primeira vez que lhe escrevo. Depois que li "La demencia de Job" tive a sensação de uma culpada, como si houvesse razão para um remorso... Escrevo-lhe para saber sua opinião: acha que uma mulher com dezoito annos, não deve lêr Vargas Villa?

E' só isso que lhe pede ardentemente uma sua grande admiradora, que vive isolada num recanto do oéste paulistano.

"Jura, jura pelo Senhor", Yves, que não mandará minha carta para a cesta, sem a devida resposta?...

E' tão pouco o que lhe pede a — *Circe*..."

Tanto trovão por causa de um corisco!

Foi só para saber de mim, si acho que uma senhorita de 18 annos, (e haverá alguma de maior idade?) poderá lêr livros de Vargas Vila?

Não valia a pena escrever tanto, para saber tão pouca coisa... Emfim, lá vae a resposta... Mas, espere, receio que a vá tomar por ironia. Longe de mim tal pensamento...

Consultei aqui o meu tinteiro, que é de bronze, e representa um fauno sardonico, e elle me disse com um sorriso garôto:

— "Yves amigo, responde a essa Circe letrada — cujo licôr não desejaria beber, como os companheiros de Ulysses — responde-lhe que as jovens, até os dezoito annos, não devem comprometter a virgindade das suas almas com a leitura de certos livros que deveriam estar no *Index*. Uma joven de 18 annos, (não as de 18 vezes 3), será prudente, si se conservar na sua ingenuidade primitiva, limitando-se a ler o *Flos sanctorum* e os programmas de cinema, censurados, já se vê, pela vigilancia paterna"...

Retruquei:

— "Tinteiro, não haverá perfidia nisso?"

Elle pulou em cima da banca, (elle, o fauno de bronze) arregalou os olhos, e gritou com uma vozinha de gnomo:

— "Que perfidia? Pois você não vê que o *stock* de virgens está sendo desfalcado, neste seculo de emancipações? E' necessario reforçal-o, engrossal-o, fazel-o forte e numeroso como um exercito..."

E calou-se, como quem não admittia réplica. De modo que a minha opinião é a do meu tinteiro (o fauno de bronze). Esposo-a porque a julgo coherente com os rigidos e severos principios da moral de todos os tempos...

JOSE' PINHO (Capital) — O seu soneto não serve para as nossas paginas. Que significa isto:

...Porque o ideal da distancia é
[habitante...

Habitante, de que? Da lua? De Marte? De Venus? Como se trata de ideal, o senhor terá a liberdade de collocal-o onde bem entender... Até numa casa de commodos — o que não é difficil, si acaso o senhor é um poeta suburbano, de Catumby, ou mesmo Botafogo...

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú', 62

Caixa Postal 97 — Telephone

Central 4136.

FON-FON — 30-3-1929

Data da consulta ....

Nome do consultante ....

....

F. E. M. (São Paulo) — Lamento que um engano deploravel me tivesse feito tomar a nuvem por Juno... Mas, como as mulheres se parecem até pela morphologia calligraphica...

Estou sciente da reclamação que faz, desejando pôr os pontos nos *ii*, uma vez que não foi a moça que me escreveu insolencias...

Achei interessante V. Ex. dizer devemos "continuar na mesma harmonia"...

Harmonia? Mas si não tenho o prazer de conhecel-a... De resto, uma harmonia presuppõe uma banda musical, na peor das hypotheses. Uma harmonia entre duas pessôas... Mas devo dizer que não toco n e n h u m instrumento, de sôpro, nem de corda... Nem mesmo sei como se toca uma gaita, nem se puxa a corda de um sino. E V. Ex. saberá tocar... victrola?

Seja como fôr, não comprehendo que possa haver harmonia, nem de harmonia entre nós ambos... "Et pour cause..."

MARX (Capital) — E' exacto. Não gosto de fazer exames graphologicos. E a razão da minha recusa eu justifico sempre: — a ignorancia dos leitores, na sua generalidade, sobre o que seja graphologia.

Em todo caso, como o senhor insiste, vou fazer a sua vontade, mas pedindo segredo sobre a minha resolução. Percebe? Não quero que o seu vizinho ou vizinha me venha amolar a paciencia, com igual solicitação.

Lá vae: A sua letra indica um temperamento áspero, energico, inclinado a litigios, etc. O senhor deve ser um homem resoluto, decidido, quasi sem vacillações nos seus actos. E' um tanto combativo, teimoso, e possue um certo espirito de critica, muito penetrante. As suas idéas são claras, como as suas attitudes. Emotivo, é capaz de um sentimento affectivo. Mas a sua desconfiança, de tudo e de todos, — oh! é excessiva! — muitas vezes prejudica esse lado bom do seu coração.

Direi, no emtanto, que é prodigo, capaz de gestos altruisticos, a despeito dessa aspereza que é o traço predominante do seu temperamento violento. E' sensual, amante da bôa mesa, — mas não é um glutão, entenda-se.

E' um assimilador terrivel, um deductivo a que nada escapa, em virtude do seu analytismo. Apezar dos pezares, ha um fundo de caldade no seu proceder, o que o torna uma creatura sympathica e supportavel. Ama as syntheses e o seu espirito se inclina mais ás coisas praticas, materiaes, que ás coisas de arte e fantasia. Deve ser amigo dos numeros. Mais que das letras.

Interiormente, é um concentrado, que propende para a melancolia. Não é homem de expansões jubilosas.

E ahi está como o vejo, — através o meu amadorismo graphologico.

PAULO DE FREITAS — (3) — Ahi está, meu caro confrade. O senhor não é a negação da poesia. Sejamos sinceros. Póde-se dizer que possúe estro, qualidades de poeta. O que lhe falta é o sentido da factura, da realização. Executa mal a exposição dos seus motivos. Não tem o ouvido apurado á percepção do bom rythmo, do accento cantante e justo que se deve dar á medida exacta do verso — mesmo quando este é ou não medido. Pois a propria prosa não tem lá o seu rythmo?

Quando o senhor conseguir educar o ouvido á harmonia justa do verso, ao desenvolvimento rythmico e á flexibilidade que cada um delles deve tomar, então acredito que poderá plasmar os seus poemas com uma graça, uma leveza e uma expontaneidade que, por ora, ainda lhes estão ausentes.

Na *Illusão* o senror revela as suas apreciaveis qualidades. Mas de maneira confusa, forçando as palavras, a cresura, emfim compromette a melodia tão necessaria á exposição poetica do thema.

De resto ha um certo plebeismo de rimas e idéas que fazem de *Illusão* um poema vulgar, não direi incapaz de ser publicado, mas indigno de figurar entre as bôas poesias. E o senhor tem bastante talento para fazel-as bôas.

Aqui vae a *Illusão*, para não dizer que exagéro:

ILLUSÃO

Tudo que se obtem não vale nada.
E a mulher que um dia, em ancias [se beijou,
Depois do beijo fica sendo apenas
A sombra da mulher que a gente [idealizou.
Um beijo, muitas vezes, nada [vale...
Quanta belleza emtanto, em um [dôce olhar —
Em amôr, somente é bello e eterno [aquillo
Que a gente nunca póde realizar.
A realidade é sempre, sempre [triste
E esmaga o coração.
Em amôr, somente uma cousa é [linda:
E' a illusão.

PAULO DE FREITAS

Os outros são da mesma força: passam. Entretanto, só poderei publicar no FON-FON o seu soneto *Volupia das ondas*, que está bem passavel, apezar de ter soffrido uma ligeira modificação no 1.º verso do 2.º terceto.

E agora não vá dizer que sou injusto.

MARQUEZINHA (Petropolis) — Encontrará, sim. Literatura, Sciencia, Philologia, etc.; é só fazer pedido á Livraria Francisco Alves — Rua do Ouvidor, 166, Rio.

C. PINHO (S. Paulo) — O senhor, que aliás escreve bem, com elegancia e estylo, revelou-se, desta vez, pouco artista. O titulo da sua *charge* não é proprio para uma revista mundana, como o FON-FON. E' detestavel. *Mocotó ao natural* é, quando muito, uma excellente denominação para um prato réles de restaurante de terceira ordem.

Desculpe a franqueza.

MON PÉRE (São Paulo) — Uma carta branca, inexpressiva, portanto. Bom papel. Letra feminina. Assignatura de homem. Muito bem.

Eis a sua missiva, na integra:

"Caro sr. Yves — Desejo-lhe um carnaval feliz, e divertido.

Como leitor assiduo, da fina e elegante revista FON-FON, escrevo-lhe com todas as formalidades precisas.

Não hesitei, um segundo siquer para pedir-lhe a minha graphologia, julgando que não ma recusará.

Como possue uma perspicacia subtil, provada já em muitas definições graphologicas, espero que não se enganará na minha.

Peço-lhe o obsequio de responder para "Mon Pere". — *De um admirador de seu talento."*

Ao mais rapido exame, vê-se logo que o seu caracter ainda está em formação. E como a flôr em botão ou como o fructo embryonario. Mas já se póde dizer si é uma rosa que vae nascer dahi, ou o cardo áspero.

Ha traços na sua graphologia, que se evidenciam, de modo a autorizar um juizo, uma conclusão acertada.

Assim, q u a l q u e r graphologo, mesmo um simples amador como eu, que pouco entende da bella sciencia de Lombroso, póde assegurar que no senhor ha um futuro velhaco, dominado pela idéa do embuste e, sobretudo, um temperamento indolente, accommodaticio, etc.

Está, como vê, ainda em tempo de cortar o mal pela raiz.

YVES

Quanto custa?

A TRISTEZA DE MOCTEZUMA

De Heriberto Frias

LENDA MEXICANA

I

Era grande a agitação no palacio de Moctezuma.

Os cortezãos, os cavalleiros e os adais que trazem vermelhos *ichcahuipilli* e capacetes de cabeça de tigre, e os *campeones aguilas*, agglomeram-se em densa confusão deante da porta trapezoidal do soberbo edificio.

Do interior elevam-se queixumes de dôr e sons tristissimos; graves sacerdotes de rostos negros, de um negro brilhante de obsidiana, horriveis, correm sob os frisos caprichosos do *grecac*, levantando os braços em signal de profundo, de supremo desespero. E chegam as grandes procissões, as sacerdotizas sagradas e as virgens educandas do *Calmecac*, com os seus *huipilli* brancos adejando á luz da manhã pura e radiosa e aos quaes as cabelleiras negras emprestam uma nota funebre.

Os *cacli* dos jovens guerreiros do *Tehpurcali* marcam as lages da entrada imponente, e lá no interior, nos grandes pateos, ante os regios salões do amado monarcha, entregam-n'os aos adversarios para não profanar o augusto recinto.

II

Nas galerias secretas do palacio, nos aposentos intimos da familia imperial, longe, muito longe dos tumultos da côrte, reina um silencio profundo, perturbado, ás vezes, por um rugido tremendo, agudo, lamentoso e tristissimo; tristissimo e lento assim como terrivelmente solenne.

E aquelle rugido, cahindo de subito para fazer dominar novamente o grande silencio augusto do alcaçar de Moctezuma, o rei, que queda por largos instantes sombrio nas tetricas camaras desertas, resôa cada vez mais formidavel, mais intenso, e seus écos selvagens vão repercutindo de sala em sala, de galeria em galeria, até chegar, fraco e melancolico, aos sumptuosos pateos onde a multidão de nobres, guerreiros e sacerdotes, de virgens, sacerdotizas e ricos mercadores, fornecedores da Gran Casa do Imperador, amonteam-se, ululando, e confundem-se os brados dos homens de armas com as tristes psalmodias dos religiosos e as doces vozes das donzellas que agitam entre o negro dos rostos sagrados a flammula alvissima de seus *huipilli*.

III

Por que tanta tristeza no palacio imperial? Por que tão enorme apparato de dôr na regia mansão onde sempre a alegria cantava hymnos doces e sonoros, propicios á ventura do monarcha? Por que tanto lamento funebre e tanta afflicção nos rostos dos cortezãos guerreiros e das brancas virgens consagradas ao grande *Tonatiuh*, ao grande e esplendido Sol, d'ellas, as brancas preferidas, aquellas que deram sua vida ao *Senhor da Luz*, filho supremo do *Espirito Universal*, *Tloque-Nahuaque*, d'ellas que deixaram quasi deserta a casa das aguias soberbas?... Por que?... Por que?...

Hontem, apenas terminaram as alegrias e as danças festivas em louvor dos vencedores das regiões do oeste, de onde vieram milhares de prisioneiros e gente de armas conduzindo a bagagem de despojos esplendidos, centenares e centenares de lantejoulas de ouro, nacares, opalas, algodão, plumas preciosissimas dos passaros maravilhosos que povoam os bosques encantados, e brancas plumagens de aves immensas, como aguias de neve e de luz, e conchas de praias desconhecidas de mares mysteriosos, dessas praias em que parece recostar-se Tonatiuh para dormir o somno negro da noite... e como maior trophéo e mais grato aos olhos sombrios e lugubres do tetrico Moctezuma, mulheres bellissimas, virgens de fórmas esbeltas e airosas, irradiando amor ou suprema voluptuosidade, donzellas de olhares profundos e somnolentos, saturadas de essencias divinas que adormecem deleitando, deleitando lentamente...

Que prazer o do imperador ante a victoria de suas hostes triumphadoras das legiões do oeste!

E que alegria devia ter inundado o velho e torvo, cruel e feroz *Huitzilopochtli*, quando tantos milhares de corações palpitantes e sangrentos lhe foram offerecidos, tingindo de vermelho vivo os degráos do alto e sumptuoso *Teocalli*.

Hontem, tanta algazarra... danças, musicas solennes... O *teponaxtle* sagrado da mansão das aguias fez resoar harmonias sonoras, embriagando o povo.

E tal foi a gloria e felicidade do Supremo Moctezuma, que permittiu que a plebe bebesse nas chavenas negras do templo o *actli* branco dos grandes festejos sagrados.

Por que, então, tendo sido *luna de dicha y alegria* a que acabava de desapparecer, annunciava hoje Moctezuma tristezas publicas, e, segundo referem os intimos, grandes principes sacerdotes, o soberbo principe se entregava a sacrificios pessoaes, cravando no ventre e no peito grandes e agudissimos espinhos de *maguey*, banhando-se no proprio sangue e lançando a vagar de um extremo a outro do salão, profundos gemidos, barbaros, medonhos, funebres?

Que formidavel catastrophe, que praga, que castigo dos deuses, que colera divina se revoltou contra elle e contra o seu imperio?...

IV

Ninguem o sabe! Em vão a primeira esposa interroga-o, chorando; em vão os filhos queimam deante do seu throno o *copalli* solenne dos deuses, e os grandes ministros sacerdotes sacrificam donzellas e offerecem a Tonatiuh corações de meninas recem-nascidas para que o Gran Sol devolva ao monarcha a tranquillidade perdida; debalde os filhos dos nobres e humildes pretendem dançar em suas esteiras de pennas e opalas para distrahil-o... tudo é inutil... O rei continúa a gemer lugubremente!

E que cousa commovedora e sinistra era ver o grande despota semi-divino banhado em sangue pelos espinhos do *maguey* que lhe atravessavam o peito, o ventre, vêel-o erguer-se ferozmente a dar saltos emquanto as brancas virgens nobres dançavam ao som do *teponaxtle* regio!

Ninguem sabia por que era tão grande o desespero do rei!

E ninguem o soube então.

E foi tão lugubre aquella desolação, tão profunda, atroz, incomprehensivel, mysteriosa e estranha, que

Com o Pule-Laca «BRYLAK» poderá V. S. manter o verniz e a laca de seu automovel sempre limpo e novo, mediante uma fácil e rápida applicação. Produz um brilho intenso e fino.

«BRYLAK» renova, limpa, póle e preserva o brilho original da laca.

Não damna nem a deteriora. Pelo contrario, accentua o seu brilho.

A venda nas casas de ferragens e automoveis.

Fabricado pela The Ohio Varnish Co. Cleveland, O — E. U. A.

Se soffres dos rins, amigo,
Cuidado! cuida de ti!
Attenção no que te digo:
Afloga o mal, — o inimigo —
Em agua de Lambary!

Approvado pelo D.N.S.P. sob n. 316 e 317 em 3-7-1921.

NÃO SEJA TOLO

NÃO PAGUE MAIS ALUGUEL

SEJA INTELLIGENTE

COMPRE A SUA CASA

Nós lhe vendemos casas em prestações de 400 a 800$000 na Tijuca, Jardim Botanico e Engenho de Dentro.

Cia. EDIFICADORA RIO DE JANEIRO

PRAÇA FLORIANO 31-39-2°

Edificio Cine Gloria

A TRISTEZA DE MOCTEZUMA

(Concluido)

todo o imperio se resentiu das dôres do imperador da mais tragica e horrivel maneira.

A tyrannia de Moctezuma explodiu, suprema e barbara; foi quando mais correu o sangue dos povos escravos que expiravam amaldiçoando o seu nome!

V

Mais tarde, o bom *Alva Ixtlixochitl*, principe da dynastia *texcocana*, colheu lendas e tradições, raras e terriveis, espantosas todas, acerca do mysterioso desespero, da subita desolação do imperador de *Tenochtitlan*.

E eis aqui uma dellas:

Ao chegar vencedor seu exercito das regiões do oeste, trazendo tão esplendidos trophéos, o que mais excitou a alegria do rei foi ver, embevecido, ebrio, attonito, a mais delicada e formosa donzella que seus olhos poderiam ter contemplado.

Era o ideal de belleza que sonhava o escuro monarcha: esbeltez aérea, uma certa morbidez na carne fina e quente, doce languidez nos movimentos, bocca pequenissima, olhos grandes, rasgados, de longas pestanas, profundos, sonhadores, mysteriosos, de reflexos luminosos, luminosos e tristes... cabelleira profusa, solta sobre largas espaduas desnudas...

VI

Na sala mais luxuosa do Gynecêu imperial foi conduzida a bella princeza captiva: a virgem *Xoliaca Suxtilnztzin*, chamada a *forte* por sua tribu, porque possuia uma força poderosa nos braços delgados. Ella arrancava, melhor do que qualquer guerreiro, os ramos mais resistentes das arvores!

Mas *Suxtilnztin* amava o chefe *Mirtlan*.

VII

Moctezuma arrastou-se aos pés da escrava, chorando, jurando-lhe um amor eterno...

Ella repelliu-o altivamente, e, debalde, procuraram os guardas subjugal-a; retrocederam todos deante dos seus olhos fulgurantes!

... Uma noite fel-a conduzir o monarcha ao esplendido lago de Chapultepec, onde somente o augusto *Tecuchtli* de *Tenochtitlán* e seu irmão, o Summo Sacerdote do Grande *Teocalli* podiam submergir os corpos no sagrado *Ezapan*.

— Comprehendes que te faço tão poderosa quanto eu... far-te-ei banhar nas aguas santas... se me amas...

— Não! — responde a princeza captiva.

— Então, vem... E arrastou-a para a espessura do bosque. Num claro da floresta ardia uma fogueira enorme.

— Morrerás queimada! — exclama Moctezuma.

Do alto de uma arvore, de onde os estava a espreitar, atira-se *Mirtlan*, a quem o rei brada, num estertor:

— Ama-te? pois que morra!

* * *

Agora... acolá... a agua. A princeza corre a lançar-se no lago sagrado, e, vendo seguil-a o rei no encalço, submerge para nunca mais apparecer...

O que nem todos sabem

A egreja do Espirito Santo, na cidade de Heidelberg, é o unico templo no mundo onde se effectuam, simultaneamente, missas para catholicos e protestantes. Uma parede medianeira separa as duas congregações.

•

Por occasião da primeira representação de uma comedia de Bernstein, o machinista, por engano, levantou o panno de bocca um pouco antes do tempo, e o publico viu o autor que conversava no palco com uma artista. Mas o escriptor não perdeu a presença de espirito e, voltando-se para a actriz, disse:

— Está entendido, minha senhora: levarei a pendula, que trarei, certamente, amanhã, devidamente concertada.

E sahiu. Bernstein tinha, assim, evitado o ridiculo. Quanto ao publico, este suppoz que aquellas palavras pertencessem ao texto. Mas Sarcey, o critico theatral, que os comediographos temiam, no dia seguinte alludiu, no *Temps*, áquella scena, superflua, dizia elle, e de uma vulgaridade inutil. Dois dias após, assistindo de novo a uma representação da referida comedia, naturalmente não viu o relojoeiro.

E no folhetim que em seguida escreveu, Sarcey commentava, satisfeito:

"O sr. Bernstein attendeu ás nossas observações. Supprimiu, como tinhamos aconselhado, a scena inicial!..."

•

A cidade de Vouziers, na França, vae erigir, brevemente, um monumento a Taine. Esse monumento seria uma replica daquelle que, em 1905, fôra inaugurado naquella cidade, e que os allemães destruiram.

Da mesma fórma que o que elle se destina a substituir, esse monumento seria obra do esculptor e pintor Stanislas Martongen.

•

O sport do ski toma grande incremento no Japão.

•

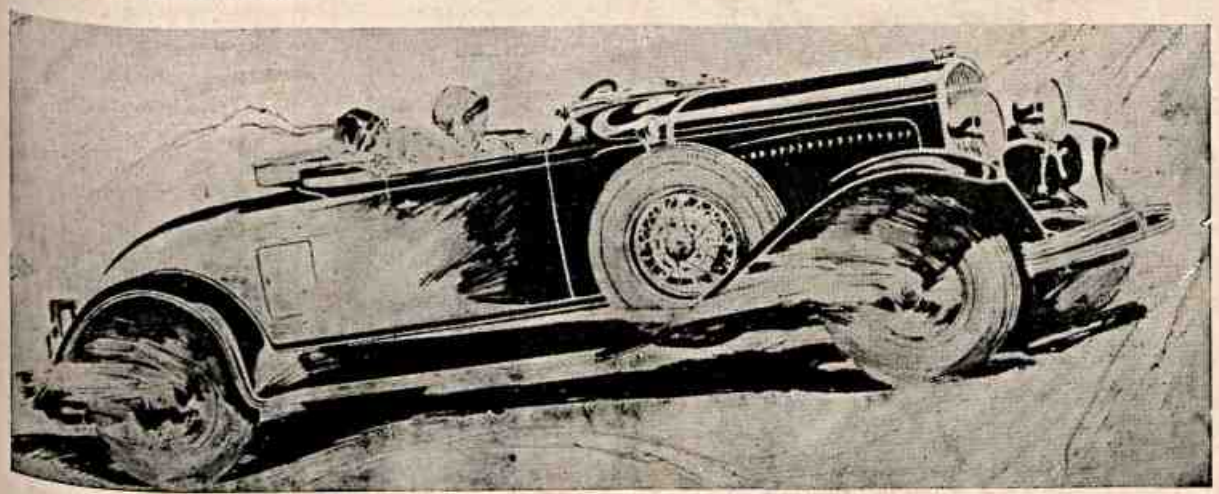
Recentemente, falleceu em Kzortkom, na Polonia, um judeu, Samiel Frommer, que, durante trinta annos, em consequencia de um estranho juramento, não pronunciou uma unica palavra.

Em seguida a uma violenta discussão com sua esposa, Frommer desejou vêl-a queimada viva. Alguns dias depois de haver externado o seu pensamento, sua mulher morria victima de um pavoroso incendio.

Dolorosamente arrependido, o pobre judeu procurou um rabbino, que o induziu a "não servir-se mais do orgam que commettera o delicto." E durante trinta annos Frommer cumpriu rigorosamente o seu juramento, de que se libertou somente com a morte.

As Leis da Moda

PARIS Dicta-as quanto ao trajar.

CHRYSLER Proclama-as na locomoção

Sim, querida! Tranquillisa-te!
Bem sabes o quanto sou rigoroso nas "Leis da Moda"!

CHRYSLER, *para uma linda dama é o complemento indispensavel de uma apurada elegancia.*

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 247 — Tel. Central 1744 - 2407

AS REMINISCENCIAS

De Miguel Zamacois

A empoeirada e inverosimil carruagem tendo-se detido diante da unica taberna de uma minuscula localidade do departamento do Var, o cocheiro desceu, veio abrir a portinhola, e disse-nos, com esse maravilhoso accento que, acolá, transforma a menor banalidade em declaração sensacional:

— Pousségoule! Tres quartos de hora de espera.... Todo o mundo tem de descer!

— Tres quartos d'hora de espera depois meia hora de viagem? — perguntei.... — E para fazer o quê?

— Sem duvida! E' preciso, de certo, que os cavallos bebam agua!

— Tres quartos d'hora para os cavallos beberem? Vão então beber em canudo de palha?... Emfim, seja.... Mas para que descer?

No sul, as surpresas são, se assim se póde dizer, em jactos continuos....

— Eh! por causa das molas! — respondeu o cocheiro, do modo mais serio possivel.

Eu não tinha pensado nisto.... Esse vehiculo prehistorico, — remontando não á idade de ferro mas á idade dos ferros velhos, — como vehiculo, no qual acabavamos de ser sacudidos, agitados, torturados, teria, na verdade, molas? Valia a pena verificar. Sahi com difficuldade de dentro delle, seguido por outros nove viajantes, mortificados e resignados.

Sob a caixa da carangueijola, constatei a existencia de delgadas laminas metallicas que deviam, com effeito, ter desempenhado outr'ora o papel de molas, mas que, agora, repousavam horizontalmente e definitivamente sobre os eixos.

Como fizesse muito calor, entrei no albergue onde os demais viajantes já se tinham installado diante de bebidas, e onde se nos veio juntar o cocheiro. Na verdade, nos tres quartos d'hora de demora regulamentar em Pousségoule, cinco minutos somente eram sempre consagrados a dar de beber aos animaes, e quarenta, em beber o cocheiro.

Assim que me sentei a uma das mesas, um homem gordo, de bôa apparencia, que tomava a minha frente hortelã com agua, sorriu-me amavelmente com os olhos, com as narinas, com as faces e o queixo:

— Oh! bom dia! disse.

E a intervenção do accento tradicional dava a este simples "bom dia" um extraordinario valor affectuoso.... Era quasi um abraço.

— Bom dia, respondi.

Mas o meu *bom dia*, era um bom dia breve, frio, incolor, uma polidez e não uma effusão, era em um bom dia de morte.... O homem não se enganou!

— Eh! não é d'aqui!.... Está de passagem por nossa terra.... E' turista.... ou, talvez, viaje a negocios.... E' caixeiro viajante.... Mercadeja.... Vende vinho.... ou oleo.... ou artigos de Paris....

— Não, sou homem de letras.

— Homem de letras! Olá, é ser alguma cousa!

Mas tendo subitamente percebido que a revelação de minha profissão me attrahia a consideração respeitosa dos presentes, o que era em detrimento da attenção que elle pretendia monopolizar.

—Eu não duvidava, continuou, que fossemos um pouco collegas!

— Collegas?.... Será então....

— Sou professor

Lançou um olhar sobre o auditorio e, despeitado ao vêr que a declaração não produzira nenhum effeito, procurou vivamente em sua imaginação meridional a historia que pudesse "concorrer" com a minha vantagem.... Encontrou-a logo, naturalmente, e desfiou-a quentinha, e as palavras sahiam numa inflexão adocicada como fructas em calda....

— Sou professor simplesmente, mas escapei por um nada de ser um literato prodigioso.... ou um autor dramatico phenomenal!.... E' uma historia bem singular, como vae vêr. O bom do meu pae, sem instrucção, mas que em compensação, tinha algo de novidade nas reflexões e bom senso no julgamento, pensou em bôa hora fazer-se um homem de letras.... "Mas, dizia elle, si o faço educar como todo o mundo, terá naturalmente as idéas de todo o mundo! E quando chegar á idade de escrever, misturará na cabeça todas as suas leituras, todas as obras dos antigos, todos os livros dos eternos classicos, emfim a repetição secular e imprescriptivel de tudo isso que suffoca a personalidade dos escriptores!"

E assim pensando, enviou-me aos cinco annos para casa de um parente, professor jubilado, que vivia isoladamente numa aldêa perdida da Corsega, e encarregou-o de instruir-me por um methodo novo; eu devia aprender tudo o que se ensina aos candidatos ao bacharelato, salvo o que dizia respeito á literatura franceza e estrangeira: "E' impossivel que o pequeno não dê um autor original, pensava meu pae, pois que só poderá tirar do proprio espirito!"

"O programma foi rigorosamente executado, e quando attingi meus dezoito annos, meu pae resolveu proceder a uma importante e decisiva experiencia. Encerrou-

me num quarto e impoz-me compôr a meu modo, livremente, espontaneamente, uma obra, utilizando unicamente meus documentos de historia, de geographia, de moral, de psychologia, e temperando o todo com as inspirações, as suggestões mysteriosas de minha personalidade pensante conservada virgem.... No fim de oito dias, eu tinha escripto febrilmente um livro.... E sabe o senhor o que era?.... Era nada mais, nada menos, que o *Inferno* de Dante!...

"Mas, comprehende-se, não conhecendo Virgilio, nem de nome, emprehendi a visita dos cyclos com um meu amigo, antigo guia da agencia Cook, que se veio isolar em nossa aldêa.... E, salvo tambem um certo numero de detalhes, aliás insignificantes... Surprehendido, meu pae repetiu a experiencia. Uma nova cadeia laboriosa me foi imposta. O resultado? Uma historia que procedia em linha directa do famoso *Don Quixote* de Cervantes!....

As Reminiscencias

(Conclusão)

"Ensaiemos o theatro! disse meu pae.... Oito dias depois, entreguei-lhe um manuscripto, uma imitação flagrante de *Macbeth*, suavisado, de *Hamlet*.... Tentemos então o theatro alegre; tornou obstinadamente meu pae estupefacto.... E surgiu á luz do dia um incrivel e inconsciente plagio do *Médecin malgré lui*, de Molière!....

"O senhor bem póde imaginar o desespero de meu pae.... Um doutor foi chamado e achou o meu caso prodigiosamente curioso. Eu devia ter tido, certamente, em meus ascendentes, grandes eruditos, ou amantes encarniçados de leituras, ou talvez copistas, e atavicamente, milagrosamente, tudo o que tinham lido ou copiado brotava-me no espirito como bolhas de ar arrebentando á superficie de um lago!.... E o doutor diagnosticou uma especie de "erupção cerebral de reminiscencias, inconsciente, obscura e congenita." Condemnado assim, a escrever somente "imitações", e muito honesto para resolver-me a tal, como tantos de nossos confrades, renunciei á literatura!"

Olhei o auditorio e constatei que o homem gordo tinha attingido plenamente o seu fim: desdenhando agora minha mesquinha personalidade de escriptor, os viajantes, o cocheiro, o dono da taberna, a dona e todo o pessoal, os vizinhos e os transeuntes, attrahidos pelo ruido da voz do narrador, dardejavam olhos arregalados pela admiração sobre o homem que, sózinho, era ao mesmo tempo os mais famosos autores de todos os paizes e de todas as epocas!

◆◆

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

CAMAROTE D

De MIGUEL ZAMACOIS

FORGUEILLE sentia uma grande alegria por ir ouvir, naquella noite, «Manon», na Opera Comica, não pelo amor á musica, mas porque sabia encontrar no camarote dos Galuche, que o tinham convidado, a bella senhora Montelet, com a qual esboçara um «flirt» cheio de encanto.

Entrando em casa para jantar e vestir-se, muito lepido a antegozar o proximo prazer, Forgueille encontrou umas palavras da bella senhora Montelet, informando-o apressadamente que não lhe era possivel, «com o mais vivo pezar», ir á Opera comica.

A «presteza» do pezar da senhora Montelet não attenuou a immensa decepção de Forgueille, que ficou immediatamente aborrecido da Opera Comica, de «Manon» e, sobretudo, da companhia dos Galuche, reduzidos ao casal.

Sentou-se, de muito mau humor, á escrevaninha, tomou uma folha de papel, e escreveu, nervosamente, n'uma pennada: «Caro amigo, com o mais vivo pezar deixo de ir ao seu encontro na Opera Comica...» E como não pudesse ajuntar decentemente «porque a senhora Montelet não estará presente», usou da formula commoda que permitte ganhar tempo e escolher uma mentira: «devido a um imprevisto que lhe direi de viva voz».

Insistiu em seguida, hypocritamente, segundo o uso, sobre a desolação que lhe causava o contratempo, exagerou o calor da effusão final, assignou, sellou, e traçou sobre o envelloppe: «Senhor Galuche, camarote D, no theatro Opera Comica, urgente».

Depois do que tocou a campainha chamando Antonio, o criado de quarto, e disse-lhe:

— Antonio, vá vestir-se e, pelas nove e vinte, levará este bilhete á Opera Comica. E' para prevenir ao senhor e á senhora Galuche que não posso encontrar-me com elles. Você pedirá para ser conduzido ao camarote D e entregará a carta ao senhor Galuche... Vou jantar fóra... Até amanhã.

Depois se foi, meio atordoado com a contrariedade.

Mal de uns... Antonio ficou encantado com o incidente. Não tendo que servir o jantar, poderia fazer demoradamente o seu... Iria em seguida até a rua Favart desempenhar-se da missão, e ás nove e meia se encontraria na rua, livre, e em traje de gala. Era uma noite de sueto supplementar inesperado... Escolheria ulteriormente entre o cinema, uma bella iguaria no negociante de vinhos da esquina e uma reunião de amigos de Saint-Hubert, que deveria fazer uma farra na adega...

A's nove e vinte, num smoking correcto, elegantemente engravatado á custa do patrão, cuidadosamente penteado, cheirando a cosmético, apresentou-se á bilheteria e chegou logo até á importante personagem de cujo dominio fazia parte o camarote D. A illustre personagem tomou-o por um inglez «chic» e adeantou-se:

— Está aqui alguem á sua espera, disse ella... O cavalheiro quer que o livre do embaraço?

— Sim... de minha carta...

Sem comprehender, a porteira introduziu Antonio no camarote D, onde, com effeito, modestamente assentada numa cadeira do fundo, estava uma gentil moça vestida de negro, que se levantou immediatamente, intimidada.

— E' uma carta que trago para o senhor Galuche, da parte do senhor Forgueille, que não póde vir, disse a meia voz Antonio, um pouco perturbado pelo aspecto da sala brilhante e pelo arrebatamento da musica.

— O senhor Galuche tambem não virá, respondeu no mesmo diapasão discreto a gentil e joven mulher... A mãe da senhora adoeceu e o senhor e a senhora foram passar a noite com ella, em Vésinet... Eu trazia tambem uma carta para o senhor Forgueille, prevenindo-o...

— E' engraçado, sem duvida! Então a senhora é?

— A primeira camareira da senhora Galuche, Amelia...

— E eu sou o criado de quarto do senhor Forgueille, Antonio... Nada mais temos a fazer do que trocar as cartas... Eis aqui a minha.

— Obrigada. E eis a minha.

Era agora o intervallo.

— Nossas missões estão terminadas, disse Antonio. Temos agora que nos pôr a caminho. Viu o começo da peça?

— Muito mal, porque sabia que não ia ficar... Não comprehendi grande cousa da representação, mas a musica me pareceu bonita...

— E' mesmo pena deixar perder um bello camarote como este!

— Quarenta francos, é o preço.

— E a esta hora não se reembolsa mais.

— Oh! os Galuche não são dessas cousas!

— Ah!... São ricaços os seus patrões? Está contente no emprego?

— E' como em toda a parte, ha prós e contras...

No fim de dez minutos, Antonio estava informado perfeitamente sobre os Galuche, e Amelia nada ignorava a respeito de Forgueille.

Entretanto os violões miavam lás e arpejos, e o regente da orchestra dava pancadas na estante com a sua batuta.

— Palavra, disse Amélia, como tenho desejo de ver este acto... Gosto tanto de theatro! Principalmente por não ter pressa esta noite, porque elles ficam em Vésinet.

— Eu não tenho pressa também, porque o meu amo me deu sueto hoje... Gosto muito de theatro tambem... E as peças de amor principalmente...

— Veja agora isto!

Ousaram sentar-se na fileira de cadeiras do meio e escutaram o acto sem trocar palavra, um pouco perturbados com a aventura... No segundo intervallo, commentaram a peça, e pelas observações, Amelia se revelou muito sentimental, o que não desagradou a Antonio... Bruscamente:

— Oh! tanto peor! — exclamou a moça — vou ver o terceiro... Quero saber o que vae acontecer!

— Eu tambem.

Trocaram opiniões sobre os meritos dos artistas, e a gentil camareira tendo exprimido o pezar de não saber os seus nomes, nem o dos autores, Antonio decidiu-se galantemente a ir comprar um programma...

Tendo-lhe parecido loucamente exagerado o preço do programma, hesitou... Mas como, por infelicidade, o vendedor se esganiçava na sala, precisamente defronte do camarote D, Antonio, a quem Amélia sorria de longe, sentiu-se na impossibilidade de voltar de mãos vazias, allegando por desculpa o eclipse do dito vendedor. Comprou um programma, então. Amélia agradeceu ao seu galante cavalheiro e apressou-se em satisfazer sua curiosidade. O terceiro acto começou logo. Animados, sentaram-se sem cerimonias, desta vez, nas cadeiras da primeira fila, e ousaram apoiar-se no rebordo luxuoso de velludo.

Nem era preciso dizer que terminado o terceiro acto, Antonio e Amélia não se resignaram a partir. Queriam saber o fim. E no intervallo, quando a porteira veiu reclamar o «pequeno serviço» e se retirou, respeitosamente e illudida, com seus cincoenta centimos — foi empregado pelos dois em mais amplos conhecimentos. Falaram sobre imposto, sobre o soldo, o franco, e cada um confiou ao outro suas aspirações sentimentaes e ambições profissionaes.

No fim do intervallo Antonio estava informado: sabendo pentear e «tratar das mãos», Amélia tinha deante de si um futuro de camarista excepcionalmente brilhante. Amélia, de sua parte, estava segura: possuindo naturalmente o «chic» inglez, e aprendendo, aos domingos, a conduzir um auto em logar de ir para os cafés, Antonio podia pretender, por seu lado, os mais altos destinos...

* * *

Antonio desposou Amélia, e ambos, quando se apresenta a occasião, não deixam de contar que sua primeira entrevista, longamente preparada pelas familias de um e de outro, teve logar, como entre «gente da alta sociedade», num camarote da Opera Comica.

Companhia Hamburgueza Sul-Americana

Hamburg Südamerikanische

Dampfchiffahrts Gesselchaft

SERVIÇO RAPIDO ENTRE EUROPA, BRASIL E RIO DA PRATA
COM OS CONHECIDOS PAQUETES DE LUXO

CAP POLONIO

CAP NORTE

ANTONIO DELFINO

E COM OS NOVOS PAQUETES MOTORES

MONTE OLIVIA

MONTE SARMIENTO

E O GRANDIOSO E RAPIDISSIMO PAQUETE DE LUXO

CAP ARCONA

Do Brasil á Europa em 9 dias !!!

PEÇAM ITINERARIOS E TARIFAS AOS AGENTES GERAES

THEODOR WILLE & C.

AVENIDA RIO BRANCO 79 — TELEPHONE NORTE 1582

RIO DE JANEIRO

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 13

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 30 de Março de 1929.

▽

PRECISA-SE DE POETAS...

—o—

ELCIAS LOPES

A psychologia do annuncio? Eis uma coisa apparentemente sem importancia e que, no emtanto, examinada e estudada, de certo modo, á luz clara da razão, bem nos podera servir de pedra de toque da civilização moderna.

Ahi está, pois, mais um precioso elemento, uma fonte segura de pesquisa para os que se entregam, nos nossos dias, ao estudo do complexo de phenomenos de ordem sociologica que traduzem e reflectem todas as manifestações, superiores e mesmo secundarias, da vida contemporanea, em que tudo — do homem, á cidade, ás coisas, á natureza — parece perder a sua expressão propria, a sua individualidade distincta ou differencial.

Os poetas — raça de gente que sempre gozou do excepcional privilegio de pairar acima do *terre á terre* das coisas prosaicas, alcandorando-se, *in mente*, ás espheras mais altas da Phantasia e do Sonho, elles tambem tiveram de adaptar-se e amoldar-se ás exigencias um tanto duras e nada poeticas do impiedoso *canon* economico que serve de *pivot*, de centro de gravitação ao organismo social contemporaneo.

Rendre marchandes toutes les richesses de la nature e, mesmo as do pensamento — accrescentamos — eis a tendencia, o objectivo superior e caracteristico da actividade humana nos dias que vão correndo.

Os poetas não podiam fugir á regra geral, ao imperativo categorico desse novo credo social, espiritual e material, e, a gosto ou contragosto, teriam, fatalmente, de acceitar as condições do prosaico ambiente em que viviam.

E os annuncios, insolentes, berrantes, de uma irreverencia cruel e dolorosa, começaram, nos jornaes, por chamal-os á crúa realidade do momento vivido, como este, ainda ha pouco estampado num grande matutino desta capital:

Precisa-se de poetas para a feitura de reclames de uma empreza de primeira ordem. Cartas a G. E., no escriptorio deste jornal.

O phenomeno é expressivo e assignala perfeitamente uma das caracteristicas, uma das feições primaciaes do mundo moderno — o mercantilismo como padrão e finalidade de toda actividade social.

Au banquet de la vie, na actualidade, já não ha logares tão só para os infortunados, os desventurados de toda ordem: tambem não os ha para essa especie de visionarios, de vates de longas melenas e physionomia romantica, senão tragica, que foram os poetas á antiga, os rhapsodos tristes e enamorados que descantavam, ao som da lyra piégas e generosa, as magoas e os sonhos de seu coração.

Ninguem, como elles — os poetas — teria em tanto amor e zelo a "linha" de dignidade, de elegancia, de altivez e orgulho da... profissão, não, do grande e nobre engenho com que nasciam, como se a scentelha divina que lhes encendia a mente fosse um dom a bem raros eleitos concedido.

Enfants gatés das mulheres de todas as idades e de todos os tempos, queridos de reis e de imperadores, os poetas tiveram a sua época de fastigio e de esplendor. Isso, emquanto a poesia conseguir dominar a realidade da vida. Hoje, já não é assim: ella tem de manter a sua linha de equilibrio, fluctuando entre a monotonia da realidade e as necessidades da illusão, porque nem só de pão vive o homem...

Aliás, com o novo senso economico da vida, das coisas, da arte, da poesia, a raça irritavel dos vates, de que falava Horacio, antes lucrou do que perdeu. Porque, com o espirito e a mentalidade dominantes, neste seculo de electricidade e de mulheres *furieusement pratiques*, dizer de alguem que era "um poeta" valia, até bem pouco, por lhe negar todo valor como expressão ou expoente de actividade social, capaz e util.

O annunciario dos jornaes, convidando os poetas para cantarem qualquer coisa — um artigo, uma mercadoria commercial — é, assim, symptomatico: evidencia e positiva a utilidade da sua arte. Mercantiliza-a. Valoriza-a. E' um bom indice, emfim.

N'uma terra, porém, em que tão bem se enquadra aquella sentença do poeta latino — *aut insanit homo, aut versus facit* (o homem ou fica doido ou faz versos), um annuncio como o que acima citámos vae dar que fazer ao emprezario que precisa de poetas para a poesia de *reclames*.

Todo o Brasil que canta, em bons ou máos versos, ali estará *fiche-fiche*, á espera de uma encommendazinha...

Essa valorização economica da poesia crioula é bem grata ao meu coração, ao coração de um homem que só pode ser acoimado de "poeta" por nada ter feito na vida, até hoje... E, por isso mesmo, é que já dei parabens ao Bastos Portella, ao C. Paula Barros e varios outros illustres poetas amigos, poetas de verdade...

COISAS

Estamos em maré de ladroeiras grossas.

Desfalques na Alfandega, cheques falsos no Thesouro, escamoteações de estampilhas, uma verdadeira corrida de piratas!

Si o dinheiro dos ordenados mal chega e mesmo não attende ás necessidades ordinarias da vida, é de espantar como certos cavalheiros satisfazem ás despesas de seu lar e ainda têm sobras para bancar amantes puxados a automoveis, etc. e tal...

E' o que a gente hoje se farta de vêr, numa cidade de pobretões, de funccionarios, onde todos gastam como millionarios.

Houvesse uma vigilancia administrativa, ou uma policia preventiva, e o mal seria em grande parte corrigido.

Porque, como diz a bocca do povo, quem cabras não tem e lá vende, de alguma parte ella vem...

FOCH, MARECHAL DE FRANÇA

A immortalidade de Foch começou antes de sua morte. Elle foi o maior homem de guerra do seculo. Applicando aos tempos modernos a tactica napoleonica, que ensinava aos seus discipulos, venceu a ferrea organização germanica. E o seu nome foi o clangor da victoria dos Alliados. Marechal de França e Academico, historiador e estrategista, a sua figura, aureolada de singeleza e de bondade, projectou sobre o mundo uma sombra colossal. A gratidão da França conservará o seu culto e a gloria do grande soldado da Civilização viverá com o Mundo!

A SAUDADE DE OSWALDO CRUZ

Oswaldo Cruz é um nome que está no coração carioca.

A' medida que os dias correm, o povo sente bem nitida a perda irreparavel que foi para a Patria o desapparecimento do gigante da sciencia medica.

Oswaldo Cruz surgiu quando o Rio era uma cidade sem a menor condição de hygiene, quando as endemias ceifavam vidas preciosas e num golpe, que a um tempo revelava intelligencia e audacia, elle transformou o Inferno em Paraíso.

Não mais as estatisticas accusaram os algarismos que faziam tremer de medo a população que denegriam o conceito do nosso paiz no estrangeiro.

Attrahidos pelos encantos da urbe e pelas condições sanitarias que o mestre soube aprimorar, os turistas demandaram em massa o Rio, para gozar o espectaculo maravilhoso da nossa surprehendente natureza.

Mas, desgraçadamente, Oswaldo, mal havia concluido a

sua obra formidavel, tombou, ferido de morte.

Moço ainda, foi carregado para o campo santo, coberto das lagrimas dos seus amigos, da legião de discipulos que soube conquistar pelo coração e pelo saber.

Era de suppôr que o homem tivesse desapparecido dos vivos, mas, que a sua obra ficasse eterna, como um bloco indestructivel.

Entretanto, o descalabro administrativo culminou na Saúde Publica, e a febre amarella voltou ao obituario da cidade.

E a população, revoltada, suspira saudosa por um novo Oswaldo Cruz, reverenciando-lhe a memoria.

A VERDADE

Todo menoscabo da verdade indica, as mais das vezes, um vicio occulto ou alguma intenção culpavel que seria vergonhoso confessar. Dahi a attracção especial que a sinceridade exerce, porque reune, até certo ponto, os attractivos das demais qualidades moraes cuja existencia comprova.

— Stewart.

MANDADAS celebrar pelo sr. embaixador da França, conde Dejéan, que teve o concurso da colonia franceza, realizaram-se, segunda-feira, na egreja da Candelaria, solennes exequias por alma do marechal Foch. Todo o mundo official e diplomatico, assim como altas patentes do Exercito e da Armada, compareceu a esse officio religioso, reverenciando assim a memoria do grande cabo de guerra francez cuja vida gloriosa acaba de se extinguir

DE SIENKIEWICZ

Sempre se espera alguma cousa para o dia seguinte; sem isso, a vida seria insupportavel.

—

O amor em si mesmo, isto é, a attracção reciproca de dois seres, não é a felicidade. Mal dirigido, este amor póde ser a origem de soffrimentos indiziveis. A difficuldade não está em amar, mas em saber amar.

NO MAR DE OLHOS EM TERRA...

Na vida contemporanea
tudo é incerto e irregular.
O ultimo Arco-iris (Insania!
Não ter azas e vôar...)
foi bem "arco-iris" — foi feito
em pleno ar...
Pois agora vou a bordo
do "Orania",
navegando
e versejando...
E, si o meu rythmo é imperfeito
(o com que, aliás, concordo)
eu ponho a culpa e o defeito
no proprio rythmo do mar...

E, sempre que estou a bordo,
e, agora, com mais razão,
scismo, divago, recordo,
e a minha recordação,
ó meninas
(não me refiro ás ondinas
de alto-mar)
a minha recordação,
ó meninas,
toda e toda, é por vocês
ó meninas da Avenida,
"geishitas" da minha vida,
visões da minha embriaguez.

Avenida — com rua Sete.
Avenida — com Ouvidor.
Cinco da tarde. Promette
haver desfile do "Set",
mesmo agora, que a Cidade
(barbaridade!)
se derrete
de calor...

MARIPOSA!

Não fale mal da vida, mariposa!
Não fale mal, não fale mal!
Ainda se salva muita cousa,
além do Sonho e do Ideal.
Ainda ha muito refugio, muito abrigo:
No deserto traiçoeiro
ainda ha muitos oasis;
ha, no meio do joio, muito trigo,
muita sinceridade, entre ôcas phrases;
ainda ha muito coração amigo,
e muito sentimento verdadeiro,
ainda ha muita gente boa
que nos comprehende e nos perdôa,
que nos defende e nos bemdiz
e nos estima sem saber porque...

Não fale mal da vida, mariposa.
Ainda se salva alguma cousa
que faça alguem feliz.
E, si a felicidade é falsa cousa
que não se toca, nem se vê,
quem sabe, mariposa,
si, em parte, a culpa não é de você?

Evanidade...

SER BELLA

"Miss Brasil" é o assumpto do dia.

Onde quer que estejamos é só no que ouvimos fallar.

E' a preoccupação nacional.

Haverá razão para tanto?

Sim, certamente.

Basta vêr a sua *finalidade* — de ordem esthetica.

Todo brasileiro deve interessar-se para que o nosso caro paiz sobresaia no certamen de Galveston, glorificado pelo typo de belleza, representativo da nossa raça.

Basta attentar nessa finalidade, para se comprehender o grande alcance do torneio...

Mas será esse o ponto de vista collectivo? Não o creio.

Pelo menos até aqui, o que tenho ouvido discutir é o aspecto economico da iniciativa d'"A Noite".

Sim, senhores!

Não esqueçamos que esse concurso tem despertado maior interesse nos meios femininos. Mais do que entre os barbados. Por isso que o seu objectivo está preoccupando mais á mulher do que ao homem.

E é claro que ellas não vêem aquella alta finalidade do concurso; vêem as vantagens praticas que nelle se offerecem.

Uma dessas noites, assisti a uma discussão acalorada, sobre essas vantagens materiaes. "Miss Brasil", de qualquer modo, — diziam — estaria bem. Mesmo que não viesse a classificação maxima — o que era provavel não obter — realizaria um magnifico passeio, á America do Norte — sem o desembolso de um real.

Estava n'uma roda, que a palavra e o enthusiasmo de algumas senhoras e senhoritas palradoras animavam. Suspirou uma dellas — fazendo a apologia da belleza, salientando a grande ventura de ser bella. Outra secundou essa opinião, defendendo a mesma these da sua amiga, triste, apenas, de não ser um typo de belleza, que pudesse alcançar alguns suffragios para seu nome.

Alguem, que se achava na roda, um sceptico homem, a quem a experiencia já demonstrara, varias vezes, a verdade de certas coisas profundas, mas desdenhadas pela vulgaridade dos seus semelhantes, interveio na incadescente palestra, para dizer que a verdadeira felicidade da mulher não era, em absoluto, ser bella — como typo de perfeição em linhas e fórmas, mas unicamente de espirito.

— A mulher deve ser bella para vencer na vida. Olhe o que diz Baudelaire: — "Sois charmante, et tais-toi!"

— Sim, — replicou o homem sceptico — Anatole France tambem dizia que o unico crime que não perdoava ás filhas de Eva era o de não serem bonitas...

— Já vê... — ensaiou uma voz de triumpho.

— Muito bem! — commentou o homem sceptico.

E' bom não esquecer que a belleza na mulher é mais um dom de espirito, do que um attributo de plastica, de formosura, de eurythmia. Que vale uma mulher linda, bonita, no sentido da correcção physica, si lhe falta a belleza interior, a mais nobre e louvavel das bellezas — que é a espiritual? Essa belleza que faz da mulher uma Mme. Sevigné, uma Marqueza de Rambouillet, uma Soror Marianna, uma La Vallière, a santa carmelita, ou uma Carmen Sylva, a illustre rainha da Rumania!

SOCIEDADE BAHIANA — Sra. Altamirando Requião, esposa do illustre director do «Diario de Noticias» da Bahia. A sra. Altamirando é uma das mais prestigiosas damas da capital nortista e o seu digno esposo é uma das figuras exponenciaes do jornalismo e das letras no Estado.

E proseguiu, depois de um silencio fundo, n'um tom risonho de ironia:

— Não fôsse o receio de repetir um conceito acaciano, diria que a belleza physica é ephemera como as rosas de Malherbe... (Malherbe tambem deve ser citado. Elle anda muito esquecido, neste seculo de futurismo) — fez elle n'um parenthesis. E a seguir:

— Quando a mulher não possúe a belleza do espirito, e a outra, a do corpo, passa depressa, — a sua velhice ainda é mais dolorosa, — porque tambem a sua queda é mais fragorosa.

— O sr. ama as feias? — alguem insinuou com malicia.

— Não; amo as mulheres que sabem ser bellas, mesmo quando o não são...

THEATRINHO — A "SOMBRINHA" — De Yves — *A scena representa a casa do sr. Avestruz, homem lutador, outr'ora capitalista, e hoje, em difficuldades de vida. A casa é no suburbio, não importa qual. Casinha alegre, com aspecto de "nid d'amour", como se diz, pedantemente, na lingua de Racine. (Pobre Racine!) Cobra é a sua mulher. E' uma creatura voluntariosa, como muitas. Exigente, traz o marido num "cortado". O pobre diabo, apezar dos pezares, tudo faz para attender aos seus caprichos. Ella é moça. Deve ter os seus vinte e cinco e poucos: idade essa que reduz, habilmente, com a chimica perfumada do rouge, dos crêmes, dos pós de arroz, etc.*

Apparece um terceiro personagem: o dr. Aguia, medico da familia, na apparencia, mas, de facto, medico do coração de madame Cobra.

Estando em apuros o sr. Avestruz, o dr. Aguia protege, discretamente, a esposa do cliente e amigo.

E' meio dia. Mme. Cobra espera o dr. Aguia.

SCENA PRIMEIRA

MME. COBRA

(Lê um livro. Um poeta. Repete alto estes versos:)

Na luz da tarde que morria,
Nós dois a um canto do salão...
Tomei-lhe a mão pequena e fria,
Dentro, ao calor da minha mão,
E confessei o que queria
Dizer-lhe, ha tanto tempo, em vão...
E a sua mão pequena e fria,
Tremeu mais fria em minha mão...

(Fecha o volume) — Oh! que bello poeta esse Adelmar Tavares! Elle fala á nossa alma com uma eloquencia penetrante — como se adivinhasse as nossas crises sentimentaes... "Na luz da tarde..." (Ouve baterem á porta da sala. Vae abril-a. E' o doutor Aguia, que chega).

SCENA SEGUNDA

MME. COBRA E DR. AGUIA

Dr. Aguia (entrando e beijando-a, carinhosamente) — Então Minha querida! Que tens?

Mme. Cobra — Saudades de ti, meu amor!

(Sentam-se no sofá).

Dr. Aguia — Como vae o Avestruz?

Mme. Cobra — Mal! Lutando sempre com a vida! Coitado! Já anda de cabeça baixa...

Dr. Aguia (ironico) — E' o "peso"...

Mme. Cobra — Peso? Que peso?

Dr. Aguia — Do "azar"...

Mme. Cobra (rindo) — Ah! Comprehendo! (Bruscamente) — E' verdade! A coisa aqui anda apertada. A crise está cruel. Avestruz não tem dinheiro nem para me dar uma "sombrinha". E o calor está ahi... Verão terrivel, escaldante!

Dr. Aguia — Não te incommodes. Amanhã terás a tua "sombrinha". (Olhando o relogio) Ih! Não posso demorar: adeus! Tenho de vêr um doente que está á morte.

Mme. Cobra — E como vae ser a "sombrinha"?

Dr. Aguia — E' facil! Compro-a, metto-a no "prégo", e offereço a cautela ao teu marido.

A' hora do «footing», sob o sol irritante...

um meio pratico della te vir ás mãos.

Mme. Cobra — Realmente! E' genial!

Dr. Aguia — Daqui a uma hora receberás a cautela. Vou mandar o porteiro do meu consultorio realizar a operação. (Apressado) — Bem, adeus! Até amanhã!

Mme. Cobra — Até amanhã! (Beijam-se. Mme. Cobra leva-o até o portão do jardim) — Ah! E' verdade! E' o dinheiro para resgatar a cautela?

Dr. Aguia — Eu t'o darei. São oitenta mil réis, não é? Eil-os aqui (Tira-os da carteira).

Mme. Cobra — E que direi a Avestruz, sobre a procedencia deste dinheiro?

Dr. Aguia (depois de uma reflexão) — Dirás que acertaste no "bicho"... acertaste no "burro"...

Mme. Cobra (ironica) — ... Que é elle, não?

Dr. Aguia — E quem havia de ser? Bem, até amanhã!... Adeusinho! (Sáe).

SCENA TERCEIRA

MME. COBRA E AVESTRUZ

Avestruz — Como passaste o dia?

Mme. Cobra (displicente) — Assim, assim... Tive uma indisposição de estomago...

Avestruz — E por que não chamaste o nosso amigo, dr. Aguia? Elle é tão distincto, tão bom...

Mme. Cobra — Ora essa! E a quem havia de chamar? Chamei-o, sim...

Avestruz — E elle veio?

Mme. Cobra — Incontinenti... (Pausa) — Por signal que te trouxe esta cautela, de uma "sombrinha"... Ah, Avestruz que bom para mim! Desejava tanto uma "sombrinha" vermelha, com ramagens... E a delle é justamente como eu quero...

Avestruz — Mas o diabo não é isso...

Mme. Cobra — Que é, então?

Avestruz — E' o dinheiro... Oitenta mil réis! Quasi cem... (Desolado) — E' muito dinheiro... E' um sacrificio para mim...

Mme. Cobra (enleante e capciosa) — Não te impressiones!... Dá-me um beijo... A tua mulherzinha te salvará de taes apuros...

Avestruz (admirado) — Como? Achaste dinheiro na rua, novamente?

Mme. Cobra — Não, querido! Melhor do que isso! (Com ar triumphante) — Ganhei no "bicho"...

Avestruz — No veado, na vacca, no touro?

Mme. Cobra — No burro...

PANNO

ESTRELLINHAS — O mundo créa relatividades absurdas. Os senhores já repararam nisso?

Talvez ainda não se tenham dado a esse trabalho. Eu, porém, gozo immensamente, quando me detenho a examinar a alma humana... Porque é na alma do proximo onde vemos os maiores disparates da vida. As attitudes de grandeza, de heroismo, de altruismo, e os gestos de ignominia, de torpeza, de mesquinharia.

A luz e a sombra; a flôr e o espinho; a pomba e o chacal dos sentimentos...

Reparem...

No amor, os exemplos são abundantes.

A mulher é capaz de todos os sacrificios para salvar de uma enfermidade séria o homem a quem adora. Procura minorar-lhe as dôres, os soffrimentos, com as mãos dôces e carinhosas da enfermeira.

A Historia está cheia de sacrificios sublimes, por parte de noivas e esposas.

No emtanto — reparem bem — ella sorri satisfeita, quando se vinga do homem que a adora, e padece, louco, por ella. Esquece que as dôres moraes, as dôres affectivas são mais profundas, mais anniquiladoras que as physicas...

Quem poderá acreditar no que disse Santa Thereza: "Si Satan pudesse amar, deixaria de ser mau..."?

Num dia de tristeza... communicativa...

FARPA — DE YVES — E' um pequeno azar. E' um pequeno azar que me persegue. Credo! Ave Maria!

A's vezes, estou calmamente no meu canto, a traçar estas notas que os senhores supportam, nesta secção, (a mais humilde de todas...) e eis que o telephone me chama.

(Entre parenthesis: em jornal ha um processo de se chamar aquelle que é procurado pelo tele-

phone. Este vibra. O collega que attende o apparelho, pergunta para a redacção, olhando o companheiro:

— Fulano, você está?

— E' homem ou mulher que deseja falar commigo?

O outro, que sustem o phone, faz um gesto: passa os dedos sobre o labio superior para indicar que tem bigode.

Então, o collega, geralmente, responde: "Estou". — "Não estou", conforme deseja ou não attender a pessôa.

A's vezes, quando a voz é incaracteristica, o collega que está ao telephone, se descarta com uma pilheria: "E' uma voz com marcas de bexiga". "E' uma voz côr de burro quando fóge", ou qualquer piada parecida.

Então, o que é chamado, tira a sorte; cara ou coróa? E vae ou não attender, segundo a sua consciencia... — Fechemos o parenthesis).

Ora, quando o telephone me chama, o meu primeiro movimento é indagar?

— Barbado?

Si é barbado, eu attendo; si não é, não attendo. Mas nem sempre tenho tempo de identificar o interlocutor... E attendo por desencargo de consciencia. (E quantas vezes, Deus do céo!)

Alguem poderá dizer que é mais agradavel attender a uma voz de mulher do que a de um homem.

Conforme. A's vezes a voz do homem nos vem dar uma noticia agradavel. Um negocio que se resolveu a nosso contento. Um convite para uma festa. Uma noticia que vae dar sobre o que escrevemos etc., etc. Mas as damas, quasi sempre, querem é fazer espirito, dar o celebre *trote*, — no que são lamentavelmente insulsas. Uff! E' horrivel!

Quem inventou o *trote* deve estar no inferno, mas no de Dante, passando por aquelles supplicios imaginados pelo genio florentino.

Sim, senhores, é verdade! Nunca pensei que o meu destino fôsse levar *trote de vieilles filles*, cuja cabeça parece com a de Midas, após o castigo de Apollo!

E' desolador!

E o peor de tudo é que sou perseguido por uma troteadora que me passa a *guigne*, a jettatura, vulgo azar.

Cruzes! Vou me benzer! Vou falar em latim: "Sancta Trinitas unus Deus, miserere nobis!"

SANTELMOS — Havia n'um Estado nortista um industrial que viera de uma condição humilde. Nos embates da vida, a experiencia muito o ensinou. Deu-lhe a sabedoria que só se adquire em largos tirocinios, depois de muito lutar e viver.

E então, no convivio dos homens, elle tinha sempre um modo de vêr as coisas, e de philosophar, que lhe abria um seguro e recto caminho na existencia, servindo elle, muitas vezes, de mentor, aos que recorriam ás suas luzes.

Chamava-se... O nome do philosopho não tem importancia no caso. O que vale a pena conhecer é a sua arte de ver os homens e julgal-os.

Chamemol-o X... O cidadão X..., ou melhor, o industrial X..., costumava dizer aos seus amigos:

— Fujam dos homens que falam sempre na primeira pessôa...

— Por que?

— Porque aquelle que diz eu repetidamente, prova que é um egoista.

E accrescentava:

— Fujam delle. Não é um bom caracter.

Quanto ao amor, elle tinha idéas interessantes. Dizia, por exemplo:

— Quando uma filha confessa a um pae que gosta de um cavalheiro qualquer, e que deseja casar com elle, o seu papel não é crear-lhe embaraços.

— Deve *acceder*, immediatamente?

Elle explicava:

— Deve dizer que sim. "Sim, minha filha"... E depois: "Agora vou vêr si elle é digno do teu amor, minha filha"...

Certa vez, a esposa queixou-se a elle mesmo, de que vivia só. Elle, o marido, quando estava em casa, não conversava com ella. Vivia como n'um isolamento. Era horrivel aquella situação.

Antes da esposa terminar, o nosso philosopho bradou:

— Alto lá! Não diga essa blasphemia. Então, você vive só?

— Vivo, sim. E' esta a verdade. Vivo isolada!

— Desafôro! Não admitto que repita mais tal injuria! Quando o seu esposo está em casa, esta está cheia. Cheia de tudo que é necessario á vida e ao seu amor. Pelo menos é isso o que você deve dizer...

* * *

O grave philosopho não conhecia estas palavras de Henri Barbusse: "Il n'y a pas au monde deux êtres qui parlent le même langage. A certains moments, sans raison on se rapproche; puis sans raison suffisante, on se retire loin, l'un de l'autre. On se meurtrit, on se caresse, on se heurte, on se mutile; on rit quand on devrait pleurer sans y pouvoir rien jamais...

...deux amants qui roulent ensemble restent aussi étrangers que le vent et la mer..."

PENUMBRA

Da lampada se extingue a doce opalescencia...
Não te importes, meu amor!
A luz é quasi sempre uma impudencia
para os que amam com pudor.

Nem te preciso vêr eu te adivinho
pelo teu aroma.
E a tua imagem toda em brancuras de arminho
está no meu olhar como numa redoma.

Ambos perdidos na penumbra,
murcha como uma rosa estranha o meu desejo,
embora perto a mim o teu vulto relumbra
e estejas ao alcance do meu beijo.

Pudicicia... Temor... Surdina... Sombra...
E os meus dedos se alongam, deliciados,
como por uma alfombra,
e adormecem nos teus cabellos desmanchados...

ANDORINHA

Tu és tão leve e tão pequenininha
que parece que vôas ao andar.
Eu te comparo assim a uma andorinha,
andorinha a passeio em meu olhar.

Vagabunda, vadia, ventoinha,
receio que não vás logo abalar.
Porque procede assim toda andorinha:
quando pressente o inverno, muda de ar.

Felizmente o meu beijo abrasa ainda
e, ao te tocar, numa caricia infinda,
é morna como um ninho a minha mão.

O nosso amor é um lindo sol de estio.
Esse médo, portanto, eu fantasio,
que andorinha não foge no verão.

CARLOS PAURILIO.

A mulher é chic quando sabe ostentar a elegancia de uma «toilette» como esta, modelo Jean Patou, e que em Paris é assim descripto: «robe pailletée bleu acier».

(Photo Luigi Diaz — Paris — Especial para FON-FON.)

LANTERNAS DE PAPEL

FEIRA DE PERVERSIDADES...

VENDA DE MULHERES

No interior da Africa, commercia-se com mulheres. Os negros vendem suas filhas ainda crianças ou já nubeis, naturalmente. O preço depende dos attractivos da joven, da sua robustez e tambem da astucia do comprador.

Si as pretinhas africanas não são trocadas por algumas cabras ou por uma vacca, são vendidas a peso e o vendedor recebe-o em pelles, carne salgada, marfim, sal, armas, etc. Ha mulheres que têm sido adquiridas por dez vaccas! E os paes costumam engordal-as para pesarem mais e mesmo porque gordas são mais apreciadas...

Antes da guerra — segundo noticiam os jornaes inglêses — as mulheres eram mais baratas na Africa do que hoje. Até nisso se fizeram sentir os effeitos da grande conflagração. Agora o seu custo triplicou. E, como o trafico se tornou mais difficil, os vendedores de negrinhas applicam ao seu negocio, civilizadamente, o systema das prestações.

Deante de tal noticia, estou vendo os civilizados esbogalharem os olhos de espanto e levarem as mãos á cabeça.

— O' que barbaros os negros da Africa!

Engraçado! Entre os brancos as mulheres se vendem e custam caro. A maneira de negocial-as e dellas proprias se negociarem é que é outra. No fundo, são pagas mesmo a peso...

O AMOR, OBRA DA MULHER

As mulheres geralmente detestam os homens que as amam e por elles não são correspondidos. Quanto mais elles se arrojam a seus pés e lhes supplicam a piedade dum olhar, mais os abominam. E acham-nos absolutamente insupportaveis.

Entretanto, esquecem que esse amor que os envenena é obra dellas, exclusivamente dellas. Foram seus encantos — belleza, voz, intelligencia, sorriso, olhar, graça, qualquer coisa dellas mesmas que os perturbou e os empeçonhou. O amor que elles lhes offerecem não é creação delles, coitados! porém emanação pura dellas. Repellindo-o, ellas repellem a sua propria obra e consideram crime terem elles sabido apreciar com demasiado ardor os feitiços do seu rosto ou do seu corpo, terem sabido dar o valor preciso ás preciosas qualidades do seu physico ou da sua alma.

Todo homem que se apaixona não produzio essa paixão, mas ella nelle foi produzida por uma mulher, que, recusando-a, recusa aquillo que fez...

As mulheres deviam reflectir um pouco sobre o assumpto.

Paradoxo?...

Parece que não

PARAISO INSUPPORTAVEL

Kai é a montanha celeste dos orientaes. Lá em cima a vida é uma delicia paradisiaca. Não ha miseria nem dôr. Não ha dia nem noite. Não ha velhice nem mocidade. Não ha alegria nem tristeza. E as aguas puras duma fonte sussurrante dão immortalidade. Côr de esmeralda, ella rodêa o universo.

Podeis imaginar nada mais horrivel do que essa imperturbavel e eterna serenidade? Como se poderá ser feliz alli, si nada se poderá comparar? Como se sentirá o goso, si não se conhecerá o sacrificio?

A concepção é pavorosa, ou está errada. E a tal fonte, em logar de fazer os homens que alli chegam immortaes, deveria mudar-lhes a mentalidade de homens...

O POETA DOS 13 FILHOS...

Setto Aoki, poeta japonês de uma delicadeza de junquilho, cujas tankas sentimentaes todas as geishas sabem de côr, viveu quinze annos casado com a formosa Sada, e feliz! Teve treze filhos e Osaka toda o apontava como o exemplo dos paes de familia. Mas um dia foi fazer uma viagem e, de regresso, encontrou os treze filhos abandonados. Sada fugira com um Don Juan qualquer para as delicias dum ninho de amor em Ashigawa. No Japão, tambem ha disso. A civilização chegou até lá. E Aoki não fez o harakiri ritual, mas escreveu um longo poema narrando á posteridade a sua desdita...

Desculpem os leitores e especialmente as leitoras não darmos aqui o resumo desse poema. A razão é obvia: foi escripto em japonês e ainda ninguem se atreveu a traduzil-o...

CLAUDIO FRANÇA

OSORIO Dutra é consul do Brasil. E é, tambem, escriptor. Escriptor e poeta, mais de uma vez laureado pela Academia de Letras. Designado para dirigir o nosso consulado em Cherburgo, na França, Osorio Dutra está de malas arrumadas, e dentro de poucos dias nos deixará, porque terá que assumir seu novo posto. Em Cherburgo, Osorio Dutra não ha de ser apenas o consul do Brasil — o cavalheiro austero, fino, considerado, que se compenetre das suas altas responsabilidades diplomaticas. Elle continuará sendo o mesmo espirito «raffiné» e o mesmo bizarro temperamento que sempre destacaram a sua figura literaria. O consul não offuscará o escriptor e o poeta.

O ministro da Noruega, sr. Michelet, e sua exma. esposa, por motivo do enlace nupcial de sua alteza o principe Olav, herdeiro da corôa norueguesa, com a princeza Martha, da, Suécia, deu, na tarde de quinta-feira penultima, recepção aos seus compatriotas aqui residentes.

[illegible]ZALHAS

Ensina a theosophia, a religião que nos vem da India mysteriosa e antiquissima, que os animaes domesticados, isto é, os mais intelligentes, são encarnações de espiritos já bem proximos de chegar á dignificação da forma humana. E préga Jinarajadasa, o suave theosopho que ha pouco nos visitou, contra o habito de comer carne.

Ora, lendo ha dias um curioso estudo sobre a pacificação do Parintintins, tribu do Amazonas, pelo serviço de protecção dos indios, encontrámos nessa tribu de selvicolas brasileiros um eco dessa crença da religião hindú.

Levados alguns indios de visita á fazenda do coronel Manoel Lobo, "Tres casas", foi-lhes offerecida carne de boi, que recusaram, declarando não comerem "mimbabi", (assim chamam os animaes que partilham do convivio do homem)

Não é admiravel essa correspondencia de habitos e crenças através distancias outr'ora intransponiveis?

A legação da Polonia, com o dr. Estanislau Glusks á frente, promoveu, na semana passada, uma cerimonia commemorativa do anniversario natalicio do marechal Pilsudski, fundador da independencia daquelle paiz. Essa festa realizou-se na séde da Sociedade de Geographia.

A CIDADE QUE EU AMO

A Alcindo Sodré

PEDISTE-ME hontem á noite, quando olhavamos o céo estrellado, que eu te contasse uma historia, mas com a condição de que fôsse bem bonita e verdadeira.

Bem bonita talvez não seja, a que te vou contar; mas verdadeira lá isso é, tão verdadeira como o amor das mulheres e as esmeraldas do Fernão Dias Paes Leme. Por isso é que não encontrarás o que te vou narrar nos livros de Historia, porque esses livros estão cheios de mentiras e nelles não ha que fiar... Sorris? Pois então vem para junto de mim e escuta, que já te vou provar como é falso o que affirmam todos esses compendios.

Disseram-te, por exemplo, que esta christianissima cidade, que tu adoras e que eu adoro, foi fundada ha muitos annos por um tal major Koeller, e que se chama Petropolis em homenagem áquelle velho de bronze que alli está na praça, de pernas cruzadas, e que escolheu a sua bibliotheca embaixo da cadeira em que está sentado com medo de que os netos lhe garatujem as folhas dos livros. Tudo isso são petas nas quaes não deves acreditar. A verdade núa e crúa é muito outra e é assim:

Havia antigamente uma donzella de nobre estirpe e de muito bom parecer a quem puzeram o nome de Petropolis. Tão formosa e galante era ella, que todas as suas amigas se ralavam de inveja vendo-lhe o corpo esbelto, a pelle esticada e fresca, o rosto cândido, a bocca voluptuosa, os olhos grandes e azues como dois lagos encantados. Sobre ser bella, a moça era prendada e sabia tecer em teares de crystal rendas tão finas, que as de França, já naquelle tempo tão afamadas, comparadas com as que lhe sahiam das mãos, pareciam grosseiras e sem arte. Defeitos não os tinha, ou antes, tinha um só e esse mesmo excusavel e proprio de seu sexo... Era um tanto vaidosa. Mas a vaidade nas mulheres é como o perfume nas flôres: dá-lhes mais encantos e torna-as mais attrahentes. Que importa, pois, que Petropolis, não satisfeita apenas com suas graças naturaes, passasse longas horas a preparar-se atavios? Assim era de vêl-a empenhada com infantil alegria, a pospontar o seu vestido de veludo verde, todo adornado de hortensias, de cravos e de azáleas. Chegando á idade de casar-se, não lhe faltaram candidatos. Apresentou-se, entre outros, um indio bronzeado e forte, de kanitar na testa e uma tanga de ricas pennas passada pelos quadris. Tinha o nome de Brasil e era afilhado de um portuguez chamado Pedro Alvares Cabral. Mas Petropolis era por demais aristocratica para acceitar um tal noivo e decidiu-se a aguardar um partido melhor. Além disso, possuia um coração piedoso e ficára assustadissima ao vêr que Brasil usava flechas e trazia ao pescoço um collar feito com os dentes dos seus inimigos. Ficou o indio muito entristecido com a recusa, mas não teve remedio senão voltar ás suas florestas e consolar-se com a lembrança de que seu primo Pery tambem não pudéra realizar o sonho de amor com a filha de um fidalgo.

Passou-se ainda algum tempo e cada vez mais a belleza de Petropolis era fascinante e perturbadora. Estava, porém, escripto que a moça tinha que pagar o seu tributo ao amor. Desta vez o candidato que se apresentou era digno de tal noiva. Tratava-se de um principe da mais alta linhagem, joven, rico, formoso e ardente. Seu nome era doce e louro, como uma gotta de mel. Chamava-se Sol. Tambem elle era muito louro e morava lá em cima num palacio todo pintado de azul e cravejado de brilhantes. Petropolis não poude resistir a tantas seducções: amou-o apaixonadamente e determinou conceder-lhe a mão de esposa. Dentro em breve, celebravam-se as bôdas, que foram, como convinha, pomposissimas. Petropolis estava magnificamente linda e seus ternos olhos azues, que a commoção humedecia, tinham a suavidade de duas grandes turquezas debaixo d'agua. Já agora passava a ser Princeza e sua felicidade não tinha limites ao lêr na physionomia do moço principe os jubilos do amor compartilhado. Formosas raparigas, phantasiadas de nuvens, serviam de damas de honor e, dentro de suas tunicas brancas, purpureas e lilazes, acompanharam o principesco cortejo, deslizando maciamente, silenciosamente, com os pés franzinos calçados com sandalias de lã. Não houve musicos que executassem a *Marcha Nupcial*, de Mendhelson, mas um allemão chamado Wagner regeu a orchestra das cachoeiras, e um italiano conhecido por Puccini compoz com alguns sabiás e bem-te-vis um trecho de musica de camera. O proprio Deus, que assistia a tudo de uma montanha proxima, deixou cahir de sua mão benigna um gesto de benção sobre os nubentes e é por isso que ainda hoje o "Dedo de Deus" póde ser visto, muito ao longe, lá para as bandas de uma serra distante. Na *corbeille* da noiva havia muitos e valiosos presentes, entre outros o do proprio principe, que lhe déra um rico espelho de prata, o qual está agora no Museu do Céo e que muita gente pensa que é a Lua. As festas se prolongaram pela noite a dentro, e, como naquelle tempo ainda não havia luz electrica, o principe ordenou ás aias de seu palacio que trouxessem fachos. Vieram então as Tres Marias, Venus, Aldebaran e outras criadas, trazendo cada qual sua lampada accesa. Os proprios anõezinhos dos jardins do palacio tiveram permissão para assistir á festa e, disfarçados de pyrilampos, andaram a correr entre as arvores com suas lanterninhas de abre-e-fecha. E até o velho mordomo do paço, a quem chamavam "Cruzeiro do Sul", compareceu com um bello candelabro de cinco vélas, que faiscavam como cinco enormes diamantes. O sarão terminou por um esplendido baile e o Vento, que, como já disse um poeta, é bom bailador, dançou danças tão bellas, que o Nijinski, se o visse, se envergonharia das suas...

Depois, já terminada a festa, Petropolis guardou seu véo de noiva num socavão esmeraldino da serra e foi dormir venturosa nos braços do esposo...

De consorcio tão auspicioso devia nascer uma progenie bella e forte. Passados alguns annos, Petropolis e Sol já tinham muitos filhos e gozavam da paz de um lar feliz. Os rapazes foram para a Escola de Aviação e as meninas fizeram todo o curso do Collegio Sion onde foram sempre muito queridas de Notre Mere e se revelaram sempre tres sages. Agora já estão moças, têm todas, por originalidade, o nome de Acacia, são as Acacias, e no verão,

«Miss Rio de Janeiro» (mlle. Olga Bergamini de Sá) em desfile no campo do Fluminense, domingo á tarde.

«Miss Tijuca» (mlle. Consuelo Galvão), que conquistou o segundo logar, num expressivo instantaneo, no campo do Fluminense.

COISAS DE INGLEZ

Um inglez metteu na cabeça esta coisa pittoresca: communicar-se com os habitantes de Marte.

Foi até alli, á estação radiographica de Sepetiba, e enviou umas palavras, no seu idioma, com destino aos collegas lunaticos...

Debalde esperou pela resposta, perdendo o precioso somno de uma noite.

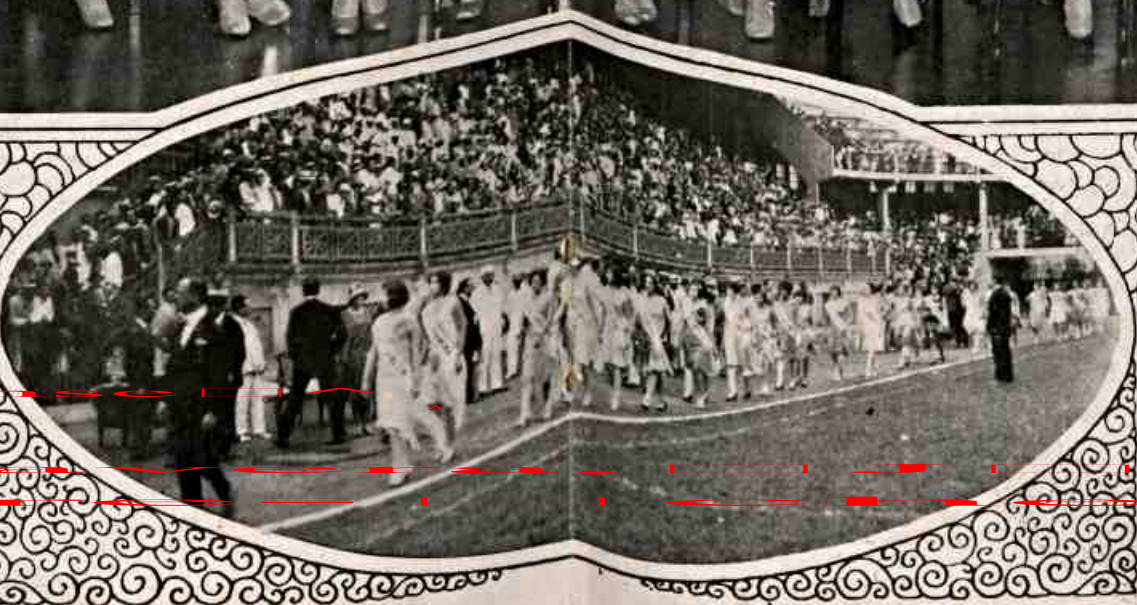
Sendo negativo o resultado da experiencia, o inglez tirou algumas conclusões do fracasso: ou os habitantes de Marte desconheciam o idioma de Albion, ou a estação era impotente para alcançar a distancia que vae da terra até lá...

E, teimoso, como todo bom inglez, declarou que não renuncia ao desejo de ser ouvido no planeta Marte, tanto assim que renovará a experiencia, expedindo radios, a granel, sempre que topar com uma estação poderosa.

E' bem certo que todo louco tem a sua mania...

Este, quer penetrar os segredos de Marte, mania innocente, sem duvida.

Entretanto, si o inglez demorar-se cá pelo Rio, não tardará em ir habitar o palacio sabiamente dirigido pelo mestre Juliano...

No alto, «Miss Rio de Janeiro»; embaixo, mlle. Olga Bergamini, a vencedora do concurso, nesta capital; «Miss Tijuca» (mlle. Consuelo Galvão); mlle. Ruth da Gama e Silva, classificada em terceiro logar, e «Miss Ipanema», (mlle. Laura Suarez), classificada em quarto logar.

A PARADA DA BELLEZA

UMA hora de pura reminiscencia hellenica, foi, sem duvida, o desfile, de graça radiosa e de belleza, das «misses cariocas», domingo ultimo, no «stadium» do Fluminense Football Club. O céo lindo e azul, que bem parecia o de Athenas, nas claras tardes de primavera, foi a cupola do bello «décor», onde as representantes da belleza metropolitana se movimentaram, no rythmo esvoaçante dos seus gestos, das suas attitudes, para a contemplação dos nossos olhos encantados. Foi uma festa de esplendor e alegria, da qual as eleitas desse torneio de encanto, promovido pelos nossos confrades d'«A Noite», foram as figuras ornamentaes, — mas foi, sobretudo, uma parada de belleza, de graça e mocidade, que encheu de orgulho e de jubilo o coração do nosso povo.

CRAVETOS

O advogado, em vez de ir para casa, ao deixar o trabalho, vae dar uma voltinha pelo bairro Serrador na segunda-feira gorda. Lá encontra um casal jovial e alegre: elle, de terno branco; ella, fantasiada não sei de que.

Nisso, o marido afasta-se para comprar algo, e o travesso advogado dá uma palmadinha na pequena. E ella, sem perder tempo:

— O' seu sem-vergonha, você aproveita a ausencia de meu marido para vir mexer commigo?!

— Perdão! Foi involuntariamente, bellezinha!

— Involuntariamente!... Bem. Como você não sabe quem eu seja, não faz mal!

— Então, posso tirar minha casquinha...

— Que bichinho descarado!

E o advogado aproveita a bel-prazer...

E, quando volta o supposto marido, fingem os dois que estão jogando lança-perfumes.

Nos ares ainda baila uma saudade perfumada e tépida... uma estranha saudade daquella rapida scena!

REVERBEROS

O outomno entrou desta vez em S. Paulo sem pompas nem ruidos; nem muito frio, nem muito quente, e quasi sem folhas seccas pelo chão.

Apenas o cinzento das tardes mais escuras e precoces poderia denunciar a nova estação. Mas como os dias foram encurtando tão devagarinho...

Se não fosse aquella limousine silenciosa que passou a meu lado, ostentando, detraz dos seus gelidos crystaes, aquelles olhos enormes de menina bonita, emergindo duma pelle tufosa e rara — palavra que não perceberia o outomno, desta vez...

* * *

AS expoentes da belleza carioca, na tarde do julgamento, para a escolha de «Miss Rio de Janeiro», em desfile no «stadium» do Fluminense, e sob a acclamação do povo, que occupava as archibancadas do glorioso tricolor.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Na ultima reunião elegante, no lindo e aristocratico salão de Boneca, falou-se um pouco de tudo e de... todos. Dos presentes o mesmo dos ausentes.

Casamento, divorcio, união livre, polygamia, lar em ruinas, moral de hontem, moral de hoje, fitas da vida real e do cinema, modas, litteratura, arte, e até mesmo um poucochinho de philosophia, não faltando, como não faltou, tambem, o indefectivel "córte" na vida alheia.

O poeta Mario Fontelles declamara uns versos proprios, futuristas, que ninguem entendeu, mas que eram lindos — na opinião geral — e começava, exaltado, a atacar o passadismo ridiculo, mesquinho, piégas, quando a veneranda avó de Boneca, cortando-lhe a palavra, fez esta observação:

— Senhor, a vida é que se vem tornando tão mesquinha, que, sequer, já não comporta os grandes arroubos, os surtos magnificos da poesia. Hoje, mais do que nunca, *c'est que ne vaut pas la peine d'être dit, on chante.*

Falando-lhe assim, desculpe, não tenho o intuito de offendel-o, nem, tampouco, negar a existencia de grandes poetas nos dias de hoje, pois ainda os ha, para delicia e encanto nosso. Ouso apenas protestar contra o seu modo de julgar a poesia do passado, como uma voz que sou, ou melhor, um éco — como prefere — desse proprio passado.

Permitte a uma mulher de outra, que ainda vive da saudade do seu ambiente de neve e de recordações, esse protesto?

— Mas, minha senhora, creia, tambem eu não quiz, irreverentemente, macular *les neiges d'antan.* Acho, apenas, que seria não só fóra de proposito como contrastante mesmo com o espirito do nosso seculo, cantarem os poetas, ainda hoje, a lua merencoria, os cabellos loiros, ou as tranças negras de sua bem amada! Puro piéguismo, isso, fructo de uma época em que o sentimento era a expressão mais forte do senso artistico.

— O sentimento? E, porventura, o sentimento não é e não será sempre a poesia da vida?

Acho uma graça enorme aos senhores, homens de hoje — as creaturas mais sentimentaes que já conheci, mas que, por *blague*, por *snobismo* ou coisa que o valha, entendem que são feitos de estôfo differente do de seus avós. Estes, pelo menos, tinham a virtude de acceitar a vida tal como ella se lhes apresentava, sempre de sorriso aberto, sem vergar ao peso do seu fardo, renunciando-a com a facilidade com que se faz isso, hoje...

— Mas, como, senhora? A que quer chegar? — perguntou uma das muitas pessoas attentas e presas á palavra quente da "avózinha".

— Como? Matando-se, suicidando-se pela coisa mais insignificante, como se a vida não fosse digna de ser vivida, amada, querida e exaltada!

E, mesmo assim, procurando desertar da vida, voluntariamente, o homem de hoje não sabe sequer morrer como homem. Morre...

— Morre? ...

— ... como uma mulher hysterica, ateando fogo ás vestes, ou ingerindo *fly-tox*, quando não bebe iodo de mistura com perfume, como fez um, ainda ha pouco, addicionando áquelle toxico um pouco de extracto *Mon Désir.*

Isso, sim, é ridiculo, é irrisorio, é nada passadista!

— Mas, vóvó, isso é adoravelmente seculo XX! — adeantou dona Boneca. Calculem! — beber iodo com extracto *Mon Désir*, para morrer! Quem poderá saber quanto a vida desse desventurado não estaria impregnada do odôr de um corpo amado, rescendendo a *Mon Désir!* E elle quiz, ao morrer, sentir o seu perfume predilecto — o que lhe faria lembrar, talvez, o cheiro do corpo della!

— Não sabes o que dizes, Boneca. Minha filha, esse individuo deveria estar num manicomio... Como muitos outros, uns pobres diabos sem vontade, apathicos, *blasés*, *gastos*, verdadeiros feixes de nervos, de uma cobardia nunca vista.

Um outro procura o recanto de um jardim publico, traça na areia, piégasmente — *Adeus, Juracy*, e mette uma bala na cabeça! E, tudo isso, por motivos passionaes simplesmente ridiculos...

E não são "sentimentaes" os homens de hoje! — concluiu a avózinha, sem que alguem ousasse contestal-a.

SENHORITA Guiomar Cruz, ou «Miss Copacabana», que no concurso d'«A Noite» conquistou votos sufficientes para ser classificada em primeiro logar entre as mais bellas do aristocratico bairro.

BONECA NA AVENIDA

Boneca continúa a emprestar á Avenida a nota ruidosa da sua graça e da sua alacridade. Tão enfeitadas, tão lindas nas côres bizarras e variadas com que se exhibem todas ellas, que dão a impressão de um bando de jandayas em festiva algazarra.

Algumas — como certas aves que mudam de plumagem — estão a mudar de... pelle, á força de sol, do causticante sol das nossas praias.

Agora, porém, o que mais lhes interessa é saberem o resultado do concurso de belleza, de que sahirá eleita *Miss Brasil*. Não querem falar de outra coisa. As que calam, que não dão palavra sobre o assumpto, são as decepcionadas, as que não tiveram ou apenas lograram poucos votos.

As perversidades, então, não têm limites.

— Oh, minha querida, tu tambem por aqui?

— E' exacto, Heloisa, tambem vim flanar um pouco...

— Mas, como estás queimada, Haydée. Pareces uma ciganinha egypcia...

— O sol, filha; o sol de Copacabana! Vou ao banho todos os dias para tomar banho de... sol.

— Somente de sol?...

— E de olhares, tambem, já se vê...

— Escuta. Por que, tão linda como és, não foste eleita Miss "Copacabana"? Como são maus teus admiradores!

— Ora! Isso não tem importancia. E eu propria, desde o principio, preveni que não queria ser votada.

— Mas, por que? Pecearias que te descobrissem algum defeito de... plastica?

— Não. Que tolice!

— E tu, por que não disputaste um bom logar? Apezar de teus trinta annos, está em pleno garbo e vigor tua deslumbrante belleza...

— Ah, sim! Obrigada. Meu noivo não quiz... Adeus.

— Adeuzinho, amor.

SEARA ALHEIA

De RAQUEL SÁENZ.

Que ría!... que ría!...
Que sepulte en risa
mi melancolía!
Que estalle en mis versos,
en estruendo loco,
mi loca alegría!
Que ría!... que ría!...

Oh, si yo pudiera
sentirme gozosa!...
Oh, si yo contenta
fuese por la vía,
aturdiría a todos
el cascabeleo
de la dicha mía!

Que ría!... que ría!...
Si eso es lo que quiero!
Si eso es lo que ansío!
Si derecho tengo
a reír, Dios mío...
Tú, el Omnipotente,
Tú, el gran justiciero,
no sabes acaso
que de pena muero?...
Que es larga mi pena
y que siempre he sido
buena, buena, buena?...
Dame mi alegría,
que todos me piden
que ría... que ría!

Oh, Tú que conoces
el hondo secreto
de mi honda tristeza...
Oh, Tú que bien sabes
por qué es que no río...
Dame esa alegria
que pido y me piden!
Dame lo que ansío,
Dios mío!... Dios mío!

ESTRELLAS CADENTES

Tenho e sempre tive uma grande sympathia e admiração pela mulher intelligente, culta, pela mulher de letras, emfim, tão injustamente atacada, ás vezes, por nós, os homens, e, ainda mais, pelas suas proprias companheiras de... sexo, que não o são, porém, de espirito.

Que importa se torne ella, não raro, um tanto ou quanto entufada e superiormente *blasée!*

Os homens não o são menos, em regra geral, e, mais facilmente ainda, descambam para o *basbleismo* (com licença deste forçado neologismo) do cabotinismo.

Ninguem, como Nietzsche, foi tão cruel e impiedoso para a mulher literata. Tinha-lhe odio o philosopho e não lhe poupou nem perdoou jamais essa pretenção — que envolvia um acto... contra a natureza.

São delle estas palavras causticantes, cuja citação as minhas amiguinhas literatas bondosamente me perdoarão: "*Ce tableau est ravissant!*"... *La femme littéraire, insatisfaite, excitée, vide au fond du coeur et des entrailles, écoutant tout le temps avec une curiosité douloureuse, l'impératif, qui, des profondeurs de son organisation, lui souffle:* "*aut liberi aut libri*": *la femme littéraire, assez cultivée pour écouter la voix de la nature, même quand elle parle latin, et, d'autre part, assez vaniteuse, assez petite pour se dire encore en secret et en français: "Je me verrai, je me lirai, je m'extasierai et je dirai: Possible que j'ai eu tant d'esprit?*"...

MARIA Nilda é, como vêem, uma graçinha. Frágil, leve, a vozinha doce, meiga, encanta como uma bonequinha animada. Maria Nilda é a filhinha do dr. Bastos Cruz, director da Santa Casa e prefeito da cidade de Avaré, em S. Paulo.

SORRINDO...

As medidas que o governo argentino parece vae pôr em pratica afim de forçar ao casamento os insubmissos ao conjugo vobis, taxando todos os solteirões, com mais de trinta annos, que ainda não tenham realizado a grande aventura do casamento, não estão sendo muito bem recebidas pelas nossas moças casadoiras.

O caso é de pasmar, mas uma dellas, por signal que bem viva e intelligente, chegou a me falar assim:

— Vocês, os homens, estão muito enganados com a mentalidade da mulher de hoje. Nós, certamente, deseja mos casar-nos e não recusaremos mesmo os celibatarios de mais de trinta annos, geralmente artigo muito suspeito, no caso. Sem a medida complementar do divorcio, porém, preferimos ficar com a nossa liberdade, a sacrifical-a atoamente, numa aventura perigosa e sem geito.

— Sem geito?...

— Sim. Porque o ar-

rependimento ahi já não salva a situação...

— Mas, á mulher sempre é necessario o marido...

— O marido? O marido, hoje, é uma entidade quasi mythologica. O companheiro, o amigo leal, sincero, franco, affectuoso, só o "marido" não traz comsigo tudo isso, nada vale, nada representa, nem tem razão de ser...

Será que os maridos de hoje já não sabem ser... maridos?

POMBO-CORREIO

Não. Não te afflijas, não. Tudo o que foi já passou. Aquella onda de tristeza que me subiu do coração aos olhos, suffocando-me, quebrou, rebentou, mais logo, na praia esbranquiçada do mar verde de meus olhos. Fez-se desfez em espuma. E com ella se foi toda a infinita amargura que me ia n'alma.

Ficou-me, porém, de tudo um ressaibo amargo e doloroso: o da minha fraqueza ante o soffrimento, o da minha fraqueza fazendo-te tambem soffrer. Tu, meu bom amigo, tu, porém, me comprehendes e sabes quanto tenho minada pelo soffrimento, pelas desillusões mais crueis, a minha vida, essa pobre vida que só agora — depois que te amei e que me déste o teu amor — veiu ter a sua *hora sorridente*, o seu momento de felicidade.

SOCIEDADE

Boneca vae ter, brevemente, a sua festa, nos salões do Botafogo F. C. E que linda não será a "Festa da Boneca", a realizar-se, alli, no dia tres de maio vindouro! Uma festa de elegancia e de caridade, porque Boneca, que muita gente pensa não ter coração, tem-no de verdade, e tão grande, tão generoso, tão altruistico e cheio de doçura e de bondade, que ella está promovendo e organizando a sua festa em beneficio do Abrigo Thereza de Jesus! Um abrigo, um recolhimento de crianças desvalidas, de pequeninos desamparados que, talvez, nunca tenham possuido na vida uma bonequinha com que brincar! E é para ellas, para as crianças desamparadas que o Abrigo Thereza de Jesus acolhe, protege, instrue, educa e conforta, sob a invocação daquella santa magnanima, que um grupo, um encantador conjuncto de senhorinhas de alta sociedade carioca está a organizar a "Festa da Boneca" nos luxuosos salões do querido club sportivo.

A' fina e distincta reunião elegante do Botafogo, no dia 3 de maio, não faltará um cunho de irresistivel encanto e originalidade: nessa festa, que constará de um chá dançante, com surpresas, premios, e outras notas, suas gentis promotoras se apresentarão trajadas de... Bonecas.

O exito, o brilho, a pompa desse acontecimento social serão, assim, extraordinarios.

Que lindas, encantadoras Bonecas não apparecerão alli, trajadas a rigor, exhibindo os mais bizarros e curiosos modelos da indumentaria de gente dessa natureza!

E a surpresa dos premios entre as concorrentes! E, sobretudo, a finalidade nobre, elevada, altruistica da "Festa da Boneca"!

UMA bonequinha de carnaval, rutilante e linda como a propria folia... E' a galante Maria Cecilia, filhinha do commandante Hugo Machado, e que conquistou o primeiro premio de fantasia na «matinée» infantil do Club Naval.

(Annunciato Photo.)

...

Quem recusará o seu concurso a esse festival de elegancia e de caridade? Qual a Boneca que não descerrará o melhor sorriso da sua bondade para confortar e encher de alegria a alma e o coração das criancinhas pobres, recolhidas no Abrigo Thereza de Jesus?

Bonecas cariocas, como sois encantadoras e cheias de graça, sempre que, em nome da desventura, vossas almas e vossos corações têm gestos como esse!

— Sob o patrocinio de elementos dos mais distinctos e representativos da nossa alta sociedade, realizar-se-á, amanhã, no parque da Real Embaixada da Italia, em Petropolis, das 16 ás 19 horas, fino e animado *garden party*.

Da commissão organizadora desse magnifico festival elegante, em beneficio das obras da cathedral daquella cidade, fazem parte as exmas. sras. Washington Luis, Bernardo Attolico, Paula Buarque, J. M. Leitão da Cunha, J. Philippi, Octavio da Silva Costa, Oscar Weinschenck, Paulo Figueira de Mello, Gervasio Seabra, Oscar Porciuncula, Alfredo Siqueira, Osorio Salles, condessa de S. Mamede, Horacio de La Rocque, Olyntho de Magalhães e Mac-Dowell da Costa. Varias são as gentis senhorinhas que prestarão, tambem, seu encantador concurso a essa festa de elegancia e altruismo, notando-se, entre ellas, as seguintes: Miles, Negreiros de Castro Villar, Monteiro da Silva, Mercêdes Sanches, Germana de Souza, Esther Costa, Motta Maia, Alves de Araujo, Raul Veiga, Serodio, Almeida Rabello, Aboni, Gelli, Marchesi, Candido Mendes e Crissiuma, que se apresentarão em lindos e graciosos trajes regionaes.

Varias e interessantes "surpresas" foram organizadas, entre as quaes: *desfile das nações, ciganas, estafetas, danças classicas* e outras, todas originaes e attrahentes, que serão exhibidas no grande e lindo parque da embaixada.

Durante a festa, que será uma das mais brilhantes reuniões elegantes da actual estação petropolitana, tocará fina e apreciada *jazz-band*.

O RIO DE HONTEM

O convento da Ajuda! Deante das linhas severas e simples, ao mesmo tempo, do velho claustro, a nossa imaginação recúa para o passado, e vê o Rio colonial, com a sua vida ingênua e primitiva. De tudo se eleva o suave perfume de uma poesia doce, feita de calma, de repouso e de serenidade. Fóra, os passos lentos do seculo; dentro, o mysticismo, a fé christã, voando para Deus, na voz plangente dos orgãos, dos sinos e nas volutas azues do incenso...

A Cinelandia carioca! O sopro da civilização contemporanea atirou por terra as paredes augustas do Convento da Ajuda e, dos escombros, fez surgir esta pompeante cidadella. Ahi está a «zona dos cinemas», o «Quarteirão Serrador», em summa, o reducto da cidade onde a vida moderna se veiu centralizar. «Arranha-céos», todos esses edificios estabelecem um contraste impressionante com a architectura colonial do Rio antigo.

(Do Album, inedito, do photographo Malta.)

SOMBRAS CHINEZAS

PHOTO FILM DA CIDADE

MINHAS relações com Melindrosa, por effeito de um mal-entendu, nascido de não sei bem que divergencias de indole ou de temperamento, acham-se um tanto estremecidas.

Melindrosa é, sem favor, a ex-

NOTAS MEDICAS

O dr. Gil Nicolau da Rocha, que acaba de collar grão na Faculdade de Medicina de Bello Horizonte, traz, para a vida pratica, dos bancos academicos, as credenciaes de uma intelligencia robusta e de um robusto preparo scientifico, patenteados através do seu curso brilhante. Natural de São João d'El-Rey, é o joven medico filho do capitalista Manoel Nicolau Junior e de D. Vitalina da Rocha Nicolau.

* * *

pressão typica, caracteristica, da mariposa moderna. Uma mariposa artificial, electrificada, polychromica e paradoxal. Furiosamente paradoxal. Tem ares e esgares de marionette a representar o seu papel, automaticamente, no palco deste theatro de brinquedo em que ella quer transformar a vida — a sua vida, ou a vida conforme ella a comprehende, que não é, que está longe de ser a vida nas suas manifestações mais profundas e reaes.

* * *

ORA, eu, apezar da minha pieguice sentimental e do meu feitio um tanto romantico, de retrogrado, de homem da velha guarda em materia de amor, não vou com certas cavillações de Melindrosa, que quer, á fina força, fazer de mim um fantoche, um cidadão tocado, movido por cordõezinhos por ella mesma puxados, ao sabor de seus caprichos de ventoinha.

Não; não embarco nesse barco, e não cederei uma linha naquillo que diga respeito á minha compostura e dignidade masculas.

Por exemplo, Melindrosa metteu na cabeça que eu ficaria chic e valeria se usasse um bigodinho á actor de cinema, á almofadinha, e calças espalhadas, pata de elephante.

Ora! Tudo isso é, positivamente, ridiculo. Ridiculo e pouco decente.

Tem cada bobagem, o raio dessa pequena!

* * *

O outro dia brigámos por uma questão de unhas... Unhas polidas, lustradas e penteagudas — queria ella que eu usasse, como se não bastassem as suas, tão perigosas e temidas, mesmo quando ella procura acariciar... E é sempre receioso que me entrego aos extravagantes carinhos dessa gata de garras afiadas, maximé quando a sinto nervosa, frissonnante, com aquelle fulgor de hysterismo cocainico a lhe scintillar nos olhos como um corisco que ameaçasse fulminar a alma da gente.

Eu bem me esforço por não ter medo della e mostrar que sou homem, mesmo debaixo d'agua. Mas contra certas fraquezas humanas, é inutil luctar-se. Melindrosa é um poço sem fundo, um coração sem alma ou uma alma sem coração, uma mulher, emfim, a temer... porque é dessas que entendem que o homem é que deve ser a sua costella e não ella a costella do homem.

* * *

E isso, bem pensado, não dá, não póde dar certo. Além de contrariar a ordem natural das coisas — como se ainda houvesse ordem natural na vida — vae de encontro, tambem, á origem e plasmagem biblica do primeiro par de doidos que veiu ao mundo. Parece que não digo bem — par de doidos, porque Adão só endoideceu depois que a nudez estonteante de Eva abriu os seus olhos para a revelação da eterna loucura da vida, que sempre foi a mulher.

Eva, dahi para cá, tem tripudiado sobre a tortura a que estava condemnado o seu companheiro — a tortura da Tentação, que ella teria [illegible]rar a effeito, cruel e impiedosamente, mesmo quando lh'a propinasse com... assucar. O travo, o gosto amargo, viria depois, na primeira "guerra em familia", na primeira desintelligencia entre les deux.

* * *

E' o que me está acontecendo agora: Melindrosa, bicuda, indifferente, fechada, superior, passou por mim, ha alguns dias, como se não me visse, como se nunca me tivesse conhecido, nem eu a ella... muito por fóra e um tanto ou quanto por dentro!

Está "prosa" a valer, Melindrosa, porque acha que eu me deixo amoldar á sua imagem e feição, abdicando da minha superioridade de homem, que quer e sabe ser gallo no seu terreiro, para me tornar um "maricas", um boneco de engonço nas suas mãos!...

Quem é bom, porém, já nasce feito e onde canta o Esaú ninguem mais cantará — está escripto, dito e redito. E, ou eu serei eu mesmo, e ella se amoldará á minha vontade, ou então... Cala-te, bocca! Sei lá! Mulher é o diabo em pessoa, e ce que femme veut...

ESAÚ E JACOB.

NOTAS MEDICAS

O dr. Hely Nogueira é outra figura illustre que acaba de deixar, medico, a Faculdade de Bello Horizonte. Illustre pelo talento e pelas distincções alcançadas durante o seu curso, tambem brilhante e cheio de victorias honrosas. O dr. Hely é de Itaúna e pertence a uma das mais distinctas familias mineiras.

Os engenheiros e demais funccionarios da Inspectoria de Aguas prestaram, sabbado ultimo, carinhosa homenagem ao senador Paulo de Frontin, cujo retrato inauguraram no salão de honra daquella repartição publica. Deu motivo a essa manifestação a passagem, no dia seguinte, do 40.º anniversario do grande acontecimento que recebeu o nome de «Agua em seis dias» e de que foi figura principal o homenageado de sabbado.

Os novos contadores — aquelles que em 1928 concluiram o seu curso de sciencias commerciaes — collaram grão sabbado á tarde, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio. A cerimonia foi presidida pelo senador João Lyra, presidente do Supremo Conselho da Classe dos Contabilistas Brasileiros, e teve a presença dos representantes das altas autoridades. A' noite daquelle dia, os novos contadores commemoraram, com um baile, no mesmo local, a sua formatura.

Sonhos do Haschich

No painel de arte refinada, no painel fulgente do grande salão doirado de luz, esmaltado de trajes sumptuosos, perfumado pela alma agonizante de milhares de flores, eu dançava ha pouco...

Meu vestido verde de escamas scintillantes parecia o disfarce que uma sereia perigosa e bella houvesse esquecido alguma noite de preamar, sobre a areia bordada a prata de luar... e sobre meus cabellos loiros, um fio de esmeralda deslisava como um tremulo respingo das ondas revoltas.

Nos braços de um e de outro eu dançava ha pouco... e sorria na volupia do rythmo sensual e forte. A ebriez do jazz punha um brilho ardente e languido no meu olhar errante, orvalhava meus labios rubros e entre-abertos... E eu sabia que estava mais bella assim...

Tu me contemplavas de longe, no quadro purpureo de um reposteiro... e teu porte orgulhoso e nobre de fidalgo de antanho dominava a sala inteira...

Eu dançava e sorria... Mas quando o teu olhar tocava o meu, elle fazia estremecer todo meu ser até a raiz da propria vida. Eu sentia — nos braços de um e de outro — que um só homem existe para mim no mundo...

...Agora, no berço de setim da *limousine* de luxo, nós vamos, docemente emballados através do film luminoso e fugitivo das ruas desertas.

Além, na soleira de nosso quarto, as horas silenciosas da alta madrugada esperam-nos; tu me acaricias os cabellos, ternamente, e nem me perguntas si eu lastimo que o baile haja terminado.

E eu, no aconchego de teus braços, cerro os olhos, deslumbrada. Sinto que cheguei ao bordo extremo da vida, oh! meu amado, porque a minha felicidade é um abysmo de desejo satisfeito.

PETITE - SOURCE

Os membros da nova e da antiga directoria da Sociedade Italiana de Beneficencia, reunidos por occasião da posse dos primeiros, cerimonia essa realizada ha dias.

REVERBEROS

Os espectaculos Roulien...

Mas decididamente são melhores pela assistencia do que pelos espectaculos em si.

Que magia possúe aquelle actor, ou que varinha de condão achou, para, todo o dia, encher o seu theatro — pobre e velho casarão que o jinella esqueceu e desprezou — daquella profusão de sêdas e rendados, vestindo tudo quanto a Paulicéa tem de mais lindo e gentil?!

* * *

Iracema!

Emquanto milhares de olhos femininos hypnotizam o joven Roulien, eu, de minha escondida poltrona que mais parece úma mancha negra empanando o brilho das sêdas e rendados, olho Iracema.

Iracema, em scena, nunca é Iracema. Encarna-se nella a figura que representa. E' meiga ou jovial, timida ou turbulenta, fina ou provinciana. Mas sempre encantadora.

Em seu papel no "Irresistivel Roberto" o autor quiz pôr um pouco da alegria de viver...

Iracema encheu o theatro de uma onda impetuosa de alegria.

E aquella que lá está, com seus grandes olhos zombeteiros? E'Mechita? Sim! Mechita Cobos.

E aquella outra, de olhos feiticeiros, tão grandes e tão bonitos?! Não é Lygia? Sim, Lygia Sarmento.

Roulien amigo, creio que alli está a magia, a varinha de condão, que faz todo o dia encher-se o seu theatro — pobre e velho casarão — de tantas sêdas e rendados...

Um aspecto da commemoração do 10.° anniversario do fascismo, na Sociedade Italiana de Beneficencia.

O galante menino Paulo, filhinho do sr. Genuino Prior.

Em Cuyabá, o corso esteve animado e brilhante no carnaval que se foi. Tambem lá, com certeza, não houve tanta chuva como aqui.

Nalitinha, filha do capitão Herculano Gomes e de d. Celia de Campos Gomes.

SOLILOQUIO DE UM VAGABUNDO

Tenho inveja das pessoas que fazem das cousas insignificantes motivos de grande orgulho. Tenho inveja, tambem, das que não possuem orgulho das grandes cousas que fazem. Ambas estão a caminho da perfeição.

* * *

Todo odio é um amor que falhou.

* * *

Sempre puz em duvida o talento apregoado dos homens que falam grosso e usam oculos.

* * *

Ao lado de um presumpçoso é preferivel nos collocarmos num plano inferior. Só assim evitaremos que elle se sinta maior.

Jogadores do Castanhal Football Club, campeão da Estrada de Ferro de Bragança, no Estado do Pará.

Não ha mulher que resista á pertinacia de um imbecil, capaz de passar cem vezes de automovel á porta da casa de sua deusa para obter um olhar.

* * *

Chamam-me de vagabundo porque, sem ter profissão formal, vivo enchendo tiras de papel. Si, em logar de pensar e escrever, eu me limitasse a não fazer cousa alguma, certamente já não seria vagabundo. Podia até ser um cidadão muito considerado.

* * *

Só os vagabundos têm tempo para viver — é este o meu credo.

BRITO BROCA.

A senhorita Berenice e sua irmã Zelina, duas leitoras de FON-FON, residentes na cidade de S. Pedro de Itabapoana, E. do Espirito Santo.

O «Jazz-Band Capitolio» foi a orchestra official de Momo, em Maceió, durante os festejos do ultimo carnaval. Tanto ella se impoz, com as suas musicas modernas e os seus sambas carnavalescos, á admiração dos foliões alagoanos.

E' este o primeiro arranha-céo inaugurado na Avenida Rio Branco. Nelle installou a Companhia Souza Cruz os seus serviços que occupam o andar terreo e o 9º. andar, distribuindo-se neste a actividade dos escriptorios, e montando-se n'aquelle, conforme aspecto que reproduzimos abaixo, a loja de venda a varejo e os seus sortidos mostruarios de cigarros e objectos de fumantes.

Toda a imprensa do Rio teve commentarios enthusiasticos e descreveu com pittoresco de linguagem a cerimonia de installação da nova loja da Companhia Souza Cruz, inaugurada no arranha-céo da Avenida Rio Branco, esquina da rua Sete de Setembro.

O FON-FON offerece um aspecto do conjuncto da propria loja, considerada como a mais luxuosa e artistica de nossa principal arteria.

COMPANHIA SOUZA CRUZ — Avenida Rio Branco, esquina Sete de Setembro — Rio.

A mais luxuosa e artistica da Avenida Rio Branco.

Roma - a Eterna - e os mysterios da sua Civilização

• • •

O lago de Nemi e as galeras de Caligula

(Uma reportagem de sensação)

O lago de Nemi é uma das muitas curiosidades dos arredores de Roma, cuja visita, recommendada pelos diversos "Guias", está incluida tambem no programma dos "tours", ou excursões organizadas pelo E. N. I. T. (Departamento Nacional do Turismo Italiano), immediatamente após á dos monumentos da Cidade Eterna. Essa excursão abrange tambem Frascati, bem proxima ao lago de Nemi, Tivoli, mais afastada, mente situada a 436 metros de alvoravel, como as mais das vezes acontece, é sempre, para o viajante, uma jornada maravilhosa.

Para attingir o lago de Nemi, pelo qual, geralmente, se dá inicio á excursão, e que breve, só por si, constituirá um dos pontos de maior attracção turistica, toma-se a estrada que, ao sahir de Roma, segue a nova Via Appia, com as suas antigas e celebres sepulturas, sóbe, rapidamente, os primeiros contrafortes dos montes Albanos, atravessa a região dos castellos romanos, em meio de admiravel perspectiva, margeia o lago d'Albano, á beira do qual se erguia Alba-la Longa, destruida pelos romanos ainda nos primeiros tempos da sua historia, e, após um curso de trinta e cinco kilometros, chega á pequena cidade de Genzano, pittorescamente situada a 436 metros de altitude.

Dez passos mais, ao saltar do auto, e tem-se á vista a bacia, verdejante e espelhante, em cujo fundo, a mais de cem metros abaixo de nós, o lago de Nemi parece adormecido num repouso eterno.

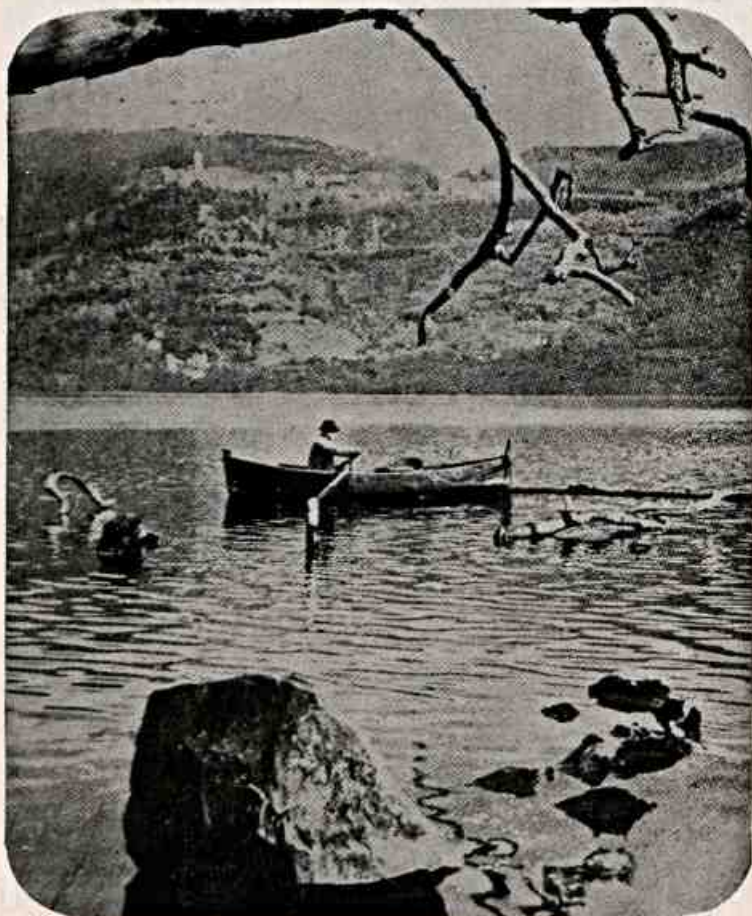
E' um lago bastante pequeno, cujo oval, para melhor precisar as idéas, não chega a ter mais de um kilometro por dois. Cratera de um vulcão extincto — dizem os sabios — com suas paredes rochosas, hoje cultivadas, cujo coroamento se eleva a proximo de 200 metros acima do nivel das aguas.

Na linha do horizonte, bem alta, a pequena cidade de Nemi; um pouco mais distante Aricie, nome tambem com que se designa a região.

Tal é o local encantador celebrado por tantos poetas, de Byron a Gabriel d'Annunzio, e que figura nas telas de numerosos pintores, dos quaes os mais illustres foram Turner e Corot. Mas sua fama prende-se principalmente ao triplice prestigio das suas antigas lendas, quasi prehistoricas, ás recordações da Roma imperial que lhe dizem respeito, bem como aos extraordinarios trabalhos que ahi actualmente estão sendo feitos.

As velhas lendas que se prendem ao lago de Nemi revelam-nos, á primeira vista, um dos factos mais curiosos, e, na realidade, mais caracteristicos das primitivas religiões. As collinas que circumdam o lago eram cobertas, ha dois mil annos atraz, de uma floresta consagrada a uma Diana latina, chamada Diana da Floresta, *Diana Nemorensis*; e é por esse motivo que o lago de Nemi foi denominado o Espelho de Diana. A's suas margens a deusa tinha um templo, de que se encontraram alicerces, e ao pé do qual, uma arvore gigantesca lhe era especialmente consagrada. Reza a tradição que Enéas colheu nessa arvore o ramo de oiro que permittiu sua descida ao inferno.

Ahi vivia o grande sacerdote da logar, que se intitulava Rei da Floresta, *Rex Nemorensis*. Sua principal funcção, porém, parece se limitava a prohibir a qualquer pessoa, a exemplo de Enéas, roubar um galho á arvore sagrada — porque, segundo a pratica consagrada, era condição indispensavel para succeder ao grande sacerdote, colher alguem esse ramo. Colhido o ramo, o successor do grande sacerdote ainda tinha de matal-o, para, então, lhe tomar o logar.

Tal era a regra para a successão do pontificado nemeano. Por ahi

Uma perspectiva do lago de Nemi, onde naufragaram as galeras de Caligula.

UMA das mais celebres curiosidades dos arredores de Roma, o lago de Nemi, ponto de uma das classicas excursões offerecidas aos turistas que visitam a Cidade Eterna e suas cercanias, é, actualmente, centro de trabalhos gigantescos. Dentro de algumas semanas mais, elle estará completamente dessecado, por possantes bombas que vêm funccionando ha uns tres mezes. Foi esse o unico meio encontrado para permittir o salvamento de dois navios antigos, carregados de fabulosos thesouros e que, ha mil e novecentos annos, repousam no fundo do lago. Desse trabalho cyclopico, bem como das lendas millenarias, chegadas até nós, sobre o lago de Nemi, dá-nos uma idéa perfeita o artigo a seguir, que Edouard Dujaulin publicou, ha pouco, sob o titulo — Os thesouros do lago de Nemi.

se vê quanto seria terrivel a vida desses reis de Nemi, maxime considerando-se que, apezar de todos os perigos, o logar era extremamente ambicionado.

O grande sabio inglez, Sir James Frazer, consagrou enormes estudos a esse estranho rito, de que fez o ponto de partida de sua celebre obra — *O Ramo de Ouro*, cuja primeira edição data de 1890. Renan, antes, em 1885, tratou do thema, num drama philosophico intitulado *O Sacerdote de Nemi*. Sacrificou, porém, o lado historico do assumpto, para se limitar a expender, num quadro symbolico, idéas philosophicas.

Semelhante costume, aliás, não se poderá explicar senão como uma sobrevivencia das religiões primitivas, assim como o demonstrou Frazer, e remonta a um tempo em que Roma não existia e o Latium estava ainda em plena phase selvagem.

Um facto, porém, causa verdadeira admiração: é que, mesmo com o progresso da civilização, essa pratica se tenha perpetuado até á época imperial. Narram os historiadores que o louco sanguinario, que foi o imperador Caligula, chegou a enviar a Nemi um gladiador para degollar o grande sacerdote, que, nessa occasião, exercia as funcções, aliás muito pacificamente.

Aqui começa o segundo capitulo dos fastos do lago de Nemi. De accordo com as ordens do referido imperador (se não de seu antecessor, Tiberio) foram construidos ahi dois grandes navios, que representavam ao mesmo tempo tudo que a arte naval dos romanos podia realizar e todo o luxo de uma civilização em seu apogeu, num accumulo incrivel de obras primas de arte. Essas duas galeras destinavam-se, officialmente, á celebração das festas em honra da deusa do logar. Essas festas, na realidade, tinham o sentido profano que lhes emprestamos hoje: não eram manifestações de piedade, consistindo em verdadeiras orgias de grande estylo. Pode-se fazer uma idéa do que seriam, no scenario admiravel do lago, as faustosas orgias que um homem como Caligula assim realizaria...

Isso até o dia em que os dois navios, não se sabe em que circumstancias, sossobraram e foram ter ao fundo do lago, onde ainda hoje permanecem, mil e novecentos annos passados.

Durante longos seculos as duas galeras de Caligula dormiram um somno que nada perturbou.

Uma tradição, apenas, se conservava da aventura. Mas, a camada de agua que cobria as duas embarcações era por demais mysteriosa para que as gentes da região pudessem verificar a authenticidade da mesma.

Nos meados do seculo XV é que, por determinação do cardeal Prospero Colonna, foram tentadas as primeiras pesquizas, de que se encarregou Leone Baptista Alberti. Um seculo mais tarde, em 1535, o architecto Francesco de Marchi conseguiu descer até os navios, num apparelho por elle proprio inventado, sendo retirados alguns objectos de dentro delles.

Passados tres seculos, em 1827, o cavalheiro Annesio Fusconi fez construir um apparelho de submersão, podendo conter diversos operarios e preparou-se para arrancar aos navios, pedaço por pedaço, o que lhe fosse possivel. Esses estragos foram, felizmente, interrompidos pela má estação.

Somente em 1895 foi organizada uma exploração mais séria, de iniciativa de Eliseo Borghi. Tendo vindo a Nemi para ahi explorar o Campo del Jardino, á margem do lago, proximo do local onde fôra erguido o templo de Diana, elle soube, pelos habitantes da região, que existia no fundo do lago "um

A galeria de vasão, construida pelos romanos, para regular o nivel do lago, ora reconstruida.

navio do imperador Tiberio", no qual os pescadores algumas vezes enganchavam as suas linhas. Borghi fez descer um escaphandrista e, tendo precisado o logar de um dos navios, poz mãos á obra. O primeiro objecto trazido á superficie foi um pequeno cofre de bronze, a que se seguiram varios outros objectos, em metal, terra-cota, marmore, vidro, entre os quaes um tubo de chumbo, trazendo a seguinte inscripção: *C. Caesaris Aug. Germanici*, nomes officiaes de Caligula, o que veiu fixar a attribuição a este, e não a Tiberio, e a data, por consequencia, aos annos 37-40, depois de Jesus Christo.

Mas subsistia o receio de que uma exploração, levada a effeito em condições tão difficeis, viesse a acarretar a destruição dos navios. Assim, logo que foi estabelecida a authenticidade e natureza dos objectos encontrados, o poder publico tomou a sábia resolução de prohibir a continuação das pesquizas e encarregou o engenheiro naval Vittorio Malfatti de estudar as condições de uma exploração methodisada e possivel emersão dos navios.

E aqui começa o terceiro capitulo da historia do lago de Nemi.

* * *

APÓS um profundo e acurado estudo de todos os dados do problema, o engenheiro Malffatti apresentou seu relatorio, em 1896. Elle reconheceu que o fundo do lago, numa profundidade maxima de 34 ms. e 50, estava coberto de residuos de alluvião e de uma camada de lôdo que difficultava consideravelmente os movimentos dos escaphandristas e que, quando era revolvida, turvava a transparencia da agua.

Os dois navios estavam virados, um sobre o flanco esquerdo, outro sobre o direito, com a pôpa mergulhada na lama e a prôa levantada. Um media 71 metros de comprimento por 24,50 de largura; e o outro 64 de comprimento por 20 de largura. Os lados mergulhados na lama estavam intactos, mas os que se achavam elevados apresentavam estragos feitos pelas pesquizas precedentemente tentadas.

De que maneira poderiam ser salvos?

O processo de emersão, de ordinario empregado, era impraticavel, por causa da vetustez dos mesmos. Só parecia exequivel um abaixamento do nivel do lago, pondo-os, assim, a secco. Um abaixamento de 22 metros e 50 seria bastante, dada a profundidade do lago no local onde estão os navios.

Esse trabalho, que não poderia ser emprehendido em outras circumstancias, era, precisamente, facilitado pelas proprias condições do lago, que, formado numa cratéra de vulcão, se achava em notavel elevação acima das planicies circumdantes. Era, pois, possivel, sem grandes difficuldades, proceder ao seu dessecamento, o que ainda se tornava mais praticavel, dada a existencia de um antigo escoadouro, construido pelos romanos, para regularizar o nivel das aguas, canal que apenas precisava ser posto em condições.

Os dois navios, uma vez postos a secco, poderiam ser revistados racionalmente, bem como reparados de modo que, no dia em que se deixassem as aguas voltar, pouco a pouco, poder-se-ia rebocal-os até á praia, onde um abrigo os receberia, preservando-os das intemperies.

O engenheiro Vittorio Malfatti terminava o seu relatorio com a exposição de um projecto muito completo, que foi approvado por uma commissão presidida pelo senador Corrado Ricci.

O programma dos trabalhos comporta, pois:

1.° Abaixamento provisorio do nivel das aguas do lago, de 22m.50, dando-se-lhes vasão pelo escoadouro reconstituido;

2.° Pôr em estado de navegabilidade os dois navios; recolher a quantidade de objectos de arte e de materiaes preciosos que jazem no seu bôjo; e, ao mesmo tempo, exploração das margens do lago, que formam uma zona eminentemente archeologica, dada a existencia de sumptuosas villas romanas que, outrora, se elevavam nas partes depois cobertas.

E, emfim, para concluir, o estabelecimento de um vasto abrigo, para onde as galeras seriam conduzidas e onde se reuniria tudo o que existe ainda, na Italia, da antiguidade naval, para constituir um museu maritimo, unico no mundo.

* * *

UM programma tão colossal — é logico — não poderia ser executado senão sob o impulso de uma vontade excepcional.

Passaram-se annos, com effeito, sem que se visse a possibilidade de ser iniciada a obra. Depois, veiu a guerra e, após a guerra, o periodo agitado, durante o qual nada de importante poderia ser emprehendido.

Cabia a Mussolini, que é um grande realizador, ter essa iniciativa e levar a termo a obra de recuperação dos thesouros mergulhados no lago de Nemi.

A 9 de abril de 1927 elle annunciava o começo dos trabalhos.

Desde logo, o canal de vasão foi reconstruido, e quatro grandes bombas electricas installadas, capazes de uma sucção de 120 mil metros cubicos d'agua por dia.

No dia 28 de outubro ultimo, emfim, dia da inauguração official, o Duce em pessôa fazia funccionar as quatro possantes bombas, que vêm funccionando regularmente.

Por estes dias, as duas galeras submersas ha quasi dois mil annos, começarão a apparecer acima das aguas, e é de presumir que turistas de todas as partes accorram para admirar esse espectaculo unico na historia humana. O lago de Nemi, então, tomará logar ao lado de Pompeia e de Herculanum, entre as mais fascinantes evocações da antiguidade.

Assim, poder-se-á dizer que a Italia Nova realizou um dos mais grandiosos emprehendimentos de que a industria humana seja capaz, e será particularmente em sua honra que esse prodigioso trabalho se terá verificado em beneficio das coisas do espirito.

HA SINCERIDADE NOS VERSOS?

Não sei porque, ou porque nunca soubesse fazer versos, tenho uma duvida mais propensa para a certeza — de que não ha sinceridade nas rimas...

Não quer isso dizer que não sejam sinceros, verdadeiros, os poetas... A sua producção é que me não parece ser...

Sinto que elles dizem *sim*, quando queriam dizer *não*; que *choram*, quando tinham vontade de *rir*... por uma questão de fórma e algumas vezes de rima apenas...

Não pretendo fazer crer que mintam em todas as suas producções.

A mentira sem maldade, no verso, porém, é como a esperança, que constantemente nos illude, acalentando... E que ha de mais sublime que a esperança?...

Os versos são, finalmente, para mim, como os beijos voluptuosos de uma mulher em pleno vigor de primavera e formosura, beijos que recebemos, gozamos... mas de que desconfiamos sempre...

Pepe

NOVOS SURTOS DE PROGRESSO DO RIO

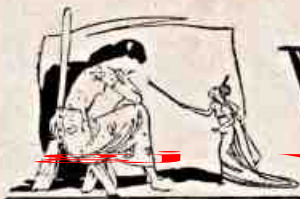
MAIS um grande acontecimento temos o prazer de commentar, a nova installação da filial da Casa Stephen, á Avenida Rio Branco, 135-137 (Edificio Guinle), caprichosamente construida no interior da galeria terrea do magnifico edificio, que vem facilitar a sua distincta clientela na acquisição de Pianos e Autopianos — "Bechstein", "Seiler", e outras afamadas marcas; Objectos para presentes e artigos de piano. Harmonios de varios fabricantes, Canetas-tinteiro — "Waterman", "Swan", "Eversharp", "Eclipse" e varias outras marcas. Electricidade "Raios-Violeta", "Seccadores de cabello", "Vibradores — Sanax". Ferros electricos; malas-armario — "Oshkosh"; faqueiros de prata Christofle-Paris; objectos de adorno etc.

A Casa Stephen, fundada em 1908, com sua séde á rua São José, 117 (Galeria Cruzeiro), sob direcção da firma Stephen Schaefer & Cia., composta dos socios Stephen Schaefer, (presentemente na Europa) e Gessildo Gurgel da Silva Rosa, desfructa a maior preferencia do publico carioca; tanto assim no seu progressivo desenvolvimento, com seus grandes depositos e officinas na Praça Tiradentes 73, inaugurando agora sua filial na Avenida Rio Branco (Edificio Guinle) ampliando seus negocios, principalmente na venda de Pianos em prestações desde 150$000 mensaes, sem outra entrada e sem fiador; com bem organizados Clubs de sorteios semanaes pela Loteria Federal.

Felicitamos a referida firma por mais este ingente esforço para bem servir o nosso publico, concorrendo para maior progresso da nossa urbe, fazendo sinceros votos de prosperidade que venham compensar sua dedicação e labor.

A nova filial inaugurada, á Avenida Rio Branco, 135, 137.

Deposito e Officinas, na Praça Tiradentes, 73.

Casa Matriz da Casa Stephen, na rua São José, 117.

VARINHA DE CONDÃO

GRAÇA E CONFORTO

A todas as donas de casa zelosas de seu interior, desgosta a rapidez com que sofás e *fauteuils* de panno, couro e chitão, mórmente si de côres claras, ficam estragados e manchados nos encostos.

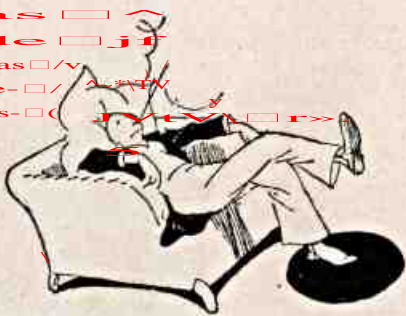
Não é possivel vestir esses monstros barrigudos e commodos com os saiotes de linho teso, com que era habito proteger as mobilias de sala antigas.

Porém as senhoras que têm tempo (ter tempo hoje em dia é um caso serio) para os pequenos trabalhos femininos de bordado e costura, estimarão fazer estes proctetores de *fauteuils*, cujo modelo damos (Fig. 1).

E' preferivel fazel-os de lã ou *reps* si é inverno, de linho no verão, mas sempre na côr do *fauteuils*, de modo a não darem muito na vista. Poderão bordal-os com lã ou linha grossa, em ponto de cruz (Fig. 2) em dois ou tres matizes.

Tambem, si quizerem, experimentem que combinem com o tom da fazenda, executal-os em couro pyrogravado ou *repoussé* ou ainda pintado. Serão de bello effeito, e quando estragados, si não é possivel laval-os, sempre será mais facil e economico substituil-os do que mandar forrar de novo a cadeira toda.

Os recortes poderão ser variados a gosto, assim como o padrão dos bordados.

(Fig. 3)

O VELHO AMIGO

DIRÃO nossas amiguinhas as "sportwoman" que temos esquecido o velho amigo mar... Não mais nos occupamos das roupas de banho.

E' verdade que a era de apogeu de seus triumphos já declina por este anno. Entretanto o esquecimento é só de apparencia. Somos das que lhe ficam fieis verão e inverno. Temos ido aos banhos de Copacabana, e a graça das sereias nos fascina sempre. Na verdade é bello e consolador vêr o apreço que a geração nova dá mais e mais á cultura physica. "Mens sana in corpore sano".

Fóra com os poetas de outr'ora de longas melenas, neurasthenicos e tuberculos... por dever de estado. Os poetas modernos não desdenham Tom Mix. Vivam pois os formosos athletas brunidos pelo sol das praias. (Todas as nossas amiguinhas, as melindrosas, batem palmas!)

Mas... parece-nos que estamos fazendo chronica sentimental, e já avistamos lá na sua secretaria, quasi afogado sob as missivas a que sempre tem que responder, o Sr. Yves, que pigarrea e nos declara com sua bella voz energica e sonora: "Não passe o sapateiro dos sapatos", o que quer dizer: não sahia Cinderella da modas e futilidades, e não venha fazer chronicas philosophicas.

Apoiado... e "revenons a nos moutons"..

Ora pois, afim de não nos culparem de esquecermos a praia, aqui damos uns modelos de almofadas praieiras (almofadas no feminino, não confundam). E uma novidade que ainda não vimos por aqui, assim executadas em côres vivas e brilhantes de oleado, combinando ou contrastando com o tom da roupa, e cozidas e bordadas com cadarços "cirés" (Fig. 5). E as aconselhamos a certa joven de roupa esmeraldina, que domingo retrazado, no posto 4, fazia philosophia

(Fig. 4)

(Fig. 2)

frente um monte de areia para nelle se apoiar em attitude pensativa. Aproposito... em que ou em quem estaria ella pensando?

Ui... não é que estamos invadindo a secção de trepações agora!

(Fig. 1)

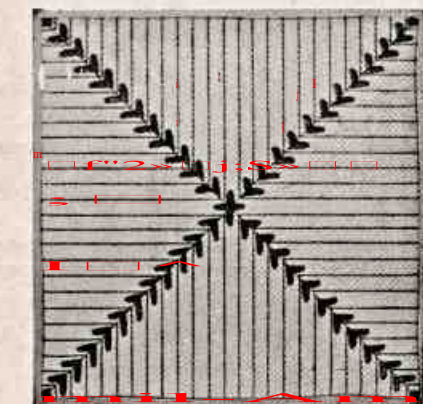
AS VISITAS E A VIDA MODERNA

ALGUNS annos atraz eram as visitas occupação absorvente e tyrannica dos elegantes e principalmente da mulher que de levar vi-shrdl [illegible] se prezava de levar vida chic. Entretanto nem sempre uma verdadeira sympathia dictava esse gesto de estima, de fórma que o visitar se tornava uma obrigação penosa, um verdadeiro sacrificio.

e para quem se locomovia, e para quem recebia, e vivia uma pobre senhora num redemoinho esfalfante e completamente vazio de prazer.

A nossa época, cada vez mais comprehendendo o preço do tempo e o valor da sinceridade, tem rejeitado o quanto possivel essa troca insulsa de visitas que não passavam — quantas dellas! — de pretexto e occasião para duas creaturas se degladiarem á custa de finas e pungentes ironias, sob a falsa apparencia de gentilezas e carinhos. Nunca se elogiará bastante essa tendencia moderna que cada vez mais se accentua.

Com o motivo ou o pretexto dos affazeres, quem hoje em dia não vive a se desculpar de estar em falta para com esta ou aquella de suas relações? Entretanto, ainda ha quem visite muito, ou goste de ser visitado. São em geral, senhoras idosas ou moças que, por não terem filhos e não precisarem trabalhar vivem mais ou menos desoccupadas.

Devemos de um modo geral regular o numero das nossas visitas pelo gosto ou possibilidade maior ou menor que têm nossas relações, de receber. A vida moderna muito mais externa e movimentada, quasi não carece das visitas para nos proporcionar occasiões de manifestar a nossa amizade a quem a possua, ou de atarmos novas relações. Os multiplos encontros em festas e recepções durante a quaes podemos dispensar attenções especiaes a alguem que nos agrade, sem lhe roubarmos o tempo exclusivamente para nós, os convites para um chá na cidade ou uma sessão de cinema, uma telephonema amavel, substituem com infintias vantagens a antiga mania das visitas.

Achamos perfeitamente absurdo o procedimento de quem, em nossa época, se offende porque esta ou aquella pessoa lhe não tenha pago a visita no prazo marcado pela pragmatica, si a dita pessoa soube, no emtanto, manifestar delicadamente que sua relação não deixou de agradar.

A antiga rigidez dos deveres sociaes quadra mal com os nossos costumes, e hoje em dia pouca gente "conta visitas" como temos por habito dizer.

Apenas um principio basico persiste incolume. não devemos repetir visitas, convites e gentilezas a alguem que nunca de nós se lembra, e nem por uma simples telephonema procura indagar si estamos bem de saúde...

(Fig. 5)

MEIA ESTAÇÃO

VAMOS entrando na meia estação.

Os "ensembles" os "tres peças" tornam a occupar costureiras e freguezas. A "toilettes" estampadas são mais proprias para o verão; entretanto, si tiverem um bonito vestido de seda fantasia, de que lhes tenha por acaso sobrado um retalho, façam um "manteau" de veludo ou lã, num tom que combine, e pondo uma barra interna sobre a frente desse retalho, obterão um *ensemble* moderna. A's vezes os vestidos estampados vêm de Paris com um pedaço da mesma seda a mais, destinado a esse arranjo.

Soubemos que o furor em Paris, são os pequenos "tailleurs" de crêpe setim preto. Si o fizerem com um "blouzon" de georgette gris ou rosa, que pode ser sem mangas, será um commodo traje de meia estação, para os dias duvidosos, pois de palitot estarão agazalhadas, e sem elle, não sentirão calor.

Voltarão este anno os costumes de lã singelos, genero masculino. Os mais modernos têm a parte deanteira da saia, em fórma, com o palitot cruzado de lado (Fig. 3). As pelles mais em voga são as de pello raso; o "astrakan" está na ordem do dia, principalmente o cinza.

Os "ensembles" com capa têm um grande *chic*. Ha dias, numa festa em casa de uma nossa amiga, vimos um, de apurado gosto, em senhora chegada ha mezes de Paris. Era de crêpe setim preto, ornado por um galão de bordado em relevo cinza-claro. Esse galão rematava a saia em fórma, o decote, as mangas, e beirava a capa toda. Completava-o um chapéu de feltro gris, pequenino.

Damos ás nossas leitoras, em logar desse modelo já descripto, e cuja admiravel simplicidade permitte facil comprehensão, outro, tambem muito elegante, (Fig. 4), em preto realçado de vermelho no peito, punhos e fivela.

BOLO PARA CHA'

SI alguma de nossas amiguinhas doceiras já estiver aborrecida dos bolos-majestosos ou não-feito com farinha de trigo, experimente esta singela receita em que entra ao envez, o fubá de arroz, menos usado:

3 chicaras de fubá de arroz.
2 chicaras de assucar
1 chicara de leite.
1 chicara de manteiga.
3 ovos.
1 colher de sopa raza de fermento Royal.

Bate-se a manteiga com o assucar bem batida. Põem-se as tres gemmas, o leite e o fubá; mistura-se tudo. Batem-se as claras a ponto de neve, e despeja-se na massa. Bate-se um pouco, põe-se o fermento e vae ao forno regular, em fôrma untada de manteiga.

OPTIMISMO

PEDRO PAULO

— Sim, meu caro! A vida é torpe e a verdadeira felicidade só se póde encontrar fóra da vida, num mundo irreal, de sonho, forjado na nossa imaginação. Os amigos são falsos? Vivamos na illusão da sua sinceridade. Quer que eu lhe diga uma coisa? Certa vez amei uma mulher linda, um encanto de mulher. Tudo nella me encantava; a voz, o sorriso, o olhar, a bondade, a ternura... O destino separou-nos, e eu continuei a amal-a, vendo-a através da minha saudade. Um dia, encontrei-a de novo. Tinha passado sobre ella o tempo e não era a mesma. E, vaidosa como todas as mulheres, reagia contra o damno dos annos, com essa energia da mulher que se apega á belleza desesperadamente. Do seu sorriso franco e puro, não havia mais do que uma mascara de artificios. Soffri. Mas ouvi-lhe a mesma voz e vi que era a mesma voz carinhosa e terna. Sondei-lhe a alma, e vi que era, no fundo, a mesma alma terna e encantadora. Desde então, contento-me com a sua voz e a sua ternura. Cerro os olhos, não a olho, para não ter deante dos meus olhos a ruina do que foi todo meu enlevo. Cerro os olhos e ouço-a, vendo, com os olhos da alma, a belleza do seu sorriso e do seu olhar, como outr'ora...

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Que sabonete sem par
O sabonete **EUCALOL!**
Limpa a cutis, tira o azar,
E é bem capaz de tirar
As manchas do proprio sol...

C. Araujo.

Maranhão — Bibliotheca Publica.

A graciosa menina Maria.
Encanto do casal José Fernandes Neves.

O que nos diz seu papae:

Illmos. Snrs. Directores da Nestlé & Anglo Swiss Condensed Milk Cº.

Amigos e senhores:

Tenho o prazer de, junto a esta, lhes enviar uma photographia de minha filhinha Maria, com 17 mezes de idade e pesando 12 kilos e meio.

Como verão pela referida photographia, trata-se de uma criança robusta e saudavel, e devo isso ao seu excellente producto Farinha Lactea Nestlé, com a qual ella está sendo criada desde a idade de 3 mezes.

Agradecendo-lhes os magnificos resultados que tenho obtido com o uso da Farinha Lactea Nestlé, subscrevo-me com toda a estima e consideração.
toda a estima e consideração.

De VV. SS. Amos. Attos. Obrgo.

Assignado: — José Fernandes Neves.

Florianopolis — Santa Catharina.

A's mães cujos bebês não progridem, recommendamos que se dirijam á Companhia Nestlé, Rua da Misericordia nº. 12 — Rio — afim de receber gratuitamente uma amostra de Farinha Lactea Nestlé e um interessantissimo livro sobre os deveres de mãe, assim como um brinde para o pequerrucho.

Ha 25 annos foi entregue ao consumo o primeiro vidro do Aristolino.

Ha 25 annos que o consumo vem augmentando de anno para anno porque os consumidores vem conhecendo melhor as 48 applicações do Aristolino.

Era justo offerecer não só uma vantagem como tambem maior commodidade aos consumidores.

O Aristolino grande era uma necessidade. Eil-o!

Tem o preço de 4 vidros pequenos mas contem tanto quanto 5 vidros communs.

UM SABÃO QUE É UM REMEDIO-
-UM REMEDIO QUE É UM SABÃO

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

CORAÇÃO DE SLAVA

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — O drama que serviu de base a este film já vae para o meio seculo. Isto não diminuiria em nada esta pellicula, sabido, como é, que mesmo com os seus pruridos de peça romantica, cheia de dialogos emphaticos, ainda hoje, com ella, uma grande artista é capaz de emocionar o publico. O film emprestou á acção mais humanidade, isto é, arrancou-lhe o que havia de enfadonho no desenrolar do drama e deu-lhe uma naturalidade, uma verosimilhança taes, que a transfomaria n'uma peça moderna, se aquelle episodio do nihilismo não nos obrigasse a pensar que aquillo se desenrolou a algumas dezenas de annos. O film, na sua parte technica, é um film limpo. A direcção, por igual, é boa. A interpretação... Custa-nos muito escrever, mas a verdade é que, excepção de Pola o resto é mediocre. Pola foi a grande actriz de sempre, que tudo o que faz o faz com sinceridade, com vibração. Mas não podemos deixar de notar, que ficou aquem da figura moral que o drama nós ensinou a vêr n'esta acção emocionante.

Cotação — BOM

VIVA PARIS

DA FOX-FILM

Cinema PATHE'-PALACE — Ora até que emfim estamos em frente d'um resultado pratico do grande concurso mundial da Fox-Film. A primeira vencedora que surge na téla é Lola Salvi, que conquistou o 1º. logar no concurso em Italia. Confessamos que não sabemos cousa alguma da biographia d'esta nova artista, mas iamos jurar que ella já andou pelo palco antes de vir para os *studios* de Hollywood. Está realmente muito á vontade ainda que n'uma pontinha, em que mal temos tempo de lhe analysar calmamente o trabalho. A pellicula da Fox é uma comedia alegre, que, em algumas passagens, é na verdade um trabalho de espirito. Mas como obra de arte cinematographica não passa da mediocridade. Todo o fulcro sensacional do film está na figura, ou melhor, na physionomia hebraica de Samy Cohen. E' pouco.

Cotação — SOFFRIVEL

ANNA KARENINA

DA METRO

Cine-Theatro PALACIO — Nestes ultimos tres annos são varios já os films que nos têm apparecido, cercados do ambiente czarista russo. Accresce que alguns d'elles tiveram os mesmos interpretes desta adaptação do romance de Tolstoi. Isto poder, talvez, ter uma tal ou qual influencia no espirito publico, mas não diminue o valor artistico do trabalho, mormente quando elle se eleva a uma altura esthetica a que se guindou *Anna Karenina*. Gilbert e Greta Garbo nasceram para se irmanarem n'estas allianças de amor, traduzindo almas slavas. Ha n'elles aquelle requinte de vibração nervosa, aquella paixão vertiginosa, que caracterizam a sentimen-

NOS CINEMAS DA AVENIDA ——— (Conclusão)

talidade morbida das creaturas d'essa raça. A não ser talvez Jannings, nenhum artista consegue, como elles, traduzir este sensualissimo estado de alma, transmittindo ao publico o *frisson* que os agita. *Anna Karenina* é um trabalho soberbo, em que passa uma rajada de volupia e de tragedia. A sua realização é perfeita, embora não tenha seguido a par e passo o romance Não importa. A obra do *ecran* é, por assim dizer, uma obra de synthese; a do romance uma obra de analyse. Interpretação, direcção e technica merecem todos os elogios. Esta producção da Metro terá uma carreira triumphal.

Cotação — MUITO BOM

A SUA ULTIMA NOITE

DA UFA

Cinema ODEON — Comedia dramatica de boa observação psychologica de ambiente e de typos, de intensa vibração emotiva, mormente nas tres ultimas partes. Toda ella justa e verdadeira?... Não. A figura do empresario norte-americano tem um recorte caricatural, para descambar nas scenas finaes n'um personagem dramatico. E' irregular na sua psychologia, accrescendo que o artista accentuou ainda mais essa irregularidade. Em conjuncto, o film é um trabalho apreciavel. Marcella Albani creou n'elle um dos seus mais bellos trabalhos, aquelle em que a sua alma sentiu e se apaixonou.

Cotação — BOM

CULPADO

DA UFA

Cinema ODEON — Um doloroso drama, em que ha, claramente, tres acções, duas dramaticas, e uma delicadamente sentimental. Não se impõe esta pellicula como um trabalho puramente cinematographico, isto é, como uma producção notavel pelo seu valor technico. Não queremos dizer com isto que seja um film máu; Deus nos livre de semelhante heresia. Mas durante o desenrolar da sua acção não tivemos occasião de attentar [illegible] *algo de nuevo*. Ha varios ambientes e v[illegible] typos de uma grande observação. Tivemos [illegible] vezes, a impressão de nos encontrarmos de[illegible] d'esses repetidos bairros chinezes, de que [illegible] e abusam certos *studios* americanos. Trabalho de interpretação valioso o de Suzi Vernon, u[illegible] artista que é mais alguma cousa do que [illegible] formosa mulher. Sentimento e verdade.

Cotação — SOFFRIVEL

AMORES DE ARENA

DA FIRST

Cinema CENTRAL — Fomos ao circo, [illegible] circo de grandes novidades. Elephantes, [illegible] cavallos amestrados, numeros de sensação, [illegible] hippopotamo, um pato que faz habilidades, [illegible] sobre o fado, tudo isto um casal de anões, [illegible] estiveram ha pouco no Odeon. E valeu a pen[illegible] vêr o circo, porque realmente tinha numeros sen[illegible]sacionaes. E o film? O film era isto só. O [illegible] não valia nada, nem como argumento, nem [illegible] interpretação, nem como direcção technica. Esta pelicula appareceu assim de supetão, sem [illegible]guem esperar. Antes assim. O publico não [illegible] occasião de pensar n'ella. De resto, no Central estava certo. Alli é que é o seu logar; outras como aquella é que devem ir para aquella tela.

Cotação — MENOS QUE SOFFRIVEL

TRES CONSELHOS UTEIS E UMA OFFERTA GRATIS DO CALCEON

Em toda a casa deve ter sempre á mão:

1º. — Um tubo de Cessatyl, que é o melhor re[illegible]medio contra a dôr e contra a grippe, podendo ser dado a velhos ou creanças, pois não faz mal ao [es]tomago, nem deprime o coração.

2º. — Um vidro de Calceon, a salvação das creanças, fazendo passar todo o periodo da dentição sem molestias e fortificando os dentes e os ossos.

3º. — Um bisnaga de pasta dentifricia Synorol, formula do professor Frederico Eyer e recommendada pelos mais notaveis dentistas.

ENVIAREMOS gratis uma bisnaga Synorol e [illegible] Cessatyl a todos que nos mandarem uma [illegible] [tr]inta nomes de senhoras da mesma localidade para — Calceon — Caixa Postal 1751 — Rio.

Berta Singerman

ARTE SUBLIME

EXCLUSIVIDADE "ODEON"

Discos «VEROTON» de 25 cm. — Preço, 14$000

3052 — BAMBU' - BAMBU' — Motivo popular brasileiro; CAPRICHO — Alfonsina Storni.

3053 — SOLDADITO DE PLOMO — Tristan Klingsor; IN EXTREMIS — Olavo Bilac (Trad. O. Z. de Dublee).

3061 — ALEGRIA DEL MAR — Carlos Sabat Ercasty; LOS SIRGADORES DEL VOLGA — Motivo popular russo.

3062 — CANCIÓN DE PRIMAVERA — Pablo Piferrer; CANCIÓN ANTIGUA HEBREA — Trad. Diez Cepeda.

Discos «VEROTON» de 30 cm. — Preço, 16$000

5003 — MARCHA TRIUNFAL — Ruben Dario; EL CANTO DE LA ANGUSTIA — Leopoldo Lugones.

5065 — LAS CAMPANAS — Edgard A. Poe — Trad. Torres: a) Oro, plata, bronce; b) Hierro.

CASA EDISON
R. 7 SETEMBRO 90
R. OUVIDOR 135
RIO DE JANEIRO

ODEON

CASA ODEON LTDA
RUA SÃO BENTO 54
SÃO PAULO

SA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

ARISTIDES LOBO, 115
Telephone 3957 Villa

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

DIARIAS DESDE 15$000

O Chapéo de Torchut

QUANDO François Beugulat, caixa numa companhia parisiense de seguros, poz o pé no cáes de Bézignac, seu primeiro cuidado foi collocar a valise em terra para procurar o bilhete perdido num bolso da leve capa impermeavel.

Todo entregue a esta operação bastante complicada, porque os ditos bolsos estavam cheios dos mais diversos objectos, — jornaes, sandwiches, luvas, — elle aspirava o ar carregado de fumaça.

"Está bem! — pensava. Respira-se aqui melhor do que em Paris! Vou repousar principescamente, tanto mais principescamente quanto ninguem cá me conhece, e porque não terei nenhuma visita a fazer ou a receber. Assim sim, é que eu comprehendo gozar alguem as suas férias. Aquelles que vêm ao campo para levar a mesma existencia de Paris, são uns toleirões. E quando digo toleirões, penso imbecis."

Uma sombra annuviou-lhe o rosto.

"Ora essa! onde teria eu guardado o meu bilhete?"

Um carregador, que o encarára por momentos, tocou com os dedos a borda do "bonnet".

— São polidos os homens nesta terra, pensou comsigo Beugulat procurando apresentar um semblante amavel de quem corresponde a um cumprimento.

Mas o homem se aproximou, apoderando-se da mala.

— Vou conduzil-a, senhor deputado!

— Que? — murmurou Beugulat, bastante surprehendido com o epitheto com que o honravam e com os cuidados que lhe testemunhavam.

— Venha por aqui, senhor deputado.

— Mas eu.... o senhor está enganado.... eu...

O carregador sorriu.

— O senhor deputado viaja, sem duvida, incognito. Não quer que o reconheçam?

E levou-o para a sala do chefe da estação. Percebendo-o, o funccionario adiantou-se, com a mão estendida, o rosto radiante.

— Que bons ventos o trazem por aqui, senhor deputado?

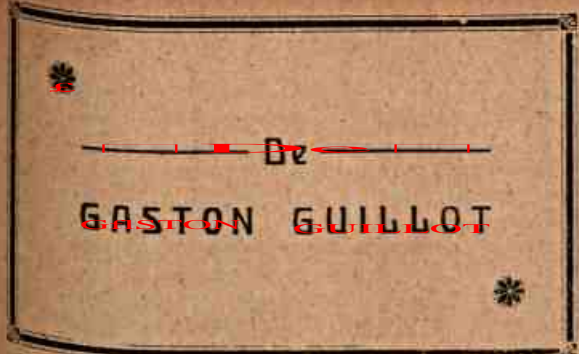
— Ainda! — François Beugulat perguntava a si mesmo quando iria terminar aquella brincadeira.

— O seu discurso na Camara foi muito apreciado entre nós, sabe? E o senhor conhece, perfeitamente, na verdade, a questão dos vinhos. Nossa pequenina cidade sentir-se-á feliz em acolhel-o e felicital-o. O senhor é o bemfeitor da região, nada menos!

Beugulat julgou prudente cortar logo a conversa.

— Meu caro amigo — disse elle desembaraçadamente, acceitando o papel que lhe queriam fazer desempenhar contra a sua vontade, — eis a verdade. Vim aqui para repousar, e não desejo absolutamente que saibam da minha chegada.

— Comprehendo, comprehendo — disse a sorrir o chefe de estação. — A vida privada de nossos repre-

sentantes não diz respeito a ninguem, e talvez o senhor deputado queira...

— Justamente! — confirmou Beugulat, que não comprehendia nada daquillo.

— Os mal-entendidos têm isto de excellente: autorizam todas as interpretações. O chefe estimou que a maior discreção se impuzesse e que se levasse em conta a sua delicadeza. Poz um dedo sobre os labios.

— Mudo como um tumulo, está entendido, senhor deputado. Mas não me recusará a honra de esvasiar uma boa garrafa de vinho em meu escriptorio, não é verdade?

— Deputado ou não, um viajante tem sempre sêde depois de uma longa viagem. Beugulat acceitou.

— Muita satisfação em tel-o encontrado de novo, — disse o funccionario bebendo. — A sua saúde, senhor deputado. A' felicidade da região que tem no senhor o mais eloquente dos defensores.

Beugulat gaguejou vagos agradecimentos. Em seguida, perguntou:

— Qual é o melhor hotel da cidade?

— São todos bons, senhor deputado. Mas se eu ousasse...

— Ouse, meu amigo.

— Eu lhe offereceria hospedagem em casa de meu genro. Ha lá um bello aposento disponivel. Estará alli como em sua propria casa.

— Meu amigo...

— Peço-lhe que acceite, senhor deputado. Dar-nos-á com isso tanto prazer!

Contrafeito, desejoso sobretudo de escapar a uma solicitude tão imprevista, o caixa declinou o pedido. Mas o outro empregou tanto ardor em convencel-o, que acabou por ceder.

— Ah! eu o esperava, senhor deputado. Que gloria para nós! Que honra! Que alegria! Beugulat reflectiu.

— Então, está combinado. Mas só com uma condição.

— Acceito-a antecipadamente.

— Que não se saiba na cidade que desci aqui.

— Está entendido, senhor deputado!

* * *

EM seu quarto, no dia seguinte, Beugulat monologava:

— Que historia extraordinaria será esta? Tomam-me por deputado. Bem. Mas por qual? sou deputado de que? Vejamos, não estarei a sonhar?... Este amavel chefe de estação dá-me a impressão de ter as suas razões... Afinal de contas, não me vou eternizar aqui. Esta tarde tomarei o trem para outra cidade onde me deixarão em paz.

Desceu á sala de jantar onde num bello bule fumegava um café quentinho, ao lado de um prato cheio de bolinhos.

— Oh! que bôas pessoas são elles! — suspirou, commovido.

O CHAPÉO DE TÒRCHUT

(Conclusão)

* * *

E, sobre a mesa, viu um jornal. Machinalmente desdobrou-o.

— E' velho, de tres mezes atraz. Por que m'o trouxeram?

Ia pôl-o de lado, quando percebeu uma photographia, em logar de destaque, com as seguintes palavras impressas em letras gordas:

"Discurso de M. Torchut, na Camara."

Oh! prodigio! Esse M. Torchut, de que nunca ouvira falar, assemelhava-se-lhe como um irmão.

— E' estranho! — confessou.

O mesmo olhar, o mesmo bigode á mosqueteiro, a mesma cabelleira revolta.

— Sou eu mesmo! Tomaram-me! por Torchut... Ah! é bôa essa!

Depois, voltando a si da surpresa:

— O melhor é safar-me immediatamente. Usurpação de identidade e de funcções, irra! é cousa que poderá se tornar grave para mim.

Tirou da carteira uma folha de papel, desperafusou o estylo e redigiu despedidas tão enthusiasticas como prudentes ao seu hospedeiro. Não assignou e partiu..

Querendo a todo preço não revêr o chefe da estação, atravessou a cidade, não sem ser cumprimentado daqui e dalli com grandes barretadas. De repente, chegou á ponte Santa-Maria, a cavalleiro do Dordonha. Uma idéa divertida passou-lhe pela imaginação.

— Não estou com pressa. Vou fazer-me pilotar sobre o rio por um marinheiro que me conduzirá, não importa aonde, ao sabor de sua phantasia.

Uma canôa seguia a correnteza, governada por alguns homens, a uns vinte metros da praia onde elle descera.

— Olá, do barco! — gritou.

Os marinheiros ouviram o appello. Elles tambem tinham reconhecido ao primeiro golpe de vista, o seu deputado!

— Eh! sim, o senhor Torchut!

Depois, como que adivinhando seu desejo:

— Se lhe agrada passear comnosco... Vamos até Cahors assim.

Beugulat, sem se fazer rogado, acquiesceu.

A canôa dirigiu-se á encosta, e nosso Beugulat, lesto como um cabrito, saltou dentro do barco.

Franco, cordeal, bonachão, ouviu a uns e a outros, tomou nota das queixas deste, das esperanças daquelle, tornando-se, emfim, popular num nada de tempo.

A viagem foi deliciosa... Pouco antes de chegar a Cahors, Beugulat inclinou-se sobre o rio. Oh! desgraça! uma rajada de vento despenteou-o, carregando com o seu barrete e atirando-o sobre as verdes ondas.

Como movidos por uma mola, seis homens mergulharam, á procura da preciosa carapuça, que foi, afinal, entregue ao dono.

Confuso, corando diante desses homens escorrendo agua, Beugulat fez menção de metter a mão na carteira.

— Não, senhor Torchut, não se incommode com isso, pois que se vae occupar de nós em breve.

Na impossibilidade de esclarecer o mysterio e de dissipar o qui-pro-quo, Beugulat declarou:

— Pois bem, creiam, meus amigos, não esquecerei nunca o gesto que tiveram. Quando me escreverem, não se esqueçam de lembrar a historia do chapéo de Torchut. Prometto-lhes que ficarão contentes commigo.

Beugulat desembarcou em Cahors e tomou o primeiro trem para Paris, ansioso por fugir áquella popularidade muito desagradavel por ser usurpada. A vida depois apossou-se delle novamente e o nosso homem não pensou mais em sua aventura de férias.

* * *

ORA, Torchut, o verdadeiro Torchut, conheceu desde então um verdadeiro supplicio quotidiano. Todas as manhãs, na caixa postal da Camara, encontrava uma correspondencia consideravel. Encontro singular que o deixava perplexo; cada um de seus correspondentes, cada um de seus eleitores — cada um dos pedintes, para dizer a verdade — terminava a carta lembrando a historia do chapéo. Todo o departamento parecia ter feito um ajuste. Este chapéo tornou-se um pesadello, uma obsessão. Tremulo de raiva, o Torchut verdadeiro, começou a guardar as cartas. Mas vendo que se accumulavam de uma maneira phantastica, tomou a resolução de não responder a nenhuma.

Triste decisão... Um politico que renega suas promessas está perdido. Quando chegou a epoca da campanha eleitoral, Torchut foi em visita a sua circumscripção. Acolheram-n'o friamente. Procurou falar em reuniões publicas. De todas as vezes, ás primeiras palavras, a sala se agitava:

— O chapéo! O chapéo! — bradavam.

O chefe da estação de Bézignac tornou-se um de seus mais terriveis adversarios. O infeliz Torchut não descobriu nunca a chave do enigma. E dahi resultou não ser mais reeleito.

Quanto a Beugulat, continuou a alinhar cifras por detraz do seu *guichet*, sem desconfiar que a sua breve estada na pequena cidade custára a cadeira de deputado ao seu sosia, o infortunado Torchut.

**

SEM EMBARAÇO

poderá V. Exa., d'or'avante,

Ver

Admirar

Escolher

todos os a tigos que lhe forem necessarios!

Tudo isso lhe facilitam

as excellentes co dições em que se apresentam, depois da tra sformaçã por que passaram, os nossos amplos e elegantes salões.

HOJE 30 - REABERTURA da

NOTRE DAME de Paris! OUVIDOR, 182

Os mais deslumbrantes sortimentos de artigos finos para Senhoras, Senhoritas e Creanças

MALZBIER

A Cerveja para as senhoras que amamentam e para as pessoas fracas e convalescentes.

Levissima dosagem alcoolica

C. C. BRAHMA

A Vingança de M. Doucement

Por H. A. DOURLIAC

M. "Doucement" era um pacifico, o que não está no caso de todos os pacifistas. Em sua vida tranquilla havia evitado, tanto quanto possivel, as disputas e se esforçado por acalmal-as entre os parentes, os amigos, vizinhos e collegas. Funccionario exemplar até os cincoenta annos, sabio consciencioso, mais preoccupado com seu laboratorio e suas collecções do que com rivalidades e ambições, sempre ficara em segundo plano, porque nada tinha de combativo, detestava a lucta e os golpes bruscos, e pretendia desenredar todos os conflictos com paciencia e boa vontade.

— *Doucement, messieurs, doucement!* — dizia elle quando vinha alguem submetter á sua opinião uma affronta ou queixar-se de alguma injustiça.

O nome lhe ficara, por isso, — *M. Doucement* — e acabara por fazer esquecer, pouco a pouco, o que recebera dos paes.

Addido ao museu, affirmavam os maus gracejadores que o seu olhar bastava para fazer entrar na linha as proprias feras, e que os crocodilos choravam de commoção quando o viam passar.

Retirado numa pequena aldeia de Oise, onde comprara uma casinhola, verdadeiro abrigo de sabio, não se entregava á caça nem á pesca, por lhe parecerem sports barbaros, e consagrava seus momentos de lazer á apicultura e á avicultura. Publicara numerosas memorias contra a destruição dos passarinhos e um "Tratado de criação das abelhas" que o tornara conhecido como autoridade no assumpto, tanto mais que possuia um jardim de colmeias maravilhosas, de um mel perfumado, reputado, pelos amadores, egual ao do Monte Hymette, graças á escolha intelligente das diversas especies de flôres cujo nectar era sugado pelas obreiras.

Fazia, de bom grado, as honras da casa a todos os visitantes, interessados por suas sabias dissertações sobre os costumes desse povo alado, e ás crianças, atraidas pelas torradas.

— *Doucement, mes enfants, doucement!* — recommendava, para que não se espantassem as operarias.

No recinto embalsamado, havia um zumbido continuo, um vôo de azas douradas numa nuvem de pollen, e quando elle passeava, mergulhado no seu Virgilio, poderia acreditar-se no tempo das *Georgicas*.

"Seria incapaz de fazer mal a uma mosca!", segundo o dito popular, mas não receava as ferroadas das abelhas. Viram-n'o separar dois enxames em lucta e fazer entrar as mais furiosas na linha do dever:

— *Doucement! mes petites, doucement!*

E, certo dia, em que os operarios da fabrica, excitados por algumas cabeças mais exaltadas, se tinham posto em greve e desejavam pregar uma partida ao director, foi sufficiente a presença do velho professor para a volta da calma com o seu eterno:

— *Doucement! mes amis, doucement!* tão irresistivel para os homens e para as multidões, segundo elle proprio acreditava!

E vivia, assim, feliz entre seus livros, seus passaros e suas abelhas.

* * *

— *Doucement! messieurs, doucement!*

Mas desta vez não o escutam.

Um rugido surdo, que não é o ronco da tempestade; as detonações seccas que não são das bombas com que se divertem os garotos das ruas; ordens roucas, ameaças brutaes, formam um concerto infernal ao qual é impossivel impôr-se silencio.

A aldeia foi invadida; a egreja bombardeada, os cortiços d'abelhas queimados. M. *Doucement*, que não se revolta nunca, vê, com estupôr, homens que se não limitam a fazer guerra aos homens, mas a fazem tambem ao retiro dos velhos, á casa de Deus, aos tectos das abelhas... e elle quer defendel-os.

Por este facto, foi citado no conselho de guerra e preso em sua propria residencia. Não protesta, não discute, não parlamenta. Para que? Nada mais tem com as filhas da Attica, accessiveis á razão, á doçura; mas com vespas provocantes; se o tronco e o ferrão são eguaes... desconhecem o mel.

E um velho entomologista não poderia confundil-as.

Foi condemnado logo e não se emociona; a destruição de suas colmeias e de sua bibliotheca lhe foram muito mais sensiveis, e olha, com um suspiro, os livros preciosos lacerados, dispersados, arrancados das estantes pela soldadesca avinhada... Felizmente que tem no bolso o seu elzevir favorito... e sorri do reparo pueril na vespera de ser fuzilado..., reparo que só um bibliophilo seria capaz de comprehender.

Subitamente, sua attenção distrahida volta-se para o tribunal; com exclamações gutturaes mostram-lhe um uniforme de voluntario, descoberto no fundo de uma commoda.

E os francezes affirmam que não têm corpos de voluntarios!

A quem pertence, então, este uniforme?

Córando um pouco, o ancião entesa o pequeno busto:

— E' meu — diz simplesmente, em meio do espanto geral. — Não fui sempre velho... mas tenho sido sempre francez.

* * *

O decreto de prisão partiu para Kommandatur, de onde deve vir a ordem de execução.

M. *Doucement* espera, tranquillo, relendo o seu Virgilio... Mas, ás vezes, seus olhos lêem acima das linhas uma pagina longinqua, tão longinqua que está quasi esquecida... e que o uniforme usado faz reviver...

Evoca, acolá, muito longe, o pledoso adolescente, destinado a Saint-Sulpice e que, um dia, sente uma rajada de colera subir-lhe ao cerebro deante da França invadida. Sem nada dizer, foge de casa para alistar-se como voluntario. Emquanto a mãe succumbe de inquietação e de privações, em Paris sitiado, elle vê de perto a guerra, faz toda a campanha, guardando dessa mesma guerra uma impressão de horror.

Tinha coragem, na verdade, mas não era o sufficiente, e seu coração, muito terno e compassivo, não se endureceu ao contacto e ao exemplo de seus rudes companheiros.

* * *

Um dia, um official de uhlanos foi abatido num bosque; tomaram-lhe os papeis e deixaram-n'o, estertorando, sob o cavallo morto.

— Acaba com elle — ordenou o sargento ao "pequeno cura" por piedade, talvez.

A tropa se afastava. O joven voluntario voltou... O moribundo, muito joven tambem, com um rosto de rapariga, gemia fracamente, chamando pela mãe... O francez pensou na sua, e o seu coração passou por uma reviravolta...

— *Doucement! monsieur, doucement!*

Tirou-o de sob o cavallo que o esmagava e apoiou-lhe as costas numa arvore; depois, como notasse o seu horror deante do revolver, o "pequeno cura" descarregou-o para o ar.

O outro comprehendeu, um brilho de gratidão luziu em seus olhos; quiz falar; mas estava exgottado... Então, com o dedo, mostrou ao francez um livrinho que lhe tinha sido arrancado do bolso com os papeis, sem duvida.

— Meu nome... guarde-o...

E desmaiou.

Quando se juntou aos companheiros, o joven soldado estava um pouco pallido...

— Morto o animal, morto o veneno, disse, philosophicamente, o sargento.

E, vendo o livrinho:

— Que é isto?

A VINGANÇA DE M. "DOUCEMENT"

(Conclusão.)

* * *

— Um Virgilio, sargento...

— Latim? E' bom para os curas! Servir-te-á de breviario.

* * *

Na manhã embaciada, o pelotão de execução avança e toma posição deante do prisioneiro muito calmo. A ordem veiu da Kommandatur, assignada von Berlach, e M. *Doucement* pergunta, muito polido, ao joven official que preside os preparativos:

— Poderieis dizer-me o prenome do general von Berlach, senhor?

— Meu pae se chama Otto.

— Ah! é vosso pae? Sinto-me grandemente satisfeito em sabel-o.

Elle tinha um clarão de malicia no canto dos olhos e, como lhe offerecessem uma venda:

— E' inutil, disse. E' menos difficil para um francez morrer do que matar... Mas tenho uma supplica a dirigir-vos, senhor tenente. poderei fazel-o?

— Sem duvida, senhor, não somos barbaros.

— E' certo. Pois bem! Causar-me-ieis um prazer immenso se me desseis, vós mesmo, o golpe de misericordia e acceitasseis este elzevir como recordação... quando eu morto.

Um pouco admirado, o moço official respondeu:

— Seja.

E quando o ancião tombou, deante do inimigo, murmurando um verso do poeta, elle se aproximou do corpo offegante e friamente descarregou o revolver... depois apanhou o Virgilio, manchado de sangue, e abriu-o machinalmente.

Na primeira pagina estava a assignatura de Otto von Berlach e, abaixo, esta simples nota do voluntario:

"Em lembrança de um official de uhlanos salvo por mim durante a campanha de França... E' mais facil morrer do que matar!"

E tinha-o provado!

* * *

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

COLLABORAÇÃO

O "GLU-GLU"

Falava atabalhoadamente, com muita difficuldade, o Fidelis Pintainho Gallo da Silva. Ouvil-o falar era o mesmo que ouvir o mavioso canto de um perú. Por isso lhe chamavam — Glu-Glu.

Mas um outro appellido lhe assentava melhor: o de *m-boia* (a *boia* repetida muitas vezes) porque comia muito.

Na gula e na voracidade ninguem o excedia.

No internato onde estava era o mais respeitavel glutão e o maior guloso.

Certa vez o director do internato assistia á refeição dos alumnos, quando surge em sua frente o Glu-Glu, que em tom queixoso reclama.

— Saberá V. S. que eu não jantei.

— Por que ! Então o senhor não comeu feijoada ! !

— Comi, sim senhor.

— Comeu carne assada !

— Comi, sim senhor.

— Comeu bifes com batatas !

— Comi, sim senhor.

— Comeu sobremesa !

— Comi, sim senhor.

— Como é que o senhor comeu de tudo e vem me dizer que não jantou ! !

— Não jantei, não senhor.

— Como assim ! !

— Não comi picadinho !...

LEOPOLDO D. AMARAL

O Senhor Alvaro dá explicações

"Popular" é uma palavra de cujo emprego muito se tem abusado, mas applicado ao môlho Lea & Perrins, nada mais expressa do que a simples verdade. Un môlho que tem tornado saborosas milhares de refeições durante noventa annos d'existencia, sendo hoje usado em escala muito mais vasta do que nunca, pode com razão jactar-se de "popular." Pessoalmente fallando, prefiro-o mais do que a qualquer outra marca.

Môlho LEA & PERRINS'

Representantes exclusivos e responsaveis no Brasil

Julien & Rousseau

Rua General Camara 174

RIO DE JANEIRO

PRESTIDIGITAÇÃO

NOS logares pequenos ha sempre alguem versado em prestidigitação, magia e sciencia das cartas, para explorar a ignorancia do povo meudo, sempre credulo e paspalhão.

Havia no villarejo de Barracas um rapaz, esperto como ninguem e extremamente habilidoso no que diz respeito a magicas, "passes" de cartas e outras coisas que taes, vivendo disso.

Chamava-se Gabiró.

Era no logar bastante conhecido, e em todas as festas, bailes ou reuniões familiares não se dispensava a sua presença, para a alegria de todos, que se deliciavam immensamente com os engraçados numeros de magia do espertissimo Gabiró.

E cada vez mais o rapaz se habilitava na difficil arte. Quantos o assistiam ficavam verdadeiramente convencidos de que o rapaz era mesmo um genio, aprofundado nas sciencias occultas, o que lhe valia uma grande consideração por parte de todos, inclusive de pessoas de influencia no logar.

Gabiró tinha um amigo, o seu maior amigo, o Lopes, que compartilhava da marosca, auxiliando-o grandemente em tudo. O Lopes já era um homem de mais ou menos edade, professor de escola primaria, "chuva" nas horas vagas, mas uma excellente pessoa e que devotava ao Gabiró a amizade mais sincera.

Era elle quem lhe fazia a maior reclame. E, como tinha algum prestigio no povoado, o Gabiró ia fazendo nome...

UM dia, o Lopes teve uma bôa idéa.

Bôa?

Era, pelo menos, o que parecia.

— Gabiró — foi dizendo elle para o amigo, assim que lhe penetrou no quarto — vae se inaugurar depois de amanhã a grande feira do anno, que está attrahindo gente de todo o lado. Será uma esplendida occasião para você ganhar algum dinheiro, organizando um espectaculo de arromba. Você já tem bastante fama ahi pelos arredores, e o povo affluirá, por certo, para ver as suas magicas...

— Caramba! — exclamou o Gabiró, mettendo o indicador no nariz. E eu que nem tinha pensado nisso!

E, olhando para o seu terno surrado:

— Estou mesmo precisadissimo de uns cobres a maior... Está approvada a sua idéa!

— Então está dito! Eu vou já arranjar o salão do Theatro Barracas para o espectaculo. E você trate de ir ensaiando os "numeros", que só tem dois dias!

O domingo estava movimentado e alegre na pequena cidade.

No local da feira o povo se agrupava deante dos cartazes que annunciavam o formidavel espectaculo de prestidigitação.

AO NOBRE E ALTIVO POVO DE BARRACAS!

João Gabiró, o famoso magico, dará hoje, no Theatro Barracas, um grande espectaculo, em homenagem aos distinctos forasteiros.

SCIENCIA — ARTE — MAGIA

Pela primeira vez será executado em publico o sensacional numero

"A GARRAFA MYSTERIOSA"

considerado pelas opiniões autorizadas um verdadeiro assombro da sciencia magica.

TODOS AO THEATRO BARRACAS!

A habilidade reclamista do Lopes estava condensada neste cartaz bombástico, que elle passara todo o sabbado a pintar.

O "sensacional numero" da "Garrafa mysteriosa" fôra imaginado em tres tempos pelo Gabiró.

Era simples: collocaria uma garrafa, cujo fundo aberto, era ligado ao gargalo por um tubo de metal, sobre uma mesa adrede preparada com um orificio ao centro e completamente tapada dos lados por um panno escuro, tendo os pés pintados por cima deste, para dar a illusão de que estava descoberta. Debaixo da mesa ficaria o Lopes, bem provido de fitas de todas as côres. O Gabiró perguntaria aos assistentes quantos metros de fita desejavam, e de que côr, para ser retirada da garrafa cheia d'agua. A funcção do Lopes seria apenas de ouvir e enfiar immediatamente pelo orificio da mesa e através do tubo da garrafa a fita pedida.

Tudo havia de correr ás mil maravilhas.

A' hora annunciada não cabia mais ninguem na pequena sala do theatro.

Gabiró fizera questão de que sua noiva viesse, para presenciar o seu successo.

Mas um imprevisto de ultima hora quasi que ia estragando tudo.

O Lopes, alto demais como era, e pouco treinado em gymnastica, á hora do ensaio não conseguira accommodar-se debaixo da mesa, por mais que se esforçasse.

(COLLABORAÇÃO)

CABELLOS BRANCOS

Os cabellos brancos são as emoções da Vida.

Uma vida curta, pensativa, cheia de emoções, tem cabellos brancos.

Uma vida longa, indifferente, insensivel e calma, não tem cabellos brancos.

Nem todas as flores dão fructos.

Nem todas as cabeças têm cabellos brancos.

As arvores, na terra improductiva, não produzem.

Uma cabeça de cabellos brancos é uma cabeça que sente e que produz.

Ha muitas cabeças brancas, que têm o coração no logar do cerebro e o cerebro no logar do coração.

Uma cabeça côr de prata é mais extraordinaria e mais sublime do que uma cabeça de ouro.

Eu amo os meus cabellos brancos.

SAMPAIO JUNIOR

Pelejou.

Nada!

A mesa era pequena mesmo.

Mas arranjaram no momento um pretinho esperto, que, para ganhar 5$000, se promptificou a substituir o Lopes.

Com breves explicações, o garoto ficou sabendo como havia de proceder.

O Lopes, meio incommodado com o contratempo, coçou a cabeça, receoso, e foi sentar-se lá em cima, no *poleiro*.

Tinha um vago presentimento da catastrophe...

COMEÇOU o espectaculo.

Tudo corria multissimo bem, favorecido pela luz amarellenta dos bicos de kerozene do theatro da roça.

Depois dos "numeros" preliminares, em que a assistencia riu a valer, o Gabiró fez trazer para a sala os petrechos para o numero culminante da *Garrafa mysteriosa*.

A mesa, já com o garoto escondido debaixo, foi collocada ao centro do palco, na meia claridade, de maneira que ficasse bem disfarçado o panno que a cobria.

O Gabiró disse algumas palavras explicativas sobre o sensacional numero, pedindo a maxima attenção da assistencia.

A coisa corria muito bem.

A' proporção que o publico pedia fita, escolhendo a côr, o Gabiró, com excellente estudo de physionomia, retirava-a do bico da garrafa, media com os braços abertos, cortava e mandava levar ao espectador.

No meio destes, porém, uma moça, que desconfiava da marosca, gritou da platéa:

PRESTIDIGITAÇÃO

(Conclusão)

— Quero dez metros de fita amarella!

O Gabiró esfriou. Pelos seus calculos, só devia haver em poder do pretinho, no maximo, uns cinco a seis metros de fita amarella, pois dessa côr já havia sahido bastante.

Mesmo assim metteu o dedo pelo bico da garrafa e foi medindo:

— Um, dois, tres...

Mas, em vez de abrir os braços completamente, fazia-o pela metade.

— ... quatro... cinco...

Agora os metros eram do tamanho pouco mais de um palmo.

— ...seis... sete...

O povo começou a gritar:

— Não póde! Isso não é metro...

O Gabiró ia continuar, sem lhes dar ouvidos, quando o pretinho, sahindo debaixo da mesa, gaguejou, ante a estupefacção de todos:

— Patrão, a fita amarella acabou!

FOI peor do que se uma bomba estourasse no recinto.

Os espectadores, vendo-se ludibriados, começaram a bater pé, a gritar, numa vaia tremenda:

— Fiau! Fiau!

— Fóra o explorador!

— Fóra! Fóra!

Uns, mais exaltados, quizeram saltar para o palco, afim de espancar o prestidigitador, caso não quizesse elle devolver o dinheiro das entradas.

Mas antes que tal acontecesse, o panno desceu precipitadamente, e o Gabiró desappareceu detraz delle.

Porém, o movimento de desaggravo na platéa se intensificava. A rapaziada, aos berros e assobios, começava a espatifar as cadeiras.

Todos estavam indignados.

O pobre do Lopes, lá em cima, torcia as mãos, desesperado.

E, procurando salvar o amigo de uma possivel aggressão, debruçou-se á grade e deitou a falar ás massas.

— Meus amigos!

O barulho serenou um pouco, e todas as attenções se voltaram para o improvisado orador.

— Meus amigos! — repetiu o Lopes, com uma voz pausada e commovente — tenham calma! O que estão a fazer não é proprio de pessoas educadas e intelligentes! Só porque o pobre rapaz foi infeliz em seu trabalho não é motivo para que o desmoralizem!... Não permittirão, por certo, que se estrague a carreira brilhante desse moço talentoso e esforçado que poderá ser, no futuro, uma gloria para a nossa terra! Pensem bem, meus amigos! Elle ficará desgostoso, e abandonará, por certo, a sua arte. Não! Não é possivel que façam isso!

Depois de alguns apartes insolentes, os espectadores começaram a se acalmar, compungidos

pelo tom de voz do professor.

Este, mais inflammado, continuou:

— Só porque elle é pobre! Ah! E' bem isso! Se fosse um rico, tudo seria desculpavel!... Coitado! Vive do seu trabalho, do seu esforço, do seu talento, mas ninguem sabe comprehender a grandeza de tudo isto! Não tem onde cair morto e ninguem o ampara! Ah! Só porque elle é pobre!...

Ainda bem o Lopes não terminara essa ultima phrase, quando o Gabiró, furibundo, entreabrindo o panno de bocca do palco, gritou:

— Pobre é a vó, seu typo indecente!!!

DIDEROT COELHO JUNIOR

VERSOS

PLENILUNIO

Anoitece. No azul do ceu se espelha,
da luz crepuscular a nostalgia.
Sómente a cruz do campanario via
do olhar de Apollo, a ultima scentelha.

O adeus á luz, o sino psalmodia.
Envolto numa chlamide vermelha,
lá no horizonte, Apollo se ajoelha
e murmura baixinho: — Ave Maria!

Transfigurada, a abobada celeste,
um manto escuro de velludo veste
e permanece em extase contricto...

Como se fôra um magico besante,
é de Diana: — Abelha fulgurante,
das flores luminosas do Infinito.

MARIO LIMA.

Os dentistas approvam a escova

Pro-phy-lac-tic

com as cerdas em tufo

DURANTE quarenta annos, os dentistas em todo o mundo teem approvado a construcção scientifica da escova Pro-phy-lac-tic com as cerdas em tufo. *Limpa todos os dentes!*

A extremidade tufada limpa os intervallos dos dentes, por detraz dos queixaes, debaixo das gengivas—desalojando as mais tenues particulas de alimento. A sua superficie com as cerdas em forma de serra limpa as superficies internas e externas de todos os dentes. É a todos os respeitos a melhor escova de dentes do mundo.

Para os arcos dentaes mais pequenos do que a media ha a escova Pro-phy-lac-tic Oval. Para as pessoas de gengivas descoloridas e sensiveis, necessitando massagem, ha a Pro-phy-lac-tic Masso.

Com grande variedade de cabos em lindas côres transparentes—tres feitios—tres tamanhos e tres differentes contexturas de cerdas—as escovas de dentes Pro-phy-lac-tic satisfazem todos os requisitos de uma escova de dentes paraq ualquer uso.

Insista-se *sempre nas genuinas escovas de dentes* Pro-phy-lac-tic.

Representantes: KRAMER & CO.
Rua Alfandega 97, Rio de Janeiro.

OVAL

MASSO

Escovas de dentes

Pro-phy-lac-tic

7107

V. Ex. não se deve equivocar com casas proximas, congeneres. Esta é a arvore com placas em azul e branco que está em frente á porta da

ALFAIATARIA GUANABARA

Rua da Carioca 54

— : —

Examine suas novas vitrines: as maiores e mais bellas do Rio!

A Sciencia enaltece as qualidades da "ASTRÉA"

O preparado ASTRÉA é de perfeita indicação na hygiene feminina, empregado em lavagens vaginaes.

a) **Fernando Magalhães.**

O uso do preparado ASTRÉA recommenda-se por suas magnificas qualidades antisepticas e hygienicas.

a) **Augusto Brandão Filho.**

«ASTRÉA» é um preparado usado em lavagens vaginaes, que eu aconselho vivamente na hygiene da mulher.

a) **Oliveira Motta.**

ASTRÉA é um dos melhores preparados destinados á toilette das senhoras. Attestando a sua efficiencia subscrevo um acto de justiça.

a) **Fernando Vaz.**

CAIXA POSTAL 2.577 — S. PAULO

O PADRÃO MUNDIAL

É a unica machina que conquistou pelos serviços prestados pela confiança que adquiriu, o titulo de INVENCIVEL em todos os campeonatos. É a machina mais resistente, a mais veloz, a mais simples, A MAIS EFFICIENTE!...

UNDERWOOD

Ha mais de 3.000.000 em uso

Unicos Agentes:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rua do Ouvidor, 98—Rio de Janeiro — S. Bento, 33—S. Paulo